MARINA PASSOS DE AZAREDO

JORNALISMO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO:
um estudo do noticiário internacional na Folha de São Paulo e no Corriere della Sera

Porto Alegre
2007

MARINA PASSOS DE AZAREDO

JORNALISMO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO:
um estudo do noticiário internacional na Folha de São Paulo e no Corriere della Sera

Trabalho realizado como pré-requisito para conclusão do curso de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca.

Porto Alegre

2007

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar os impactos da globalização na mídia impressa de dois países, bem como as suas implicações no fazer jornalístico de cada nação. A partir de uma revisão bibliográfica acerca de temas concernentes à globalização e ao jornalismo e de uma análise comparativa dos jornais de maior circulação do Brasil e da Itália, verifica-se o nível de padronização dos noticiários internacionais de cada país.

Palavras-chave: Jornalismo Internacional – Globalização – Brasil – Itália

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

1 MÉTODOS: ORIENTANDO O TRABALHO DE PESQUISA.....14

1.1 Análise de conteúdo.....14
1.2 Pesquisa bibliográfica.....18

2 GLOBALIZAÇÃO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....20

2.1 A nova sociedade global.....24
2.2 A história da globalização.....26
2.3 O processo de ocidentalização.....27
2.4 A desterritorialização.....32
2.5 O cidadão do mundo.....34
2.6 Mídia e jornalismo na sociedade global.....35

3 PARADIGMAS: TEORIA E PRÁTICA NO JORNALISMO INTERNACIONAL.....38

3.1 Teorias de jornalismo.....38
3.2 Jornalismo internacional.....45
3.2.1 Um pouco de história.....46
3.2.2 Agências de notícias.....47
3.2.3 Correspondentes internacionais.....48

4 ANÁLISE COMPARATIVA DAS EDITORIAS DE ESTERI E MUNDO.....51

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....73

6 BIBLIOGRAFIA.....77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:
Média de páginas de noticiário internacional em cada jornal.....52

Tabela 2:
Países mais citados na Folha de São Paulo.....60

Tabela 3:
Países mais citados no Corriere della Sera.....61

Tabela 4:
Distribuição nas páginas das matérias sobre a Guerra do Iraque.....62

Tabela 5:
Distribuição nas páginas das matérias sobre o caso dos marinheiros britânicos.....62

Tabela 6:
Distribuição nas páginas das matérias sobre as eleições francesas.....63

Tabela 7:
Autoria das matérias sobre a Guerra do Iraque.....67

Tabela 8:
Autoria das matérias sobre o caso dos marinheiros britânicos.....67

Tabela 9:
Autoria das matérias sobre as eleições francesas.....68

Tabela 10:
Coincidência de fontes nas matérias analisadas sobre a Guerra do Iraque.....70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:
Assuntos mais freqüentes na Folha de São Paulo.....53

Gráfico 2:
Assuntos mais freqüentes no Corriere della Sera.....57

Gráfico 3:
Presença dos Estados Unidos nas matérias da Folha de São Paulo.....59

Gráfico 4:
Presença dos Estados Unidos nas matérias do Corriere della Sera.....60

Gráfico 5:
Autoria das matérias na Folha de São Paulo.....65

Gráfico 6:
Autoria das matérias no Corriere della Sera.....66

Gráfico 7:
Caráter das fontes nas matérias analisadas sobre a Guerra do Iraque.....71

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1:
Atentados na Zona Verde de Bagdá em matéria da Folha de São Paulo.....79

Anexo 2:
Matéria do Corriere della Sera sobre o candidato francês Besancenot.....80

Anexo 3:
Matéria da Folha de São Paulo sobre racismo contra jogadoras de basquete.....81

Anexo 4:
Declarações de Hugo Chávez sobre o etanol na Folha de São Paulo.....82

Anexo 5:
Detenção de Garry Kasparov e outros manifestantes em Moscou, no Corriere.....83

Anexo 6:
Matéria do Corriere sobre expressões adequadas sobre terrorismo nos EUA.....84

Anexo 7:
Entrevista com jornalista argelina no Corriere della Sera.....85

Anexo 8:
Matéria do Corriere della Sera sobre os marinheiros britânicos feita em Londres....86

Anexo 9:
Cartunistas franceses falam sobre eleições na Folha de São Paulo.....87

INTRODUÇÃO

No final do século passado, tornou-se de uso comum uma expressão utilizada para conceituar um fenômeno mundial que mudou - e continua mudando - toda a maneira de viver das pessoas, desde os Estados Unidos até a China, passando pelos mais distantes países e provocando inúmeras transformações: a globalização.

As transformações acontecem em todos os campos, como a economia, a cultura e a política. O jornalismo não fica fora disso. Ao contrário, é uma peça-chave do processo, tendo um papel importante nesse novo panorama. O jornalismo contribui para a globalização, na medida em que aproxima as pessoas e os lugares através de suas notícias, mas também sofre com ela, já que muitos de seus preceitos foram abandonados em função das novas tecnologias presentes nas redações.

Cada ferramenta que surge em decorrência da revolução tecnológica, característica marcante do processo de globalização, provoca uma revolução no modo de se fazer jornalismo. Somente no século XX, os profissionais da imprensa tiveram que se adaptar à popularização do telefone, ao rádio, à televisão, ao telex, ao fax e, por fim, à internet. Cada vez que surgia um novo instrumento, as rotinas de produção das notícias se alteravam, provocando verdadeiras transformações no trabalho dos jornalistas.

É difícil dizer até que ponto as inovações tecnológicas foram positivas ou negativas para o jornalismo e para os jornalistas. É inegável que facilitaram o trabalho dos repórteres, aproximaram - não fisicamente, no entanto - o profissional das fontes, agilizaram o processo de envio de informações de um lugar a outro. Pensando sob esse aspecto, certamente contribuíram para um jornalismo mais ágil, mais rápido e mais abrangente, já que passou a ser possível a cobertura de fatos que ocorrem em diversas partes do mundo, nos lugares mais distantes, quase em tempo real.

Mas, por outro lado, ao mesmo tempo em que o repórter está mais próximo de suas fontes, está também mais distante, pois passou-se a fazer entrevistas por telefone, por fax, por e-mail, o que, certamente, é um ponto negativo de toda essa revolução, já que a própria função do jornalista seria contar às pessoas

aquilo que ele vê e as pessoas não. Estando distante dos fatos, o jornalista acaba tendo que confiar em outras fontes de informação, como as agências de notícias.

Isso ocorre de maneira ainda mais acentuada quando se trata do jornalismo internacional, aquele que é voltado para a cobertura de fatos que ocorrem fora do país de origem do veículo de comunicação. Devido aos altos custos que correspondentes internacionais geram para as empresas, cada vez mais tem se utilizado os serviços das agências de notícias - de texto e de imagens - na produção do noticiário internacional dos jornais. Hoje, são poucos os jornais brasileiros que contam com correspondentes fixos no exterior. A Folha de São Paulo, por exemplo, que é um dos jornais que utilizamos no trabalho, conta com apenas quatro correspondentes fixos no exterior[1].

A conseqüência dessas mudanças no fazer jornalístico, segundo um certo senso comum presente neste meio, seria uma padronização do noticiário internacional nos veículos do mundo inteiro. Diz-se que, do Brasil à Rússia, os leitores encontrarão as mesmas notícias, abordadas de maneira semelhante e com imagens iguais quando chegarem às páginas dedicadas às notícias externas. Além disso, acredita-se também que, devido a uma certa hegemonia na maneira de pensar, resultante do processo de globalização, os fatos sejam tratados de maneira semelhante e sob igual ponto-de-vista até mesmo quando relatados pelos próprios correspondentes.

Portanto, o principal objetivo deste trabalho é analisar esse processo. É claro que este é um fenômeno que está acontecendo agora, neste momento, e como em qualquer estudo que se ocupa de sua própria época, ressente-se do distanciamento que talvez seja necessário para analisá-lo. De qualquer maneira, busca-se o máximo de objetividade possível, na tentativa de antecipar, mesmo que minimamente, o que os historiadores contarão sobre o que estamos vivendo nesse início de século marcado por tantas mudanças.

Para tanto, faz-se uma comparação entre o noticiário internacional de dois grandes jornais: a Folha de São Paulo, do Brasil; e o Corriere della Sera, da Itália. São utilizados dois jornais de países diferentes com a finalidade, também, de verificar os impactos da globalização sobre as respectivas nações, o que, acredita-

[1] Dado retirado da Wikipedia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_S%C3%A3o_Paulo), em 28 de março de 2007.

se, é evidenciado nas páginas de noticiário internacional de seus jornais de maior importância.

Acredita-se que há dados relevantes sobre essas duas nações que podem justificar essa escolha. Ambos são países de língua latina. E, junto a isso, carregam uma série de outras semelhanças culturais e econômicas. Assim como o Brasil, a Itália, apesar de ser considerado um país desenvolvido, tem problemas de desigualdade social. Desigualdade essa que, como no Brasil, é ainda mais acentuada quando se fala em regiões. Na Itália, o norte é mais rico e desenvolvido em relação ao sul, que ainda vive muito as tradições e parece, em certos lugares mais isolados, não fazer parte da Europa. É uma região ainda não totalmente influenciada pela globalização que torna os países europeus cada vez mais parecidos. No Brasil, há uma grande desigualdade entre as regiões também. Aqui, o norte é menos desenvolvido. Há lugares em que não há nem mesmo energia elétrica, e seus habitantes vivem ainda muito distantes do que se convencionou chamar sociedade globalizada.

Sobre essa diferença entre as regiões do Brasil, diz-se, inclusive, que é reflexo um pouco do fato de o sul ter sido colonizado por imigrantes europeus, assim como outros do países da América do Sul - Argentina e Uruguai, principalmente. Foram alemães, japoneses, poloneses e, claro, italianos que chegaram ao Brasil nos séculos XIX e XX fugindo dos problemas sociais que assolavam seus países e em busca da fartura de terras do continente sul-americano. Esses imigrantes ajudaram a criar muitas das cidades do sul do país. Alguns desses lugares, inclusive, têm até hoje a predominância de descendentes europeus em sua população.

Por isso, acredita-se que Brasil e Itália, apesar de um estar na América do Sul, um continente ainda pouco importante no panorama mundial, e outro na Europa, um centro onde são tomadas decisões políticas que podem afetar todos os países do globo, têm muitos aspectos em comum - apesar de as diferenças também serem numerosas - e que a comparação entre jornais das duas nações será interessante também sob esse aspecto de semelhanças culturais e econômicas.

Mas é claro que os dois países possuem uma infinidade de jornais e, para o trabalho, foram escolhidos apenas dois. A escolha da Folha de São Paulo e do Corriere della Sera se deu em função de ambos serem os diários de maior circulação em seus países. De acordo com a Accertamenti Diffusione Stampa

(ADS)[2], instituto de verificação de circulação de jornais italiano, o Corriere foi o jornal com a maior circulação em 2005, com cerca de 677 mil exemplares por dia. No Brasil, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), disponibilizados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), o jornal de maior circulação é a Folha de São Paulo, com aproximadamente 307 mil exemplares por dia em 2005[3]. Além disso, ambos os veículos - tanto o italiano quanto o brasileiro - se pretendem jornais de abrangência nacional, com notícias de todas as regiões de seus respectivos países.

Essa comparação será feita com base em uma amostragem, um espaço de tempo de duas semanas, que compreende o início do mês de abril de 2007. É claro que seria possível fazer um estudo como esse utilizando um período maior, o que, inclusive, poderia torná-lo mais completo e abrangente. No entanto, o período de duas semanas - ou seja, 14 edições de cada jornal - foi escolhido devido ao curto espaço de tempo disponível para a realização dessa pesquisa - cerca de três meses. Além disso, acredita-se que é o suficiente para atingir alguns objetivos propostos, que serão especificados a seguir. São utilizadas as páginas dedicadas às notícias internacionais dos jornais, aquelas que estão sob as cartolas Mundo - na Folha de São Paulo - e Esteri - no Corriere della Sera -, deixando de lado outras notícias que façam referência a fatos acontecidos no exterior mas que não estejam dentro dessa classificação.

Essa seleção do noticiário não se dá de maneira específica, com a abordagem de um único grande evento, mas sim com a escolha de um período de tempo, porque o objetivo do trabalho é justamente analisar comparativamente as editorias de notícias internacionais de dois grandes jornais do Brasil e da Itália - países circunscritos a contextos distintos geograficamente e economicamente, porém com algumas semelhanças, como já foi dito. A finalidade dessa comparação é apreender possíveis padronizações na cobertura e nas abordagens de temas e eventos de repercussão mundial, em conseqüência da globalização e da proliferação das agências de notícias.

Para atingir o objetivo geral do trabalho, trata-se, antes, de alcançar objetivos específicos, que são:

a) analisar os temas de que tratam as notícia publicadas no período;

[2] http://www.adsnotizie.it
[3] http://www.anj.org.br

b) verificar o destaque dado a esses temas;

c) averiguar as ocasiões em que são utilizadas matérias de correspondentes e de enviados, bem como quando os textos das agências de notícias têm preferência;

c) fazer um levantamento das fontes utilizadas para a sua produção.

Para responder aos objetivos da pesquisa, utiliza-se, além da pesquisa bibliográfica, a análise de conteúdo, que acredita-se ser o método mais apropriado para entender esse processo. A partir de uma análise cuidadosa do conteúdo das páginas de noticiário internacional, pretende-se ter condições de chegar a uma conclusão sobre o assunto que, se não será definitiva, ao menos espera-se que contribua para futuros estudos na área do jornalismo internacional.

A monografia está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, é abordada a metodologia de trabalho. Como referiu-se anteriormente, os métodos utilizados serão a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo. Nesse capítulo, discorre-se sobre cada um desses procedimentos metodológicos e a pertinência deles neste estudo.

No segundo capítulo, são abordados os conceitos de globalização e as implicações desse processo na sociedade, mas principalmente na comunicação e na mídia.

Algumas abordagens de teoria do jornalismo estão no terceiro capítulo, assim como a conceituação, a história e as peculiaridades do jornalismo internacional, incluindo nesse tópico questões sobre os correspondentes internacionais e as agências de notícias. Para tanto, utiliza-se, principalmente, os estudos de Nelson Traquina e Felipe Pena, na área de teoria do jornalismo, e João Batista Natali, na área de jornalismo internacional, além de outros autores que também tiveram papel importante durante o processo de pesquisa bibliográfica.

Na quarta parte da monografia, está a análise dos jornais propriamente dita, com tudo o que foi apreendido nessa etapa do trabalho, que se constitui como a mais importante para a elaboração de uma conclusão a respeito do problema de pesquisa.

Nas considerações finais, procura-se esclarecer alguns pontos acerca do problema de pesquisa proposto, que consiste numa análise comparativa entre as editorias de notícias internacionais de dois grandes jornais de países diferentes, numa tentativa de apreender possíveis padronizações na cobertura e nas

abordagens de temas e eventos de repercussão mundial. No mesmo item, avalia-se o percurso da pesquisa e apontam-se questões surgidas no processo de investigação que podem dar continuidade às reflexões sobre o tema imprensa e globalização.

1 MÉTODOS: ORIENTANDO O TRABALHO DE PESQUISA

Este capítulo trata dos procedimentos metodológicos utilizados no estudo, a fim de - como já foi explicitado na Introdução - verificar o impacto da chamada globalização em dois grandes jornais: a Folha de São Paulo, do Brasil; e o Corriere della Sera, da Itália. Os métodos escolhidos para a realização do trabalho são a análise de conteúdo e a pesquisa bibliográfica.

Para que se possa chegar a um resultado satisfatório em um trabalho que se propõe a estudar a imprensa, fazendo uma comparação entre o noticiário internacional de dois veículos, são necessários métodos para orientar o trabalho do pesquisador. Nesse caso, a análise de conteúdo e a pesquisa bibliográfica têm a função de fazer com que o senso comum sobre a padronização das notícias no mundo inteiro seja superado. Isso só pode ser feito a partir do esforço em abandonar as convicções do pesquisador, que vêm carregadas de muita subjetividade. Os métodos, portanto, são um guia para a realização da pesquisa, tendo consciência da impossibilidade de se alcançar um conhecimento objetivo quando se trata de um trabalho feito por pessoas, e não por máquinas. Mas é justamente nesse ponto que a metodologia, ao disciplinar um pouco o processo de análise, torna-se importante.

Segundo Gil (1999, p. 26), "pode-se definir método como o caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento". Portanto, o estabelecimento dos processos metodológicos a serem utilizados é parte essencial do trabalho, assim como a sua adequada aplicação constitui um elemento fundamental para que a pesquisa alcance os seus objetivos.

1.1 A análise de conteúdo

Como já foi mencionado no início desse capítulo, um dos métodos utilizados nesse trabalho é a análise de conteúdo. Acredita-se que esse seja um procedimento adequado para atingir os objetivos da pesquisa, que pretende verificar a influência da globalização no noticiário internacional de dois grandes jornais de países diferentes. Essa pesquisa requer uma análise cuidadosa das páginas de Mundo - no caso da Folha de São Paulo - e de Esteri - no caso do Corriere della Sera. Por isso, esse foi escolhido como um dos métodos do estudo.

A análise de conteúdo é muito utilizada em pesquisas que trabalham com os meios de comunicação de massa, sendo apropriada para o estudo de jornais, revistas e, até mesmo, da programação radiofônica e televisiva. Segundo Bardin (1977, p. 31), "a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações". E o autor complementa:

> Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 1977, p. 32).

Há diversas definições para essa metodologia. A primeira e mais conhecida até hoje é a definição de Berelson, que diz que "a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação" (BERELSON apud BARDIN, 1977, p. 51). A ênfase no aspecto quantitativo se deve ao fato de a análise de conteúdo ter sua origem no positivismo, corrente de pensamento desenvolvida por Augusto Comte (1798 - 1857), que tem como a sua principal característica a valorização das ciências exatas como paradigma de cientificidade. Isso se dá porque ela surgiu, na primeira metade do século XX, como uma "reação contra a antiga análise de texto, excessivamente subjetiva, e de uma necessidade de sistematização imposta pelo prodigioso desenvolvimento da comunicação de massa" (KIENTZ apud FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 282).

As definições mais recentes trabalham, no entanto, com o aspecto qualitativo da análise de conteúdo. Para Krippendorff (1990, p.29), "é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto". Entre as conceituações atuais, está também a de Bauer.

> A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos "tipos", "qualidades", e "distinções" no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e análise quantitativa dos materiais. (BAUER, 2000, p. 190)

Ainda segundo o autor, a análise de conteúdo reduz a complexidade de uma coleção de textos e, ao ser utilizada para estudar uma grande quantidade de material, possibilita a destilação do mesmo em uma descrição curta de algumas de suas características. Por isso, acredita-se ser esse o método mais adequado para a execução da pesquisa, possibilitando algumas considerações sobre o tema ao fim do trabalho.

É com a análise das páginas de noticiário internacional da Folha de São Paulo e do Corriere della Sera durante as primeiras duas semanas do mês de abril de 2007 que se pretende apreender possíveis padronizações das notícias, na tentativa de superar o senso comum vigorante no meio jornalístico segundo o qual, devido à globalização e às tecnologias que a impulsionam, as notícias são as mesmas - e abordadas da mesma maneira - no mundo inteiro. O período pesquisado é limitado a duas semanas, pois pensa-se que essa seja uma quantidade de jornais suficiente para que sejam feitas algumas inferências sobre o tema do trabalho. Acredita-se, também, que isso possibilitará uma análise mais cuidadosa dos jornais escolhidos. De acordo com Bauer (2000, p. 197), "uma amostra pequena, sistematicamente selecionada, é muito melhor do que uma grande amostra de materiais escolhidos ao acaso". Espera-se, portanto, que, dessa maneira, o trabalho possa ser melhor conduzido e que a pesquisa se torne mais esclarecedora.

A análise de conteúdo é divida em três etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação (FONSECA JÚNIOR, 2005).

A pré-análise consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as idéias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas. A fase de exploração do material refere-se à análise propriamente dita, envolvendo as operações de codificação dos dados. Já a terceira etapa abrange operações estatísticas e a elaboração de diagramas, figuras e modelos. É a partir dos resultados atingidos nessa etapa que o analista pode propor inferências acerca do tema estudado. A fase mais importante para o bom andamento do trabalho, no entanto, é mesmo a primeira.

> De todas as fases da análise de conteúdo, a pré-análise é considerada uma das mais importantes, por se configurar na própria organização da análise, que serve de alicerce para as fases seguintes. Envolve a escolha de documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, bem como a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 290).

Para Bauer (2000), uma boa análise de conteúdo deve ter os seguintes atributos: coerência, transparência, fidedignidade e validade.

A coerência se refere ao sistema de categorias elaborado pelo pesquisador, estando relacionada com o valor estético da pesquisa, já que "[...] um referencial de codificação gracioso é aquele que é internamente coerente e simples, de tal modo que todos os códigos fluem de um único princípio ao invés de estarem enraizados na meticulosidade de um empirismo" (BAUER, 2000, p. 203). As categorias devem agrupar informações apreendidas pelo estudioso durante a análise do corpus selecionado para a pesquisa, facilitando, assim, o trabalho de classificação. Um grupo de categorias mal elaborado, incoerente com o objetivo do estudo, provavelmente resultará em uma análise muito mais trabalhosa e imprecisa.

A transparência está relacionada às informações prestadas pelo pesquisador sobre a sua metodologia de trabalho, através do esclarecimento de todos os passos da pesquisa que o levaram às conclusões explicitadas ao final. Isso é importante porque "[...] assegura uma prestação pública de contas e serve para que outros pesquisadores possam reconstruir o processo caso queiram imitá-lo" (BAUER, 2000, p. 206).

A fidedignidade é, certamente, o ponto mais importante dos quatro apresentados por Bauer, sendo definida como uma concordância entre intérpretes. Uma análise é fidedigna quando duas ou mais pessoas, ao fazerem a mesma pesquisa, utilizando exatamente o mesmo corpus, chegam a resultados iguais. Esse deve ser o objetivo do pesquisador ao organizar o seu trabalho, desde a escolha do corpus até o estabelecimento de categorias. Sabe-se, contudo, que a perfeita fidedignidade é um tanto utópica, já que estão implicados julgamentos humanos no trabalho. Bauer (2000) ressalta também que esse ponto depende da quantidade de treinamento do analista. De qualquer maneira, é sempre um objetivo a ser perseguido pelo pesquisador.

O último requisito apresentado por Bauer para que se possa fazer uma boa análise de conteúdo é a validade, que se refere à correta representação do texto pelos resultados apresentados. De acordo com Krippendorf, há a validade dos dados, dos resultados e dos procedimentos utilizados na pesquisa. Eles devem estar de acordo com os objetivos propostos no trabalho (KRIPPENDORF apud BAUER, 2000).

Nesta monografia, portanto, a partir do método de análise de conteúdo, faz-se uma análise cuidadosa das páginas de noticiário internacional da Folha de São Paulo e do Corriere della Sera. Para tanto, trabalha-se com dados estatísticos sobre os assuntos mais abordados em cada jornal, o espaço dedicado a cada tema de repercussão mundial, a quantidade de matérias produzidas por correspondentes dos veículos, o número de textos obtidos nas agências de notícias e as fontes utilizadas pelos dois diários nas suas editorias de noticiário internacional. A partir desses dados quantitativos, são feitas inferências, que possibilitam algumas conclusões acerca do impacto da globalização na imprensa do Brasil e da Itália.

1.2 Pesquisa bibliográfica

Toda monografia parte do conhecimento empírico do pesquisador. Não pode, no entanto, ser resumida às idéias prévias do estudioso. Por isso, para uma melhor abordagem do tema proposto, é necessária a consulta a outras fontes. A pesquisa bibliográfica amplia os conhecimentos do pesquisador, proporcionando a noção de diferentes visões sobre os temas abordados. Consiste, portanto, em etapa importante de um trabalho monográfico.

> Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias idéias e opiniões (STUMPF, 2005, p. 51).

A revisão bibliográfica orienta o autor do trabalho, na medida em que aponta caminhos e os passos a seguir durante a sua concretização. Por isso, ela precede até mesmo a definição do problema de pesquisa, ajudando em algumas

decisões que devem ser tomadas, como, por exemplo, no recorte e no suporte utilizados.

Depois de pronto, o trabalho acadêmico se junta à bibliografia pré-existente sobre o tema e torna-se mais uma fonte de consulta para os futuros pesquisadores. Também por esse motivo é importante que se saiba o que já foi produzido na área, a fim de contribuir com novas visões sobre o assunto estudado, não acrescentando mais um trabalho com idéias anteriormente expostas.

A pesquisa bibliográfica é, portanto, indispensável em qualquer trabalho acadêmico. No caso desta monografia, não é diferente. Nas próximas páginas, está evidente a importância da revisão bibliográfica, representada na abordagem de temas como globalização, teorias de jornalismo e noticiário internacional.

2 GLOBALIZAÇÃO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Neste capítulo, abordam-se aspectos referentes à globalização. Seus conceitos, suas características e seus impactos na sociedade e na comunicação são temas estudados a partir da ótica de teóricos que já abordaram o tema. Procura-se aproximar um conceito de globalização, já que este é fundamental no trabalho, que se propõe a estudar o seu impacto no noticiário internacional de dois grandes jornais - a Folha de São Paulo e o Corriere della Sera.

Optou-se por fazer um estudo do tema antes dar início à análise propriamente dita porque acredita-se que, para realizar um trabalho que envolva o jornalismo internacional atualmente, fazendo uma comparação entre dois grandes veículos de países diferentes, é essencial que se faça uma aprofundada pesquisa sobre os efeitos da globalização na sociedade e na própria mídia, que não são poucos. Seria equivocado realizar uma monografia como essa sem abordar os motivos pelos quais o jornalismo funciona da maneira como funciona hoje. Por isso, antes da análise e do próprio capítulo que aborda questões relativas ao jornalismo, decidiu-se por fazer um breve estudo da globalização.

O conceito e as características de globalização estão em constante modificação, devido à velocidade com que ocorrem as transformações atualmente. Entre os autores que estudam o tema, também há divergências, como esclarece Sodré.

> O sentido de uma palavra como globalização ou comportamento de um ator social em face desse sentido podem variar de um indivíduo para outro, de uma região do mundo para outra, ou mesmo de um curto período de tempo para outro (SODRÉ, 2004, p. 21).

As próprias inovações tecnológicas, que são um dos aspectos que possibilitaram esse fenômeno, têm acontecido de forma tão rápida que uma obra escrita sobre a internet no final da década de 90 já está desatualizada. Por isso, apesar de termos trabalhado com autores consagrados, como Octávio Ianni, Manuel Castells e David Harvey, deve-se salientar que suas obras não tratam de maneira aprofundada de questões relativas às inovações tecnológicas e acontecimentos históricos.

De qualquer forma, os principais conceitos e questões abordadas na bibliografia selecionada continuam atuais, na medida em que tratam dos impactos da globalização na sociedade. Mesmo que ainda não se conhecesse o YouTube ou que o World Trade Center ainda não tivesse sido destruído pelos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 quando as obras foram escritas, não se pode desprezar tudo o que os autores disseram sobre o assunto. É claro que acontecimentos como os citados podem ter mudado drasticamente os rumos da história, mas as reflexões apontadas sobre o tema desta monografia nas obras são ainda muito atuais, na medida em que estudam as transformações sociais que aconteceram em todo o mundo no final do século passado, que são o que realmente nos interessa, já que se trata de um trabalho que aborda todo o surgimento de uma nova conjuntura socioeconômica, e não apenas seus aspectos históricos.

A partir das últimas décadas do século XX, tornou-se comum o uso de expressões como "aldeia global", "fábrica global", "nova babel" e "sociedade informática" para caracterizar e qualificar as transformações por que passava o mundo de norte a sul, de leste a oeste, do primeiro ao terceiro mundo[4], do Ocidente ao Oriente (IANNI, 1996). São metáforas que circulam pela bibliografia sobre globalização.

Segundo Ianni (1999), o mundo está novamente em revolução e passa por transformações que começaram depois da Segunda Guerra Mundial e se intensificaram após as reformas iniciadas por Gorbachev na extinta URSS, em 1985. A queda do Muro de Berlim, em 1989, simboliza não só a crise do socialismo nos países do Leste Europeu, mas a possibilidade de expansão do capitalismo para "o outro lado do mundo".

O que aconteceu foi a derrocada de um sistema que tinha como principais características o partido único; o controle pelo Estado sobre toda a vida pública; a propriedade estatal dos meios de produção; a produção e distribuição de mercadorias, salários e investimentos controladas pelos comitês de planejamento estatal; uma sociedade organizada hierarquicamente; a cultura dominada pela ideologia oficial; e um política de pleno emprego e preços de alimentos básicos, energia, aluguéis e serviços subsidiados.

[4] Essa terminologia refere-se à Teoria dos Mundos, que dividia as nações por grandeza econômica. O Primeiro Mundo era composto pelos países desenvolvidos. O Segundo, pelas nações do bloco socialista. O Terceiro era formado por todas as nações pobres e subdesenvolvidas. A terminologia entrou em desuso após a dissolução da antiga União Soviética.

Em seu lugar, prevaleceu o capitalismo, um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e propriedade intelectual, e na liberdade de contrato sobre estes bens. Esse novo sistema acaba por impor-se como processo civilizatório a todas as outras formas sociais de vida e trabalho. Mesmo em países que inicialmente não aderiram ao capitalismo, ele se mostra presente, através da hostilidade e do bloqueio oriundos dos países "centrais". O resultado é que a China, por exemplo, uma das nações que tentaram evitar a abertura de suas fronteiras para o capitalismo, não resistiu por muito tempo. Hoje, muitos autores a consideram um dos países mais capitalistas do globo.

Mas Ianni (1999) deixa claro que, embora essa seja uma era de mais homogeneidade quando se fala em sistemas econômicos, não é uma era de menos conflitos.

> Aos poucos, fica evidente que terminou uma época, mas não terminaram os desafios. Ao contrário, eles se recriam com novos ingredientes. Reabrem-se as disputas entre nações capitalistas. A Alemanha e o Japão surpreendem e já parecem incomodar os Estados Unidos e a Europa. Os Estados Unidos dão sinais de declínio, aquém da missão civilizatória global que procuravam assumir. Reaparacem os graves problemas do Terceiro Mundo. Mais uma vez, as difíceis condições de vida e trabalho da maioria da humanidade esperam resoluções (IANNI, 1999, p. 21).

A instituição do capitalismo como o sistema econômico mundial provocou diversas alterações na ordem mundial vigente, levando ao que Ianni chama de "sociedade global". Elson caracteriza esse novo momento da seguinte maneira:

> As características da marcha da globalização incluem a internacionalização das finanças e seguros comerciais, a mudança da divisão internacional do trabalho, o vasto movimento migratório do sul para o norte e a competição ambiental que acelera esses processos (ELSON apud IANNI, 1999, p. 22).

Sobre isso, é importante ressaltar ainda que a globalização não é um fenômeno acabado. Como foi dito anteriormente, ela se movimenta, se modifica, se transforma. Enfrenta obstáculos, sofre interrupções, desenvolve-se mais em alguns países e menos em outros. O fato é que nenhuma localidade do mundo passa incólume por essa nova "sociedade global".

Segundo Dreifuss, há três "mega-processos" em curso que têm provocado diversas mudanças e são a marca dessa complexa e complicada época de perplexidades. Um deles é a própria globalização, ou transnacionalização, que é responsável pela superação dos mercados nacionais. Outro é a metanacionalização, ou mundialização, das manifestações culturais e societárias, que está "reafirmando *diversidade* junto à *homogeneidade, singularidade* interagindo com *universalidade,* e com a *particularidade* destacando-se na *generalidade"* (DREIFUSS, 2004, p. 115). Por fim, há a supranacionalização, ou planetarização, das possibilidades de gestão institucional, sobreponde-se aos Estados.

Nesse novo cenário, além de um sistema econômico hegemônico, há um dado importante que mudou radicalmente a história da humanidade e que é característico dessa nova era. Com a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, o mundo, que até então era dividido em dois grande blocos identificados como o capitalismo versus o socialismo, transformou-se em uma única massa capitalista. Os Estados Unidos, que por décadas travaram a Guerra Fria com o outro pólo do mundo, a União Soviética, aparentemente tinham ficado sem um inimigo identificável. Isso fez com que muitos historiadores declarassem o fim da história, definindo como seu evento derradeiro a queda do Muro. Sem essa rivalidade, a categoria superpotência - como eram chamados os dois países rivais - esvaziou-se de significado, porque o que a caracterizava era justamente a rivalidade entre os Estados Unidos e União Soviética.

Mas os fatos que se seguiram ao ano de 1989 provaram que a história não havia chegado ao fim. Os Estados Unidos encontraram um novo inimigo: o Islã. A década de 90 e, principalmente, os primeiros anos do século XXI foram marcados pelo terrorismo. Depois dos atentados de 11 de setembro e dos ataques em Madri e em Londres, há uma nova polarização do mundo: Estados Unidos e União Européia versus o "Eixo do Mal", composto pelos países islâmicos e pelos detentores de tecnologia nuclear. Esses fatos levaram às primeiras guerras do novo século: a invasão do Afeganistão e do Iraque pelos Estados Unidos. Sobre isso, Barber afirma que, diante de uma nova realidade em que estão presentes rivalidades tribais, terrorismo, integrismo religioso, fanatismo de extrema-direita e guerras civis, "as

profecias sobre o fim da história servidas ao molho Fukuyama[5] deram com os burros n'água" (BARBER, 2004, p. 44).

É nesse contexto pós-Guerra Fria que se desenvolve a sociedade global em que vivemos hoje. Ford (2004) lembra ainda que foram transformados não somente as estruturas de trabalho, a família, as cidades, a vida cotidiana e a lei[6], mas também os sistemas clássicos de informação, como a publicidade e o jornalismo. A seguir, são estudadas algumas das características dessa nova era e seus impactos nas sociedades e na comunicação.

2. 1 A nova sociedade global

Segundo Ianni, a história recomeçou após a queda do Muro. No lugar das sociedades nacionais, surgiu a sociedade global. "Em lugar do mundo dividido em capitalismo e socialismo, um mundo capitalista, multipolarizado, impregnado de experimentos socialistas" (1999, p.35).

O mundo sofreu profundas transformações ao longo de todo o século XX, que nos trouxeram até a situação em que vivemos hoje - e aqui prefere-se evitar um juízo de valor, deixando para outros estudos o questionamento se essa situação mencionada é positiva ou negativa. O fato é que não há mais como agrupar os países em listas classificatórias, como agrários ou industrializados, pobres ou ricos, colônias ou metrópoles, dependentes ou dominantes, arcaicos ou modernos. Depois da Segunda Guerra Mundial, essas estruturas perfeitamente definidas e diferentes umas das outras foram desaparecendo até chegar ao estágio em que estamos hoje, em que as relações são mundializadas e todas as esferas da vida das pessoas são alcançadas pelos impactos da globalização. Sobre essa nova conjuntura, Ianni afirma:

> As sociedades contemporâneas, a despeito as suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade global. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório. Nesse contexto, as formas regionais e nacionais evidentemente continuam a subsistir e atuar. Os nacionalismos e regionalismos sociais, econômicos, políticos culturais, étnicos, lingüísticos,

[5] O filósofo e economista político nipo-estadunidense Francis Fukuyama afirma, em sua obra O Fim da história e o último homem, que o triunfo da democracia liberal ocidental sobre todos os demais sistemas e ideologias correntes representa o fim dos processos históricos da humanidade.

[6] O autor menciona como exemplo as discussões referentes ao direito à privacidade.

> religiosos e outros podem até ressurgir, recrudescer. Mas o que começa a predominar, a apresentar-se como uma determinação básica, constitutiva, é a sociedade global, a totalidade na qual pouco tudo o mais começa a parecer parte, segmento, elo (IANNI, 1999, p. 39).

Por isso, no contexto de uma sociedade globalizada, o Estado-nação é redefinido, perdendo algumas de suas prerrogativas econômicas, políticas, culturais e sociais. Fica, portanto, fragilizado. O que era tradicional e reconhecidamente localizado em países ou cidades se desterritorializa, mesmo quando se trata de nações ou cidades consideradas poderosas. Nesse processo, as empresas multinacionais e as organizações multilaterais têm um papel importante, na medida em que tomam decisões que ultrapassam as fronteiras geográficas e que passam a operar não mais em uma economia nacional, mas em uma economia global. Os movimentos de capital, tecnologia e força de trabalho, por exemplo, são fortemente impulsionados por essas organizações e fazem com que as sociedades nacionais passem a depender da sociedade global. Esta adquire cada vez mais importância neste cenário "desterritorializado".

Barber fornece exemplos dessa nova cultura:

> Na Europa, na Ásia e na América, os mercados já desgastaram as soberanias nacionais e deram origem a uma nova cultura: a cultura dos bancos internacionais, das organizações comerciais, dos *lobbies* transnacionais como a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), dos serviços mundiais de informação (CNN e BBC) e das empresas multinacionais. São os novos soberanos de um mundo em que os Estados-nações não são mais capazes de regrar sua própria economia e menos ainda de controlar os movimentos de capitais nos mercados planetários (BARBER, 2004, p. 43).

Uma das conseqüências desse novo panorama é que muito do que é típico de um determinado lugar, de um país, de uma região do globo "viaja" para outras partes e, de nacional ou local, passa a ser global. Culturas diferentes se misturam, se agrupam, se transformam em decorrência de contatos que até o início dessa nova época aconteciam em escala muito menor.

Harvey afirma que o capital tem formas de apropriar-se das diferenças locais e tem a capacidade de extrair excedentes dessas diferenças. Ele dá como exemplos turistas europeus que podem conseguir passeios comercializados no Harlem (com coro gospel incluído) e a apropriação da criatividade localizada e de

raiz dos músicos pela indústria de música dos Estados Unidos - inclusive de ritmos historicamente politizados que falam de uma longa história de opressão, como o rap e o reggae. E diz ainda que "a mercantilização e a comercialização desavergonhadas de tudo são [...] marcas registradas de nosso tempo" (HARVEY, 2004, p. 166).

Um exemplo de uma instituição que ainda não se adequou à sociedade global é a própria Organização das Nações Unidas (ONU), que tem um sistema ainda muito baseado nos estados nacionais (IANNI, 1999). A partir do momento em que ela depende das nações mais poderosas nas tomadas de decisões, já que estas têm mecanismos que lhes concedem mais força, como o poder de veto no Conselho de Segurança, seu poder fica limitado. É uma organização que funciona ainda com um sistema em que os estados nacionais são soberanos, num mundo em que tudo tem funcionado ignorando as fronteiras entre as nações, em escala global. Dreifuss afirma ainda que "as Nações Unidas passarão a sofrer marcantes transformações (de composição, funcionamento, sentido de ação) ao longo dos primeiros cinqüenta anos do século XXI" (2004, p. 115), procurando adaptar-se à nova realidade.

Ianni (1999, p. 50) ressalta que a formação da sociedade global "modifica substancialmente as condições de vida e trabalho, os modos de ser, sentir, pensar e imaginar". Mas esse é, certamente, um fenômeno que ainda não está terminado. As pessoas, do Oriente ao Ocidente, ainda estão aprendendo a viver nessa nova conjuntura, que tem estado em constante transformação desde os seus primeiros passos, na segunda metade do século passado.

2.2 A história da globalização

A história da globalização está diretamente relacionada à história do capitalismo. Foi esse o sistema único econômico que possibilitou que o mundo se tornasse global, justamente por suas características de livre mercado e livre iniciativa. Ianni (1999) estabelece algumas características essenciais do capitalismo como processo civilizatório.

A primeira delas é a sua expansão contínua pela geografia e pela história das nações e continentes, atravessando mares e oceanos. Ele revoluciona as relações econômicas, políticas e sociais. O autor afirma, inclusive, que o Novo

Mundo, a África, a Ásia e a Oceania que conhecemos são invenções do capitalismo, concebido como um processo civilizatório universal (1999).

A segunda característica é a capacidade de criar e recriar as forças produtivas e as relações de produção, tanto na periferia como nos próprios países dominantes. A tecnologia sofistica a divisão do trabalho social e a especialização da força de trabalho, informatizando atividades econômicas, políticas e sociais. O capitalismo não pára de se desenvolver. Por isso, a tendência é que essas transformações não parem, ou pelo menos não parem em breve.

A terceira e última característica apresentada por Ianni é "a simultânea concentração e centralização do capital em escala mundial" (1999, p. 54). O capitalismo, portanto, envolve a reprodução do capital, de maneira cada vez mais ampla, simultaneamente nacional, continental e global.

> A rigor, a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização, da globalização do mundo. Um processo histórico de larga duração, com ciclos de expansão e retração, ruptura e reorientação (IANNI, 1999, p. 55).

Complementando as características mencionadas por Ianni, Harvey (1996) fala de outras, como o surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. Por isso, o sistema, que ele também chama de *acumulação flexível,* envolve mudanças desiguais nos padrões de desenvolvimento, tanto entre setores como em regiões geográficas. Ele afirma, portanto, que a *acumulação flexível* é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo[7].

Harvey acrescenta ainda a importância do acesso ao conhecimento científico e técnico nessa nova conjuntura. É claro que o conhecimento foi importante em toda a história da humanidade, mas nesse período pode-se observar uma renovação de interesse e de ênfase, já que "o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva" (HARVEY, 1996, p. 151). O saber, nesse contexto, torna-se mais uma mercadoria a ser produzida e vendida.

[7] Por fordismo, Harvey (1996) entende o regime de acumulação caracterizado pela produção para consumo massivo, que teve seu ápice no período posterior à Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 50 e 60. A crise da década de 70 foi considerada uma crise do próprio modelo fordista.

Após a dissolução da União Soviética, o fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim, três eventos históricos que estão intimamente ligados e que tiveram lugar na segunda metade da década de 80, o panorama em que ocorre um surto de globalização nunca antes visto em termos de potência é bem diferente daquele vivido até então. Por isso, Ianni (1999) afirma que o processo de globalização que está em curso atualmente apresenta características especiais.

A primeira dessas características é a energia nuclear, que tornou-se a mais poderosa técnica de guerra. Inicialmente privilégio apenas das superpotências - Estados Unidos e União Soviética -, hoje está disponível até para nações de escalões mais baixos. Um bom exemplo é o Irã, que vem ameaçando os norte-americanos com a construção de reatores nucleares.

O segundo ponto é a capacidade de formar e informar que os donos do poder - principalmente nos países dominantes - adquirem em função da revolução informática. Isso está relacionado também à diferença de equipamentos entre as nações. Os Estados Unidos têm 805 televisores para cada mil pessoas; a Etiópia tem 4,4. A Suécia tem 681 telefones para cada mil habitantes; a Índia tem 13. Com relação à internet, 88% de todos os seus usuários vivem em países industrializados, que representam apenas 15% da população mundial. O sul da Ásia, que tem 20% da população mundial, tem apenas 1% dos usuários da internet (FORD, 2004).

Em terceiro lugar, vem o sistema financeiro internacional em perfeita conformidade com as determinações dos países dominantes, além de organizações como o G7, Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. Martín-Barbero (2004, p. 58) afirma que "a única dimensão realmente existente até agora é o mercado, que, mais do que unir, busca unificar". Ele diz ainda que o que está unificado em nível mundial não é uma vontade de liberdade, mas sim de domínio; não é o desejo de cooperação, mas o de competitividade.

A quarta característica apontada por Ianni é a influência que as grandes corporações e conglomerados multinacionais têm sobre as relações econômicas mundiais, incluindo a dinâmica dos meios de produção e das forças produtivas. Em quinto, está a nova escala da reprodução ampliada do capital, que recria relações nos quatro cantos do mundo.

Como sexto ponto, o autor identifica o inglês como língua universal. Indivíduos e grupos dos mais distintos países, pobres ou ricos, ocidentais ou

orientais, periféricos ou dominantes, o utilizam em suas relações sociais, políticas e econômicas.

E, por fim, há o ideário do neoliberalismo, que adquire predomínio mundial, "como ideologia e prática, modo de compreender e agir, forma de gestão do mercado e poder político, concepção do público e privado, ordenação da sociedade e visão do mundo" (IANNI, 1999, p. 58). Sodré apresenta outra definição para o sistema neoliberal:

> [...] neoliberalismo é uma simples denominação, dentre outras possíveis, para a ideologia liberal *aggiornata,* isto é, para a consolidação do capital monopolista em sua fase de apogeu imperial ou de *globalização.* Uma prática [...] que busca consolidar ideologicamente (em discursos e ações) a nova substância política reguladora das trocas globais, resumida, por mais de um autor na palavra "império" (SODRÈ, 2004, p. 27).

A globalização atinge não só os grandes centros, mas também as periferias, as áreas rurais, os países subdesenvolvidos e menos importantes economicamente do globo. Mas as mesmas forças envolvidas na padronização da arte, da cultura, dos modos de vida, dos meios de produção, da força de trabalho, da maneira de pensar também produzem fragmentação, na medida em que as desigualdades acentuam-se, pois são freqüentemente recriadas. Sob essa ótica, pode-se dizer que o capitalismo tanto produz interdependência mundial como produz contradições localizadas e gerais, nacionais e globais (IANNI, 1999).

2.3 O processo de ocidentalização

Segundo Ianni (1999, p. 71), está em curso um novo ciclo do processo de ocidentalização do mundo, que é "[...] simultaneamente social, econômica, político e cultural, sempre se desenvolvendo de modo desigual, articulado e desencontrado". O modo de vida originado na Europa e revigorado nos Estados Unidos agora encontra-se, mais uma vez, em franca expansão. São padrões e valores sócio-culturais, modos de vida e trabalho, formas de pensamento, possibilidades de imaginação. Entre os elementos básicos da civilização ocidentalizada, estão o liberalismo econômico e o contratualismo político.

Esse processo civilizatório também pode ser chamado de europeização, americanização, ocidentalização, cristianização, modernização e racionalização. Ele tem predominado em todas as regiões do globo, sobre outras formas civilizatórias, como o hinduísmo, o budismo, o confucionismo, o islamismo, a negritude e o indigenismo, apesar de apropriar-se também de algumas características desses últimos, mesmo que em menor escala do que eles o fazem quando os dois processos são colocados em contato.

> Mesmo nos locais onde as forças da religião e do tribalismo se opõem a McWorld[8], ele faz melhor que seus adversários. Os integristas iranianos talvez tenham um ouvido voltado para o mulá que os exorta à guerra santa, mas o outro está voltado para a Star Television, canal de Rupert Murdoch [...] (BARBER, 2004, p. 42).

Essa cultura é capaz de transformar quase tudo em mercadoria, inclusive signos, símbolos e fetiches. Segundo Ianni (1999), essa é uma exigência da racionalização formal, pragmática, cada vez mais vazia de valores gerais e particulares. Aos poucos, em todos os lugares do globo, apesar de suas diferenças, os indivíduos e a sociedade em geral passam a ser movidos pela mercadoria, pelo mercado, pelo dinheiro, pelo capital, pela produtividade e pela lucratividade, elementos característicos do capitalismo, sistema que está intrínseco aos processos de ocidentalização do mundo e de globalização.

Os meios de comunicação estão, inclusive, a serviço desse processo, na medida em que mobilizam seus recursos para "reeducar" povos, nações e continentes. Nessa grande sociedade ocidental, "a ideologia transforma-se em uma espécie de 'videologia' à base de sons expressos em bits e de videoclipes" (BARBER, 2004, p. 43). Harvey dá como exemplo do processo de ocidentalização - e, nesse caso, americanização mais do que ocidentalização - a disneyficação da Europa, que "está tentando reprojetar-se segundo os padrões Disney (e não só em benefício de turistas norte-americanos). Mas, e aqui está o núcleo da contradição, quanto mais a Europa se torna disneyficada, menos única e especial fica" (HARVEY, 2004, p. 144).

Para Barber esse processo de ocidentalização engendra comportamentos idênticos em toda parte, aqueles de uma vida urbana e cosmopolita.

---

[8] Benjamin Barber chama a cultura mundial americana de cultura McWorld.

> Os pilotos de linha, os programadores de informática, os realizadores de filmes, os banqueiros internacionais, as celebridades do espetáculo, os especialistas em ecologia, os petroleiros, os demógrafos, os contadores, advogados e atletas constituem uma nova espécie de homens e mulheres para os quais a religião, a cultura e a pertinência étnica são elementos marginais: suas identidades são, antes de qualquer coisa, profissionais (BARBER, 2004, p. 43).

Mas, ao contrário do que se acredita, o processo de ocidentalização não é absoluto, já que as culturas também caminham em processo inverso.

> O encontro de culturas, formas de vida e trabalho ou modos de ser raramente é único, unívoco, unilateral ainda que sempre haja o predomínio de um sobre o outro ou os outros. Em geral, ocorre a trocar, simbiose, influência recíproca, ao mesmo tempo que ambos ou todos se recriam, desenvolvem e mudam. A conquista do Novo Mundo abriu horizontes inesperados para a economia e a sociedade, a cultura e o pensamento europeus. Algo semelhante havia ocorrido com relação à Ásia e viria a ocorrer com referência à África (IANNI, 1999, p. 83).

Sobre isso, o autor afirma ainda que as outras culturas - africanas, asiáticas, árabes, indianas chinesas etc. - devolvem à Europa algo que lá não se imaginava, pois "nos campos das artes, filosofia e ciências são diversas as contribuições que as culturas não-ocidentais têm produzido" (1999, p.88). Inclusive há estudiosos que defendem a tese de que as ciência sociais européias e norte-americanas só se desenvolvem quando inspiradas nas perspectivas abertas por essas sociedades nas quais a ocidentalidade se manifesta em condições diferentes das originais. Ford afirma que "não há cultura, por mais pobre que seja, que não tenha dado seu aporte à humanidade, como bem o demonstram as ciências sociais" (2004, p. 96).

Já para Martín-Barbero, o que está acontecendo é uma profunda transformação no sentido da diversidade.

> Até pouco tempo atrás a diversidade cultural foi pensada como uma heterogeneidade radical entre culturas, cada uma enraizada em um território específico, dotadas de um centro e de fronteiras nítidas. [...] O processo de globalização que agora vivemos, no entanto, é ao mesmo tempo um movimento de potencialização da *diferença* e de exposição constante de cada cultura às *outras,* de minha identidade àquela do outro. Isso implica um permanente exercício de *reconhecimento* daquilo que constitui a diferença dos outros como enriquecimento potencial da nossa cultura, e uma exigência de respeito àquilo que, no outro, em sua

> diferença, há de intransferível, não transigível e inclusive incomunicável (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 60).

Outro ponto destacado pelos autores estudados é o processo de desterritorialização das culturas, dos modos de viver e da individualidade das pessoas da sociedade globalizada. Essa questão é abordada no tópico a seguir.

2.4 A desterritorialização

Ianni afirma que, simultaneamente à globalização, os pontos de referência dos indivíduos se dispersam, dando a impressão de que se deslocam, flutuam, se perdem. "O mundo se torna grande e pequeno, homogêneo e plural" (1999, p. 91). Para Sodré (2004), a globalização é claramente regional, já que os investimentos concentram-se em determinadas regiões do mundo. "Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, tornados possíveis pelas tecnologias." Por isso, o autor afirma que globalização é um outro nome para a "teledistribuição" mundial de um determinado padrão de pessoas, coisas e, principalmente, informações (SODRÉ, 2004, p. 23).

Os fios dessa nova conjuntura global, ocidentalizada e desterritorializada são os computadores, os satélites e todos as novas tecnologias de comunicação. Uma informação não está mais em um livro, em uma revista, em um documento. Ela está em todos os lugares ao mesmo tempo, graças às ferramentas da informática, mais especificamente da internet, que possibilita a transmissão de dados de um lado a outro do mundo de forma instantânea. O controle do fluxo de conhecimento e dinheiro tem se tornado cada vez mais complicado, já que essas tecnologias possibilitam essas movimentações não só para órgãos governamentais e grandes instituições privadas, como multinacionais, mas para qualquer pessoa que tenha acesso a um computador conectado à internet.

> No mundo em processo de globalização, no qual o tempo e o espaço encolhem e as fronteiras desaparecem, os males mundiais difundem-se com alcance e velocidade sem precedentes. A internet é um veículo através do qual se traficam, com facilidade, drogas, armas e mulheres através de um conduto de redes que é quase impossível seguir (FORD, 2004, p. 93).

Na sociedade global ocidentalizada, portanto, tudo é desenraizado, as pessoas e as idéias. As estruturas de poder econômico, político, social e cultural mundiais não têm mais localização nítida, não estão mais neste ou naquele país. Estão presentes em todos os continentes e nações, flutuando sobre os Estados e suas fronteiras, sobre as diferentes línguas, sobre as diferentes culturas, enfim, sobre diferentes grupos e classes.

Martín-Barbero (2004) afirma que esse mundo feito de redes e fluxos debilita as fronteiras do nacional e do local, ao mesmo tempo que converte os territórios atingidos pelo processo em pontos de transformação do sentido de comunicar. Castells ressalta, no entanto, que, apesar de o poder funcionar em redes globais, "as pessoas têm suas vivências e constroem seus valores, suas trincheiras de resistência e de alternativa em sociedades locais" (2004, p. 278).

Mas o certo é que o fenômeno da desterritorialização manifesta-se em todas as esferas, desde a economia até a política, passando pela cultura. Segundo Ianni (1999, p. 95), "todos os níveis da vida social, em alguma medida, são alcançados pelo deslocamento ou dissolução de fronteiras, raízes, centros decisórios, pontos de referência" . Surge, então, um outro tipo de sociedade.

> Em lugar da sociedade nacional, com os seus dilemas e as suas perspectivas, a sociedade global, com os seus dilemas e as suas perspectivas. Mas os daqui não são precisamente os de lá. Na era contemporânea, as realidades e os problemas nacionais mesclam-se com as realidades e os problemas mundiais. (IANNI, 1999, p. 98)

O autor ressalta ainda que o processo de desterritorialização acentua e generaliza as condições de solidão. Os indivíduos, as famílias, os grupos e sociedades inteiras ficam perdidas nesse mundo em que tudo está em todos os lugares e, ao mesmo tempo, não está em lugar nenhum. Há um bombardeio de informações, mensagens e notícias de todas as partes do mundo e em todas as partes do mundo. O resultado é um certo desconcerto, uma incompreensão de onde e como as coisas acontecem. É uma revolução no espaço e no tempo em que os indivíduos se formaram. Tanta informação ao mesmo tempo sobre inúmeros fatos e lugares diferentes acaba causando uma sensação de solidão em relação ao mundo.

A desterritorialização faz com que tudo esteja sempre perto, mas, ao mesmo tempo, muito longe.

Porém, contrário ao senso comum de que ferramentas como a internet fazem com que as pessoas se tornem cada vez mais solitárias, Castells (2004, p. 273) afirma que "a internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são". Ou seja, o autor defende a idéia de que quem não tem amigos não os terá na internet, e de quem os tem também os terá na rede. E ressalta, no entanto, que há um declínio da "relação baseada no bairro".

> Há um declínio da vida social dentro do trabalho, em geral, no mundo. A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente, mas pessoas que se buscam (CASTELLS, 2004, p. 274).

Para Ianni (1999, p. 105), esse é um momento essencial da pós-modernidade, justamente por ser "um modo isento de espaços e tempos. [...] É como se o mundo se mostrasse povoado de sucedâneos, simulacros, fetiches atonomizados, reificados, alheios ao cerne das coisas, isentos da tensão e aura do real".

2.5 O cidadão do mundo

Na sociedade global e ocidentalizada, a constituição do indivíduo também já não é a mesma. Elementos como as línguas, os dialetos, as religiões, as seitas, as histórias, as tradições, além de muitos outros, são complementados, modificados, redescobertos a partir de padrões, valores e símbolos que têm circulação mundial. No imaginário do cidadão globalizado, perde espaço aquilo que não se expande pelo mundo e ganha o que consegue "estar" em todos os pontos do globo.

Exemplos desses elementos que entram na formação da individualidade e da cidadania são o inglês como língua franca, a música pop como elemento da cultura internacional-popular, o turismo de todos os lados, as mercadorias de muitos

países, as pessoas migrando por diferentes nações e mercados, as idéias flutuando por todos os ares (IANNI, 1999). Barber fornece outros exemplos de elementos presentes na formação da individualidade atualmente: o Big Mac, a Disneiylândia e a MTV. E complementa: "[...] são antes de tudo ícones da cultura americana, cavalos de Tróia dos Estados Unidos imiscuindo-se nas culturas das outras nações" (2004, p. 42). E não são apenas os habitantes dos grandes centros urbanos dos países desenvolvidos que sentem o impacto desse novo imaginário, mas também as pessoas que vivem em cidades e países periféricos.

Martín-Barbero afirma que está surgindo a figura de uma cidadania mundial, "inaugurando novos modos de representação e participação social e política" (2004, p.61). No entanto, para Ianni (1999), os habitantes da sociedade global não podem ser considerados cidadão plenos, porque cidadania implica autoconsciência e, no estágio em que nos encontramos, as possibilidades da autoconsciência ainda são precárias e limitadas. São poucas as pessoas que têm condições de obter informações e formar um posicionamento acerca dos acontecimentos mundiais, levando em consideração seus impactos em termos locais, regionais, nacionais e continentais.

E parece não haver meio de fugir dessa nova forma de constituição do indivíduo, pois "não há escape possível do aparato que mecanizou e estandardizou o mundo. [...] Não há espaço para autonomia. [...] as várias funções da razão convergem na manutenção incondicional do aparato" (MARCUSE apud IANNI, 1999, p. 121) .

2.6 Mídia e jornalismo na sociedade global

Como já foi mencionado anteriormente, a globalização, da forma como é concebida hoje, é impulsionada principalmente pelo desenvolvimento das tecnologias da informação. O aperfeiçoamento dos computadores e o surgimento da internet no final do século passado foram marcos para esse processo, na medida em que possibilitaram a transmissão de dados e informações com uma agilidade nunca antes vista. Ford (2004, p.93) destaca que a mudança tecnológica que se produziu nos últimos 15 anos é muito forte, pois "se verificou em um tempo muito mais curto do que outras mudanças na história da humanidade, como a passagem da oralidade para a escritura [...]".

Essa nova realidade, em que a comunicação e a transmissão de dados entre grupos e indivíduos ocorre com muita rapidez e agilidade, é chamada por Castells de "sociedade em rede". Há também outras denominações como a de Marshall McLuhan, que falou em uma "aldeia global" já na época das primeiras transformações sociais provocadas pela revolução tecnológica. Ele criou essa expressão para definir a redução do planeta à situação de uma aldeia - em que todos têm a possibilidade de se comunicar com todos de maneira muito fácil - devido ao progresso tecnológico.

É claro que, além dessas, existem muitas outras expressões para qualificar a era em que estamos vivendo, mas o fato é que todas tratam de um tempo que tem uma característica essencial: a possibilidade de comunicação com qualquer parte do planeta através de computadores, satélites e outros meios.

Sobre esse novo paradigma, Castells afirma:

> Como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social (CASTELLS, 2002, p. 565).

Essas novas tecnologias, além de ampliar as possibilidades de comunicação através do globo, aumentam as possibilidades de transferência de capital de uma parte a outra, facilitando, assim, as transações comerciais e as movimentações no mercado financeiro. O resultado é que muitas empresas têm se fundido, formando grandes conglomerados transnacionais. Isso não é diferente com as empresas de comunicação. Grandes organizações jornalísticas, de rádio, de televisão, de internet e de telecomunicações têm se unido, transformando-se em enormes conglomerados de mídia. Em 1999, as dez empresas mais importantes do setor de telecomunicações e mídia do mundo concentravam 86% da economia do ramo (FORD, 2004).

As mudanças na estrutura das empresas jornalísticas implicam também modificações nos veículos e em seus conteúdos. De meios de comunicação voltados para a análise dos fatos, "eles se transformam gradativamente em produtos

fragmentados em muitos cadernos, suplementos e seções voltados para públicos específicos, cujos conteúdos editoriais definem-se mais pela prestação de serviços e pelo entretenimento [...]" (FONSECA, 2005, p. 22). Ou seja, muitas vezes o conteúdo jornalístico tem sido deixado em segundo plano, em função dos interesses mercadológicos dos grandes conglomerados de mídia.

A globalização se torna mais evidente no jornalismo e na mídia a partir do surgimento da internet e das novas tecnologias de comunicação, como já foi mencionado. Pode ser percebida no jornalismo na flexibilidade dos processos de produção, na redução da demarcação de funções jornalísticas, na convergência entre as mídias, no compartilhamento de conteúdos e nos jornais cada vez mais segmentados e flexíveis (com diversos, cadernos, seções, edições especiais etc.), que visam a atingir públicos de interesses distintos. Além disso, atualmente o leitor/espectador/ouvinte dos veículos de comunicação é tratado como cliente, resultando disso uma concepção de jornalismo como prestação de serviço e entretenimento (FONSECA, 2005).

Há também outros pontos importantes que resultam do processo de globalização do mundo e têm forte impacto sobre o fazer jornalístico nesse início de século. Estão fortemente vinculados às novas tecnologias de comunicação e, principalmente, à internet. Os jornalistas têm hoje uma capacidade enorme de buscar informações novas, atualizar as notícias até o último momento antes de o jornal ser impresso ou de o telejornal entrar no ar e pesquisar os mais diversos assuntos. Tudo isso é propiciado pela rede.

Outro aspecto que merece ser ressaltado é a crescente utilização de agências de notícias, principalmente quando se trata de eventos geograficamente distantes das redações. Isso representa uma economia enorme para as empresas, já que o envio de correspondentes internacionais para o exterior tornou-se "desnecessário". O ônus, claro, é a possível padronização do noticiário ao redor do mundo, como já foi dito. Mas este tópico e outros referentes ao jornalismo internacional, às agências de notícias e ao fazer jornalístico na atualidade são tratados no próximo capítulo desta monografia.

3 PARADIGMAS: TEORIA E PRÁTICA NO JORNALISMO INTERNACIONAL

Este capítulo trata de questões relativas ao jornalismo. Primeiramente, são abordadas algumas teorias do jornalismo, o contexto em que surgiram, suas contribuições para o estudo do jornalismo e suas principais características. Acredita-se que essa abordagem seja importante porque possibilita o posicionamento do pesquisador acerca desses estudos, de maneira a definir a teoria com que se partilha uma posição, o que é essencial em um trabalho que se propõe a analisar dois produtos jornalísticos.

Em seguida, faz-se um estudo sobre o jornalismo internacional mais especificamente, que é o tema desta monografia. Em que contexto surgiu, o porquê de seu surgimento, o seu desenvolvimento e as suas rotinas produtivas são aspectos essenciais a serem estudados para que se possa analisar o noticiário internacional de um veículo de comunicação. É importante ressaltar aqui a dificuldade que tivemos para encontrar uma bibliografia específica sobre jornalismo internacional. Por isso, utiliza-se, primordialmente, as proposições de João Batista Natali. No entanto, não se deixou de buscar outras fontes para enriquecer o trabalho. Porém, pode-se dizer que grande parte do que foi apreendido sobre o tema durante a pesquisa bibliográfica foi mesmo da obra de Natali.

Nesse ponto, não se pode deixar de abordar as peculiaridades do próprio jornalismo internacional, como a utilização de agências de notícias e os correspondentes internacionais. Como são usadas as agências, em quais ocasiões, a importância conferida aos correspondentes e as diferenças de uma matéria escrita pelo correspondente para uma recebida entre os diversos despachos das agências são alguns dos pontos estudados para a realização do trabalho, e o resultado desse estudo está nas páginas seguintes.

3.1 Teorias de jornalismo

A grande pergunta dos teóricos que estudam o jornalismo é por que as notícias são como são. Desde os primeiros estudos na área, tem-se tentado responder a esse questionamento. Mas o jornalismo, obviamente, não é uma ciência exata, e, portanto, chegar a um consenso nessa questão é algo verdadeiramente complexo e mesmo difícil de ser alcançado. Traquina afirma, inclusive, que "seria

errôneo querer sugerir que o estudo do jornalismo desenvolvido ao longo do século XX até hoje fornece uma resposta cabal ou mesmo satisfatória" (2001, p. 64). Mas o autor admite que as diversas teorias que surgiram, principalmente ao longo do século XX, de alguma maneira elucidam os estudos do jornalismo.

> Ao longo de várias décadas, e depois de muitos estudos realizados sobre o jornalismo, é possível esboçar a existência de várias teorias, que tentam responder à pergunta por que as notícias são como são, reconhecendo o fato de que a utilização do termo *teoria* é discutível porque pode também significar aqui somente uma explicação interessante e plausível e não um conjunto elaborado e interligado de princípios e proposições. De notar, também, que estas teorias não se excluem mutuamente, ou seja, não são puras ou necessariamente independentes umas das outras (TRAQUINA, 2001, p. 65).

A primeira teoria formulada na tentativa de compreender por que as notícias são como são, ainda no século XIX, foi a teoria do espelho (PENA, 2005). Ela se baseia na idéia de que o jornalismo reflete a realidade exatamente como ela é. Partindo desse pressuposto, poder-se-ia afirmar que as notícias são do jeito que chegam até o público porque a realidade assim as determina. A imprensa, portanto, não seria nada mais do que um espelho que reflete o real.

De acordo com a teoria do espelho, o jornalista é um sujeito desinteressado, que não emite opiniões sobre os fatos que relata. No cerne desta questão, está, claro, o conceito de objetividade. Presume-se que o jornalista possa ser totalmente objetivo, de maneira a relatar os fatos exatamente como eles acontecem.

A teoria surgiu ainda na segunda metade do século XIX, junto com as mudanças no próprio jornalismo, que passava a separar a informação da opinião. As agências de notícias foram as defensoras mais ardentes dessa separação, justamente porque, para legitimar seu surgimento, fazia-se necessário um impulso para os estudos que afirmavam que a imprensa deveria ser imparcial, já que elas próprias eram baseadas na objetividade dos relatos de seus repórteres (TRAQUINA, 2004).

A teoria do espelho é defendida até hoje por grande parte da comunidade jornalística, que continua apostando na crença de que a objetividade é algo possível. Atribuir imparcialidade a um jornal, por exemplo, é um elogio, porque dá legitimidade e credibilidade ao veículo. Mas, atualmente, sabe-se que a metáfora do espelho é

bastante limitada, pois não leva em conta outros aspectos que atuam na hora da produção do noticiário, como as pressões organizacionais e as crenças e ideologias dos jornalistas.

Outras perspectivas que surgiram em seguida abordaram melhor esses pontos. Na literatura acadêmica, a primeira teoria desenvolvida foi a do *gatekeeper,* ou da ação pessoal, nos anos 50. O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar uma determinada informação ou se a bloqueia (*gate* significa portão; e *gatekeeper*, porteiro). Nesse caso, o jornalista é responsável pela divulgação da notícia ou pela sua "morte", porque, se ela não chega ao público, é como se não existisse. Já quando é publicada, significa que passou pelos "*gates*", as áreas de decisão dos jornalistas, e chegou ao público.

Quando o termo surgiu, não se referia ao jornalismo. Foi criado pelo psicólogo Kurt Lewin em um artigo sobre as decisões domésticas relativas à aquisição de alimentos para a casa. Mas logo foi aplicado ao jornalismo. De acordo com uma pesquisa feita por David Manning White, que foi quem primeiro utilizou a teoria do gatekeeper nos estudos de jornalismo, as decisões dos jornalistas sobre o que publicar e o que não publicar são subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no conjunto de experiências da pessoa. Por isso, as notícias seriam produtos das pessoas e das suas intenções (PENA, 2005).

Mas, nos estudos que se seguiram, essa explicação foi perdendo prestígio, tendo sido substituída por outros paradigmas, como o da construção da realidade.

> Os estudos posteriores chegaram à conclusão que as decisões do gatekeeper estavam mais influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade do que por uma avaliação individual de noticiabilidade (PENA, 2005, p. 134).

Traquina acrescenta que a teoria do gatekeeper "é uma visão limitada do processo de produção das notícias" (2001, p. 70), pois minimiza outras dimensões importantes envolbidas nesse processo.

Nos estudos que se seguiram, passaram a ser consideradas também as forças sociais que agem no processo de produção das notícias. É o caso da teoria organizacional, que passa a abordar a produção do noticiário a partir da perspectiva

da organização jornalística, deixando de lado a idéia de que apenas o indivíduo e toda a sua carga subjetiva são responsáveis pelo que lemos nos jornais.

O resultado de qualquer produto é dependente dos meios utilizados pela organização para produzi-lo. Por isso, para a teoria organizacional, as notícias sofrem as conseqüências principalmente das condições econômicas das empresas em que são produzidas. O primeiro estudo publicado com essa perspectiva foi escrito por Warren Breed. Ele destaca a importância dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade jornalística. Segundo o autor, os jornalistas acabam conformando-se mais com as normas editorais da política da organização em que trabalham do que com suas crenças pessoais (BREED apud TRAQUINA, 2001).

Para a teoria em referência, o jornalista é socializado na política editorial da organização através de uma série de recompensas e punições, pois ninguém ensina qual é a política de uma empresa a um profissional inexperiente. Durante a pesquisa realizada pelo autor, os jornalistas entrevistados responderam que passaram a compreender a política editorial através de um processo de "osmose", ou seja, através das reações de seus superiores perante as suas atitudes. Trabalhar de acordo com uma determinada política editorial é uma maneira de sobreviver dentro da organização.

Breed identifica ainda seis fatores que promovem o conformismo com a política editorial: a autoridade institucional e as sanções que podem ser recebidas por desrespeitar a política editorial, como os cortes nas matérias escritas pelos repórteres e redatores; o sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores, que favorece a criação de laços de amizade dentro das redações; as aspirações de mobilidade, já que a maioria dos jornalistas ambiciona chegar a uma posição de relevo na profissão; a ausência de grupos de lealdade em conflito, pois a interferência das organizações sindicais na redação é praticamente nula; o prazer que a atividade jornalística dá ao profissional; e, enfim, as notícias como valor, que levam o jornalista a buscar a máxima quantidade de informações sem contestar a política editorial da empresa.

Segundo Breed, há ainda alguns fatores que ajudam o jornalista a fugir do controle social da empresa. São eles: a falta de clareza de grande parte das normas presentes na política editorial; o fato de as rotinas de produção da notícia muitas vezes escaparem do controle dos chefes; o fato de muitos jornalistas serem

especialistas em determinado assunto; a pressão do furo, arma com que o jornalista pode ameaçar a chefia; e o estatuto do jornalista, que, quanto mais alto for, maior poderá ser a transgressão da política editorial (BREED apud PENA, 2005).

O autor conclui que, apesar desses mecanismos de fuga, a linha editorial das empresas é quase sempre seguida pelos jornalistas.

Já a teoria da ação política, ou instrumentalista, defende a idéia de que os veículos de comunicação servem a certos interesses políticos.

> O instrumentalismo parte de um paradigma de pesquisa baseado nos chamados estudos da parcialidade, cujo objetivo é verificar a existência ou não de distorções nos textos noticiosos. Entretanto, há duas interpretações diferentes para a mesma teoria. Na versão da "esquerda", as notícias são vistos como instrumentos para manter o *status quo* capitalista. Na versão da "direita", elas são usadas para questionar o mesmo sistema (PENA, 2005, p. 146).

Traquina (2001, p. 80) ressalta ainda que "[...] seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem aos interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos [...]".

Portanto, na versão da direita, defendida por pensadores como Kristol e Efron, o argumento é que os veículos de comunicação, especialmente os norte-americanos, fazem parte de uma classe que tem interesse em expandir o sistema capitalista. Na versão da esquerda, que tem entre seus seguidores Lichter e Rotham, os jornalistas teriam valores mais à esquerda que a população em geral, constituindo uma classe anticapitalista (TRAQUINA, 2001).

Segundo Hackett (apud TRAQUINA, 2001), a teoria instrumentalista se desenvolve pela ação de alguns fatores: os jornalistas detêm o controle pessoal sobre o produto jornalístico, estão dispostos a injetar as suas preferências políticas no campo noticioso e têm valores políticos e estáveis. Portanto, entende-se, que segundo a teoria da ação política, os valores dos jornalistas são considerados substancialmente diferentes dos valores da população em geral.

Traquina vê problemas nesse modelo de explicação, principalmente na versão da esquerda, justamente por sua visão determinista sobre os jornalistas, que considera-os colaboradores do sistema capitalista ou simplesmente a ele submissos. Para refutar, expõe três argumentos: a) em muitas empresas jornalísticas, raramente

os donos de jornal se encontram com os diretores, que teriam interesse na continuidade do sistema vigente; b) a maioria dos jornalistas não faz idéia de quem senta no conselho de administração das empresas onde trabalham; c) os jornalistas têm um grau de autonomia e iniciativa que muitas vezes incomoda a elite.

Pena (2005, p. 149), por sua vez, ressalta que o determinismo não é privilégio da versão esquerdista da teoria. Segundo ele, isso também é verificado na versão de direita, já que esta atribui aos jornalistas um papel ativo na distorção das notícias em favor da causa anticapitalista. O autor, portanto, conclui que "ambas as versões trabalham com pressupostos bem marcados". E acrescenta:

> [...] enquanto uma defende que o papel dos profissionais está reduzido à função de cumpridor de ordens patronais, a outra acredita que os jornalistas têm controle pessoal sobre a produção da notícia e estão dispostos a influenciar o noticiário com a defesa de suas idéias. Visões diferentes, mas limitações muito parecidas (PENA, 2005, p. 149).

Nos anos 60 e 70, quando os estudos sobre jornalismo ganharam força, principalmente em decorrência das inovações tecnológicas, surgiram duas teorias que compartilham o paradigma das notícias como construção social: as teorias estruturalista e etnoconstrucionista. Para ambas, as notícias são resultados de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; e os membros da comunidade profissional, dentro e fora da organização.

Tanto a teoria estruturalista como a etnoconstrucionista situam os jornalistas no seu local de trabalho e reconhecem, portanto, a importância dos constrangimentos organizacionais. Também sublinham a importância dos valores-notícia dos jornalistas, a ideologia dos membros da comunidade e as rotinas que utilizam no processo de produção das notícias.

De acordo com a teoria estruturalista, defendida, entre outros autores, por Stuart Hall, as notícias são um produto social que resulta de três fatores principais: a organização burocrática dos mídia, a estrutura dos valores-notícia que constituem a ideologia dos jornalistas e o próprio momento de construção da notícia, que envolve um processo de contextualização e identificação por parte do jornalista. Dessa maneira, as notícias teriam um importante papel no reforço da construção da sociedade como consensual. O ponto-chave da teoria é a reprodução da ideologia

dominante por parte dos veículos de comunicação. Para isso, há a função dos *primary definers,* que seriam os definidores primários das notícias, ou seja, quem está no poder.

Para a teoria etnoconstrucionista, as notícias são o resultado de um processo de percepção, seleção e transformação dos fatos em um produto, que seria a própria notícia. Segundo esse modelo, que tem em Gaye Tuchman uma de suas maiores pesquisadoras, os jornalistas vivem todo o tempo sob pressão por causa do tempo. Por isso, a empresa jornalística esforça-se para criar uma rotina para o trabalho de seus profissionais, o que permite que os repórteres e editores trabalhem com mais eficácia. Isso, no entanto, leva o jornalista a uma dependência dos canais de rotina. Portanto, essa teoria também sustenta que as notícias são aliadas das instituições legitimadas.

Dessa forma, as duas perspectivas chegam a conclusões bastante semelhantes em relação ao papel político das notícias. Para ambas, a conexão entre fontes e jornalistas transforma a notícia em uma ferramenta importante do governo e das autoridades. As notícias, por sua vez, tendem a apoiar as interpretações oficiosas acerca dos acontecimentos. Mas Traquina (2001) adverte que a teoria estruturalista encara as relações entre *primary definers* e jornalistas de uma forma um tanto determinista. Uma maneira simples de explicar a grande diferença entre as duas é "explicitar que a teoria estruturalista é mais 'orientada para as fontes', e a teoria etnoconstrucionista é mais 'orientada para os jornalistas'" (TRAQUINA, 2001, p. 115).

Muito mais ainda poderia ser destacado sobre as diversas teorias do jornalismo, mas esse não é o principal objetivo desse trabalho. Por isso, deixa-se uma abordagem mais detalhada para outros estudos. A finalidade dessa breve pesquisa feita sobre o assunto era fornecer as condições para que se pudesse ter uma compreensão mais aprofundada sobre o jornalismo e sobre as questões intrínsecas a ele, de forma a ter um posicionamento acerca dessas questões.

Diante das teorias estudadas, compartilha-se os argumentos e as idéias da teoria etnoconstrucionista, por acreditar-se que esta seja a mais adequada para o estudo do jornalismo atualmente, especialmente o jornalismo internacional, na medida em que aborda as rotinas produtivas, a dependência das fontes e o caráter um tanto "oficialesco" do jornalismo. Não desprezamos, no entanto, teorias como a organizacional e a do *gatekeeper*. Ao contrário, acredita-se que elas estão inseridas

na própria teoria etnoconstrucionista, já que têm seus pressupostos contemplados nessa abordagem.

Para os objetivos desta pesquisa, descartam-se a teoria do espelho e a da ação política. A primeira, por apresentar uma visão muito simplista do jornalismo, ultrapassada, pois, na medida em que são produzidas, as notícias não refletem a realidade. São, na verdade, representações parciais desta. A segunda, por defender uma visão um tanto maniqueísta do mundo, já que faz uma divisão entre capitalistas e anticapitalistas - muito próxima do bem e do mal. Além de também ser simplista, é uma perspectiva ultrapassada, que surgiu ainda na época da Guerra Fria, quando o mundo era polarizado entre os Estados Unidos e a União Soviética, como foi mencionado no capítulo anterior. Não é, portanto, uma explicação razoável para o jornalismo que se faz hoje. Até porque, se o capitalismo ainda não é um consenso, tem pelo menos sido cada vez mais aceito como sistema econômico, inclusive entre países que ainda se declaram socialistas, como a China.

3.2 Jornalismo Internacional

A editoria de internacional tem algumas peculiaridades em relação a outras editorias. À primeira vista, quando se está na redação, o que se percebe, é que os telefones dos repórteres e editores que fazem o noticiário internacional não tocam. Isso acontece porque os fatos que a editoria cobre são todos aqueles de fora do país, seja um desastre natural ou as eleições nos Estados Unidos. A Casa Branca provavelmente não vai ligar para reclamar de uma informação equivocada ou para sugerir uma pauta, assim como o governo da Indonésia não o faria. Devido à distância geográfica dos eventos cobertos e ao fato de que os jornais brasileiros não têm grande importância no cenário mundial, é raro o repórter de Internacional receber um telefonema.

Outra peculiaridade é o acesso dos jornalistas às fontes, que é mínimo. Os profissionais dessa editoria não fazem contatos com as fontes que estão na origem dos fatos. Isso, além de elevar os custos das empresas, exigiria jornalistas que soubessem diversas línguas, e não apenas o inglês e o espanhol, que são essenciais. Para isso, há a intermediação das agências de notícias e de imagens e infográficos, que facilitam o trabalho dos jornalistas que estão distantes dos fatos.

Há casos, é verdade, em que o jornal tem correspondentes no exterior ou manda um enviado especial para cobrir um determinado evento de grande importância, mas o fato é que cerca de 71% das notícias internacionais impressas nas páginas dos quatro maiores jornais do Brasil - O Globo, Estado de São Paulo, Jornal do Brasil e Folha de São Paulo - são provenientes dos despachos das agências de notícias (MOREIRA, 1996).

Nesse ponto do capítulo, abordaremos com mais profundidade essas questões, além do contexto em que surgiu o jornalismo internacional.

3.2.1 Um pouco de história

Ao contrário de um certo senso comum de que o jornalismo internacional surgiu no século XIX, como afirma Monteros (1998), Natali (2004) defende a tese de que o seu surgimento se deu no Renascimento, e seu precursor foi o mais importante banqueiro da Europa nas primeiras décadas do século XVI, o alemão Jacob Függer. Ele é citado em compêndios da história do jornalismo como o criador da *newsletter*. Seus agentes enviavam-lhe com certa regularidade informações úteis para os negócios. Entre elas, estavam as cotações de determinadas mercadorias nas feiras nas quais o banqueiro fazia negócios. Eram também relatados conflitos regionais e questões relativas à Igreja. As notícias eram redistribuídas dentro da própria rede bancária de Függer, configurando-se como o primeiro veículo de noticiário internacional de que se tem notícia.

O interesse pelos fatos que aconteciam no estrangeiro foi fundamental inclusive para o desenvolvimento do próprio jornalismo na Europa, como revela Thompson:

> Os indivíduos que liam estes jornais, ou escutavam sua leitura por outros, ficavam conhecendo fatos acontecidos em lugares os mais distantes da Europa [...]. Por isso, a circulação destas formas primitivas de jornal ajudou a criar a percepção de um mundo de acontecimentos muito distantes do ambiente imediato dos indivíduos, mas que tinha alguma relevância potencial para suas vidas. O alcance geográfico deste mundo permaneceu bastante limitado durante o século XVII: raramente se estendeu além das fronteiras da Europa (THOMPSON, 2002, p. 65).

Foi só no século XIX que passou a ser feita a cobertura de fatos que aconteciam fora da Europa. Na segunda metade do século, os trens e os cabos de telégrafo aproximaram as regiões do mundo, tornando-o muito menor (NATALI, 2004). O autor afirma, inclusive, que o "o impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da internet no final do século XX" (NATALI, 2004, p. 30). Thompson diz ainda que foi nesse século que a globalização da comunicação se firmou, graças "ao desenvolvimento de novas tecnologias destinadas a associar a comunicação do transporte físico das mensagens" (2002, p. 137).

A Guerra da Criméia, entre 1853 e 1866, foi a primeira a receber uma cobertura jornalística, com correspondentes enviados para relatar os fatos que aconteceram no decorrer do conflito. Entre eles, estava o inglês William Howard Russel, que é considerado o primeiro correspondente de guerra no exterior (MONTEROS, 1998). A Guerra Civil norte-americana (1861 - 1865) já foi acompanhada por 150 correspondentes (NATALI, 2004).

Já nessa época as organizações jornalísticas procuravam minimizar os gastos, sempre no intuito de obter mais lucro. Foi então que surgiu a idéia de formar *pools* pelos quais um mesmo repórter ou até uma equipe de repórteres produziriam material para diversos órgãos. Esse foi o embrião das agências de notícias.

3.2.2 Agências de notícias

A primeira agência surgiu em 1835, na França, e foi criada por Charles Havas. Um dos empregados da agência Havas, a atual AFP, o alemão Paul Julius Reuter, centralizou em Londres, em 1865, informações captadas na Europa continental e, em seguida, informações dos Estados Unidos. Esse foi o princípio da segunda agência de notícias, a Reuters. Nos Estados Unidos, em 1848, seis jornais de Nova York criaram um *pool* que, posteriormente, passou a se chamar Associated Press, a AP. Foi da AP, inclusive, o primeiro despacho por cabo telegráfico transatlântico, em 1958 (NATALI, 2004).

As agências deram viabilidade econômica ao noticiário internacional, principalmente para fatos que aconteciam em outros continentes. Já naquela época, um texto produzido por um correspondente ou enviado especial saía infinitamente mais caro do que um distribuído a centenas de jornais. Desde então, os

correspondentes ou enviados passaram a ser "artigos de luxo" para os jornais. Hoje são poucos os que têm condições de manter ou enviar profissionais ao exterior, e mesmo os grandes jornais têm optado cada vez mais pela utilização dos serviços das agências.

Uma das conseqüências da generalização dos serviços das agências é o apartidarismo do noticiário, resultante de uma política de mercado necessária quando o público-alvo do produto é tão diverso como são os diversos jornais que existem no mundo. Com o tempo, o apartidarismo tornou-se um procedimento padrão na produção das notícias.

É importante ressaltar também que, até hoje, as principais agências de notícias estão localizadas na Europa e nos Estados Unidos. Por isso, Natali afirma que "a história do jornalismo internacional é de algum modo a história dos vencedores" (2004, p. 32). Não há agências da América Latina, da África ou da Ásia conhecidas mundialmente. Desde o século XIX, os jornais do mundo inteiro trabalham com as mesmas agências: basicamente AFP, Reuters, AP, UPI, também dos Estados Unidos, EFE, da Espanha, DPA, da Alemanha, e Ansa, da Itália. Ou seja, a visão dos fatos que nós, brasileiros, vemos reproduzida nas páginas dos nossos jornais é a visão dos norte-americanos e europeus.

Sobre a realidade brasileira, Moreira afirma:

> Resultado dos períodos sucessivos de crise econômica atravessados pelo Brasil, a ausência de correspondentes próprios em locais estrategicamente importantes para o país provoca na maioria das vezes um enfoque superficial e distante da realidade brasileira, ao lado da manutenção de uma dependência ainda excessiva do material jornalístico produzido por agências de notícias estrangeiras (MOREIRA, 1996, p. 26).

Os correspondentes internacionais e os elementos que circundam o tema são o enfoque do item a seguir.

3.2.3 Correspondentes internacionais

Repórteres que trabalham com jornalismo internacional e que são enviados para fora do país a fim de cobrir determinado evento ou mesmo os que trabalham de forma permanente em outros países são conhecidos como correspondentes internacionais. Como já foi mencionado, foi a Guerra da Criméia o

fato que, pela primeira vez, mereceu o envio de repórteres para sua cobertura. Essa necessidade surgiu em decorrência do desenvolvimento dos meios de comunicação e do crescente interesse, principalmente dos europeus, pelo que ocorria além das fronteiras de seus países.

Foi o próprio trabalho dos correspondentes que deu origem às agências de notícias. Ironicamente, são as mesmas agências que têm feito com que a figura do correspondente seja cada vez mais rara. No entanto, durante boa parte do século XX, esses profissionais tiveram um papel importante para as organizações jornalísticas, principalmente no Brasil e nos países da América Latina. Isso ocorria devido à importância que o noticiário internacional tinha em uma época marcada pela repressão. Eram proibidas nos jornais reportagens que pudessem atingir negativamente os governos. Por isso, não se ouvia falar em democracia e direitos humanos ou liberdade partidária. A única maneira de fazer isso era noticiando fatos ocorridos em outros países, o que favorecia o envio de repórteres ao exterior.

> [...] os jornais cobriam sem muitas limitações institucionais (leia-se censura) além das limitações impostas por eles próprios e por suas idiossincrasias, temas como as ações espetaculares dos Tupamaros, a guerrilha de extrema esquerda no Uruguai; a vitória presidencial do socialista Salvador Allende no Chile, o golpe que o derrubou em 1973 e as denúncias contra o regime chileno do general Augusto Pinochet [...] (NATALI, 2004, p.49).

Com o fim das ditaduras, a editoria de internacional deixou de ser a única maneira pela qual o jornal podia abordar certos assuntos. Por isso, com o retorno da democracia, o jornalismo internacional passou a ter uma importância menor, diminuindo, conseqüentemente, o número de correspondentes no exterior.

Outro fator a concorrer para a raridade com que se enviam correspondentes ao exterior hoje é a facilidade de comunicação proporcionada pelas tecnologias de comunicação e de informação. Atualmente é possível ter um maior acesso às fontes que estão na origem das notícias internacionais. Através da internet pode-se contatar com mais facilidade estudiosos ou fontes relevantes que estejam em qualquer lugar do mundo a fim de obter material sobre os mais diversos assuntos. Pode-se inclusive fazer entrevistas por e-mail, chats ou através de telefonia via internet, evitando ligações internacionais pelo telefone convencional, que também podem produzir altos custos para as empresas.

Os temas abordados nesse capítulo são de extrema importância para a compreensão do jornalismo internacional hoje. Acredita-se, portanto, que proporcionaram uma base teórica para a realização da análise propriamente dita deste trabalho. Os resultados dessa análise estão no capítulo seguinte.

4 ANÁLISE COMPARATIVA DAS EDITORIAS DE ESTERI E MUNDO

Neste capítulo, faz-se a comparação propriamente dita do noticiário internacional do Corriere della Sera e da Folha de São Paulo. Como já foi mencionado, para atingir o objetivo do trabalho, os pontos analisados são os seguintes: a) temas de que tratam as notícias publicadas no período, bem como os países mais mencionados em ambos os jornais; b) o destaque conferido a cada tema; c) a autoria das matérias, verificando se são produzidas pelos jornalistas dos veículos ou pelas agências de notícias; e d) quais são as fontes utilizadas na produção do noticiário internacional do jornal brasileiro e do jornal italiano.

Para atingir os objetivos propostos, trabalhou-se com uma amostra de 14 dias de ambos os jornais. O período selecionado compreende as edições entre os dias 1º e 15 de abril de 2007, sendo excluído da análise o dia 9 de abril, já que nessa data não há edição do diário italiano. Em decorrência disso, preferiu-se retirar a edição do mesmo dia da Folha de São Paulo da amostra. O resultado é que se trabalha, portanto, com exatas 14 edições de cada jornal.

É importante ressaltar que, como foi dito na introdução, deu-se preferência para as páginas dos jornais próprias das editorias de Mundo – no caso da Folha – e de Esteri – no caso do Corriere. Porém isso não foi plenamente cumprido, já que o jornal italiano apresenta muitos dos assuntos de política externa em suas páginas iniciais, em uma seção intitulada "Primo Piano". Nessa seção, podem figurar os mais diversos assuntos, dependendo do dia – e das notícias do dia. Pôde-se perceber que é um espaço dedicado aos eventos noticiosos mais relevantes do momento. Já na Folha, todo o noticiário internacional encontra-se nas páginas de Mundo. Por isso, no caso do Corriere, optou-se em analisar também, além das páginas de Esteri, a seção de Primo Piano, mas apenas nas ocasiões em que o assunto abordado envolve questões de política externa, ou ao menos questões que tenham repercussão também no Brasil, não sendo de interesse exclusivo dos italianos.

Primeiramente, fez-se uma contagem do número de páginas e da quantidade de matérias de cada jornal. Nas 14 edições da Folha de São Paulo, foram dedicadas, no total, 50 páginas para o noticiário internacional. No Corriere della Sera, foram 42 páginas na editoria de Esteri e 9 na seção Primo Piano, lembrando sempre que, dessa seção, entraram na análise somente as páginas que apresentavam alguma matéria de âmbito internacional. A soma totalizou, portanto,

51 páginas, número bem parecido ao do diário brasileiro (ver quadro abaixo). Deve-se ressaltar, no entanto, que as matérias da seção Primo Piano recebem maior destaque do que as da seção de Esteri, bem como as da Folha de São Paulo, que nunca estão nas primeiras páginas do jornal. Isso indica, já no início do trabalho, que a determinados assuntos de política externa é conferida uma importância maior no jornal italiano do que no brasileiro.

	Número de páginas	Número de edições	Média de páginas por edição
Folha de São Paulo	50	14	3,57
Corriere della Sera	51	14	3,64

Tabela 1

Em seguida, optou-se por fazer um levantamento dos assuntos mais abordados pelos dois jornais no período. Para tanto, foram estabelecidas grandes temas, como a guerra do Iraque e as eleições presidenciais na França, que eram abordados pelos dois periódicos. Em casos de notícias mais pontuais, como um protesto contra o primeiro-ministro turco, que foi noticiado pelo Corriere, mas não pela Folha, optou-se por encaixar a matéria dentro de uma categoria mais ampla, intitulada “Turquia”, que trata das questões internas do país. Nesse momento, ainda não foi considerada a distribuição das matérias nas páginas e o espaço dedicado a elas. Fez-se apenas uma contagem simples da quantidade de textos – independentemente do destaque e do tamanho – dedicado a cada tópico, sempre comparando os dois diários.

No caso da Folha de São Paulo, o assunto mais abordado no período foi a guerra do Iraque, seguido pela detenção de marinheiros britânicos no Irã e as eleições presidenciais na França. Veja, na página a seguir, o gráfico dos assuntos mais comentados no periódico brasileiro, já em comparação com o Corriere della Sera:

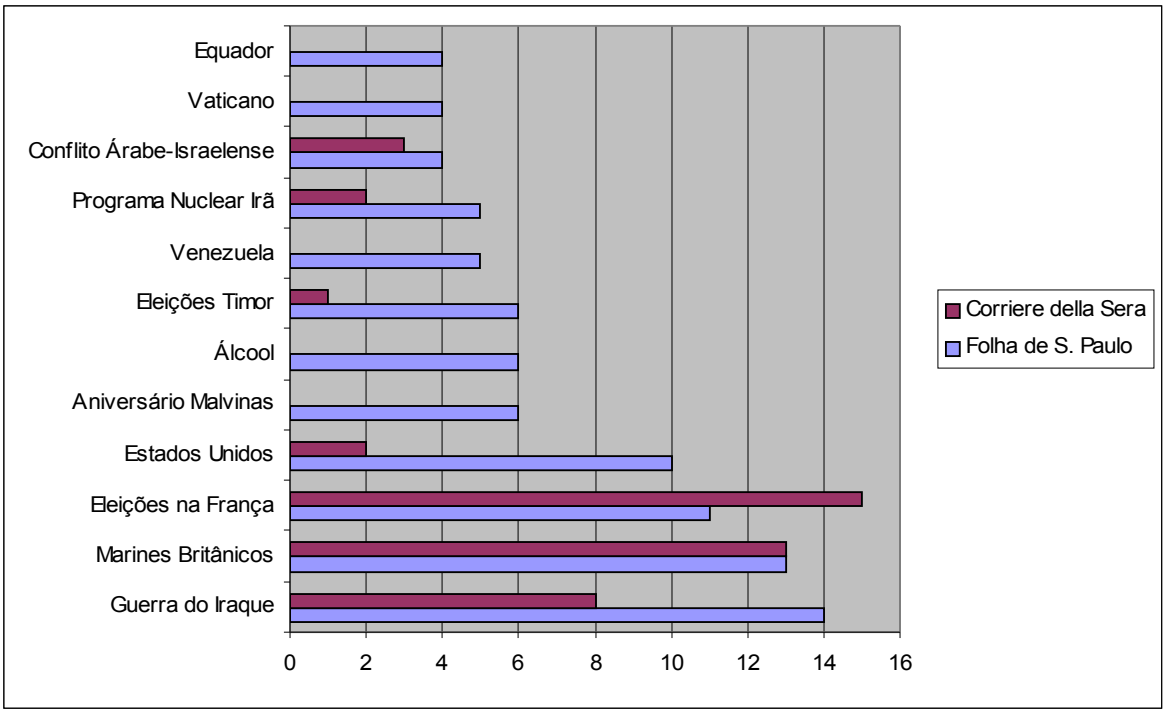


Gráfico 1

Como foi dito, portanto, o assunto mais abordado no jornal brasileiro foi a guerra do Iraque. Em março de 2003, forças de uma coalizão formada pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido invadiram o Iraque a partir do Kuait. Apesar da não-aprovação da invasão no Conselho de Segurança da ONU, o ato foi posto em prática, sob a alegação de que o regime de Saddam Hussein produzia armas de destruição em massa. No mês seguinte, quando as forças chegaram à capital Bagdá, Saddam desapareceu, sendo reencontrado em dezembro do mesmo ano. Em novembro de 2006, uma corte de Bagdá o considerou culpado por crimes contra a humanidade, sentenciado-o à morte. Saddam foi executado em 30 de dezembro do mesmo ano.

Porém, apesar da morte do ditador, a situação no Iraque tem se tornado cada vez mais difícil. Por isso, pode-se dizer que o país está em guerra. As armas de destruição em massa nunca foram encontradas, o que fortalece as suspeitas de que os Estados Unidos comandaram a invasão porque o Iraque é um dos países que mais produz petróleo no mundo. As disputas internas entre sunitas e xiitas têm se tornado cada vez mais intensas. E as tropas estrangeiras não conseguem fazer a transição completa de poder para o governo eleito, adiando a retirada total do país.

Já morreram 3,5 mil soldados norte-americanos no Iraque. Não se sabe ao acerto quantos civis morreram, mas estima-se que o número gire em torno de 70 mil[9].

No período estudado, o fato de maior destaque referente à guerra do Iraque foi um atentado na Zona Verde – área de Bagdá que concentra embaixadas e prédios oficiais e é considerada a mais segura do país –, no dia 12 de abril (veja anexo 1). O ataque atingiu o Parlamento e matou oito pessoas, inclusive dois deputados, mas é importante ressaltar que as notícias estão espalhadas por todo o período, nos dois jornais, já que os atentados viraram rotina no país árabe. No entanto, a Folha confere um destaque maior aos fatos relacionados à guerra do Iraque, como pode ser verificado no gráfico 1.

O segundo assunto de maior destaque na Folha de São Paulo, com 13 matérias, é a detenção de 15 marinheiros britânicos no Golfo Pérsico por forças iranianas. O fato ocorreu no dia 23 de março, mas os militares só foram libertados no dia 4 de abril. O período da detenção, portanto, entrou na amostra utilizada para o trabalho. Mas a repercussão foi muito grande, abrangendo ainda algumas edições seguintes ao dia 4 de abril nos dois jornais.

O Irã alegava que os marinheiros britânicos estavam em águas iranianas, mas a Grã-Bretanha garantia que eles realizavam inspeções de rotina em águas iraquianas. O resultado foi a sua detenção, gerando uma crise diplomática entre os dois países e a posterior divulgação de vídeos em que os marinheiros apareciam sorrindo, jogando xadrez e confessando a invasão, o que deu muito assunto para a mídia durante o período. No dia 4 de abril, foram libertados, deixando suspeitas de uma possível troca de prisioneiros entre os dois países. Os militares concederam entrevistas em que contaram o que viveram durante os dias em que estiveram presos, alongando a polêmica e fazendo com que o assunto ainda figurasse nos jornais por alguns dias.

O resultado é que tanto a Folha de São Paulo como o Corriere della Sera deram bastante destaque ao caso, com 13 matérias em cada jornal. Na Folha, esse número fez com que o fato ficasse em segundo lugar entre os mais noticiados, assim como no Corriere, como veremos a seguir.

O terceiro assunto de maior destaque na Folha de São Paulo são as eleições presidenciais na França, que teve o seu primeiro turno no dia 22 de abril.

[9] Dados retirados da Folha Online (http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u301193.shtml). Acessado em 01/06/2007.

No período escolhido para a amostra, portanto, a campanha para as eleições estava em um momento importante, com a data do pleito muito próxima. Os candidatos que receberam maior destaque em ambos os jornais foram o conservador Nicolas Sarkozy e a socialista Ségolène Royal, que acabaram indo para o segundo turno. O vencedor da disputa final foi Nicolas Sarkozy.

O Corriere della Sera também conferiu muito destaque às eleições na França, sendo este o assunto que teve o maior número de matérias no jornal italiano, totalizando 15, quatro a mais do que na Folha. O Corriere, no entanto, apesar de também destacar mais Sarkozy e Ségolène, apresenta matérias sobre outros candidatos, como o de extrema-direita, Jean-Marie Le Pen, e o carteiro Olivier Besancenot, que representava um partido de extrema-esquerda (veja anexo 2), aprofundando um pouco mais o tema. Acredita-se que seja conseqüência da proximidade dos dois países e da importância conferida pelo jornal italiano às questões européias, muito em função da própria União Européia, que em 2007 completou 50 anos.

O quarto tema em ordem de importância na Folha de São Paulo revelou-se uma categoria mais ampla – Estados Unidos –, que foi criada justamente para abrigar questões internas norte-americanas, que não contemplam as relações com outros países e que, em sua maioria, não figuraram nas páginas do Corriere. Dez matérias foram colocadas nessa categoria, entre elas o assassinato de uma mulher em frente a um prédio da CNN, um movimento pela abstinência sexual dos jovens que tem crescido no país e o racismo de um locutor de rádio contra jogadoras de basquete da Liga Universitária (veja anexo 3). No Corriere della Sera, apenas duas matérias puderam ser encaixadas nessa categoria. Uma delas refere-se ao assassinato em frente à CNN, e a outra a uma declaração do presidente do Banco Mundial.

Essas não foram, no entanto, as únicas matérias que trataram de questões internas dos Estados Unidos. Um assunto de destaque nos dois jornais, mas principalmente no Corriere della Sera, foi a sucessão de Bush, com textos sobre os possíveis candidatos às próximas eleições presidenciais norte-americanas, como Barack Obama, Hillary Clinton e Rudolph Giuliani. Mas, para essa questão, foi criada um tópico à parte, que contabilizou seis matérias no Corriere e duas na Folha.

O quinto assunto que recebeu maior destaque na Folha de São Paulo foi o 25º aniversário do início da Guerra das Malvinas, no dia 2 de abril. Em sua maioria

feitas pelos correspondentes, as seis matérias abordam a repercussão da data na Argentina, com as homenagens em Ushuaia, no sul do país, que é considerada pelo povo do país a capital das Malvinas, atualmente uma dependência britânica.

Foram seis matérias sobre o 25º aniversário das Malvinas na Folha, enquanto o Corriere sequer mencionou a efeméride, o que confirma a hipótese já levantada quando se tratou das eleições francesas, de que a questão geográfica – e também dos blocos econômicos – é privilegiada no noticiário internacional dos dois jornais.

Também com seis matérias, a questão referente ao etanol brasileiro recebeu bastante destaque na Folha, principalmente em decorrência da visita de Bush ao país para tratar do assunto em março. A visita do presidente norte-americano repercutiu com muitas críticas, principalmente do presidente venezuelano, Hugo Chávez, com afirmações como a de que a produção de álcool geraria fome no mundo (ver anexo 4). No Corriere della Sera, a questão não foi tema de nenhuma matéria.

As eleições presidenciais no Timor Leste também aparecem com seis textos publicados na Folha, mas com apenas um no Corriere. Depois de 24 anos de ocupação indonésia, o Timor Leste passou três anos sob a administração da ONU, para, então, tornar-se um estado soberano em 2002. O Brasil participou diretamente da missão da ONU, com tropas e diplomatas sendo enviados para o país asiático. Isto, somado ao fato de o país ser uma ex-colônia portuguesa, pode explicar o maior interesse do jornal brasileiro do que do italiano, que tratou das eleições em apenas uma matéria.

Entre os assuntos mais abordados na Folha, figuraram também questões internas da Venezuela (5 matérias na Folha, 0 no Corriere); o programa nuclear do Irã (5 matérias na Folha, 2 no Corriere); o conflito árabe-israelense (4 matérias na Folha, 3 no Corriere); questões relativas ao Vaticano e ao Papa (4 matérias na Folha, 0 no Corriere); e questões internas do Equador, com destaque para o referendo realizado no dia 15 de abril, que aprovou a criação de uma Assembléia Constituinte no país (4 matérias na Folha, 0 no Corriere).

O fato de não existir nenhuma matéria sobre o Vaticano no Corriere della Sera se deve, certamente, à diferença de perspectiva que se tem nos dois países em relação às questões da Igreja Católica. Enquanto na Folha são encaradas como noticiário internacional, no Corriere fazem parte das páginas voltadas para as

notícias internas. É verdade que o Vaticano configura um estado soberano, mas não se pode esquecer que está dentro de Roma, a capital italiana.

Como vimos, os três assuntos mais tratados pela Folha de São Paulo também foram bastante abordados no Corriere. No gráfico a seguir, é possível visualizar os temas mais abordados pelo periódico italiano, bem como a comparação do número de matérias desses assuntos nos dois jornais utilizados no trabalho.

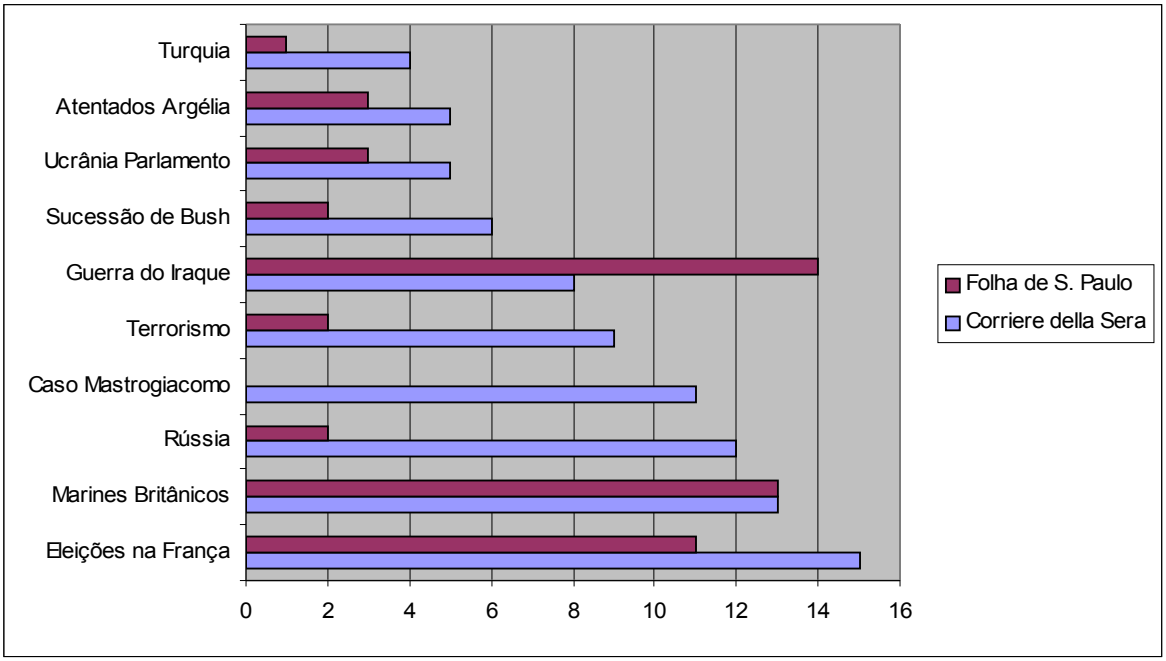


Gráfico 2

Como já foi mencionado, o assunto que recebeu mais destaque no Corriere della Sera foram as eleições presidenciais na França, com 15 matérias, superando a Folha de São Paulo, que dedicou 11 textos ao assunto. Em segundo lugar, ficou o episódio da detenção dos marinheiros britânicos no Golfo Pérsico pelo Irã, com o mesmo número de matérias do diário brasileiro.

Mas já no terceiro tema mais abordado pelo Corriere, percebe-se uma substancial diferença em relação à Folha. Neste caso, figuram as questões internas da Rússia, como a prisão de um grupo de manifestantes que se opunha à política do presidente Vladimir Putin (veja anexo 5), inclusive do campeão de xadrez Garry Kasparov, que era o líder dos manifestantes. São 12 matérias que têm como tema principal as questões internas da Rússia, enquanto a Folha privilegia o tema em

apenas dois textos, sendo que um deles trata da prisão de Kasparov e o outro aborda a posse de um presidente pró-Putin na República da Chechênia.

Em quarto lugar no jornal italiano ficou um fato que teve muito pouca repercussão na imprensa brasileira, justamente por se tratar de uma questão interna da Itália. Como o "caso Mastrogiacomo", como é conhecido entre os italianos, envolve também outras nações, como o Afeganistão, é, na maioria das vezes, abordado na seção de Esteri do jornal. No entanto, houve dias em que o tema foi tratado nas páginas de Primo Piano. É importante ressaltar que essas páginas não foram incluídas na análise, em função de tratarem de um assunto que está diretamente ligado a questões internas italianas. Quando o "caso Mastrogiacomo" ocupou as páginas de Esteri, no entanto, foi incluído na amostra, porque esse era um dos critérios da análise – incluir todas as matérias que estivessem sob as cartolas Esteri e Mundo.

O jornalista italiano Daniele Mastrogiacomo, do jornal La Repubblica, foi seqüestrado no início de março pela milícia Talibã no Afeganistão. O Talibã controlava aproximadamente 90% do país e foi deposto em 2001, depois dos ataques de 11 de setembro, por uma coalizão liderada pelos Estados Unidos. A milícia exigia que o governo italiano retirasse do país os 1,9 mil soldados italianos que fazem parte da missão de paz da Organização do Tratado do Atlântico Norte, o que gerou uma crise na Itália, já que o primeiro-ministro Romano Prodi, que defendia a permanência das tropas, perdeu apoio no Parlamento e quase foi derrotado. Mastrogiacomo foi finalmente libertado no dia 19 de março, em troca da libertação de cinco prisioneiros talibãs. O caso abalou a Itália, inclusive a política do país, configurando-se como um evento também de política interna, e não apenas externa.

No entanto, justamente por estar presente muitas vezes na seção de Esteri do Corriere della Sera, o "caso Mastrogiacomo" ficou na quarta posição entre os assuntos mais abordados pelo jornal. Na Folha de São Paulo, por sua vez, não aparece em nenhum momento da amostra, o que pode ser compreendido pelo fato de que o seqüestro já havia sido encerrado há vários dias em 1º de abril, primeira data da amostra. Na Itália, o caso, naturalmente, teve muito mais repercussão do que no Brasil.

O quinto assunto mais comentado no Corriere foi o próprio terrorismo. Neste tópico, não foram incluídos ataques terroristas, como os da Argélia em 11 de abril e Bagdá em 12 de abril, mas sim questões relativas a grupos e organizações

terroristas, inclusive uma matéria que trata das expressões corretas a serem usadas quando se fala de terrorismo nos Estados Unidos (veja anexo 6). Nove matérias do Corriere foram incluídas nesse tópico, enquanto da Folha foram apenas duas, o que demonstra a importância dada ao tema no país europeu, já que muitas nações do continente sofreram grandes ataques terroristas, como Espanha e Grã-Bretanha[10]. A Itália ainda não foi alvo de nenhum grande atentado.

Entre os assuntos mais abordados no Corriere della Sera, também figuraram a guerra do Iraque, como já foi mencionado; questões relativas à sucessão de Bush (6 no Corriere, 2 na Folha); a dissolução do Parlamento ucraniano pelo presidente do país (5 no Corriere, 3 na Folha); os atentados na Argélia (5 no Corriere, 3 na Folha); e questões internas da Turquia (4 no Corriere, 1 na Folha).

Além do levantamento da quantidade de textos dedicados a cada assunto de repercussão internacional do momento, fez-se um levantamento da quantidade de matérias em que cada país é citado nos jornais. Para tanto, foram consideradas menções a uma determinada nação todas as vezes em que a mesma era propriamente citada ou em que uma pessoa da respectiva nacionalidade fosse mencionada. Em ambos os periódicos, a nação que se mostrou mais em evidência, estando presente em grande parte das matérias, foi os Estados Unidos. No caso da Folha de São Paulo, foi mencionada em 79 de um total de 123 matérias. O Corriere della Sera citou os norte-americanos em 64 das 139 matérias da amostra. Os gráficos a seguir ilustram melhor esses dados. O gráfico 3 refere-se aos dados do jornal brasileiro. O de número 4, ao jornal italiano.

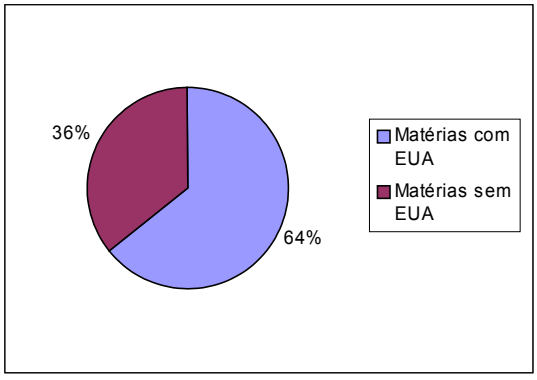


Gráfico 3

[10] A cidade de Madri foi alvo dos terroristas em 11 de março de 2004. Os ataques nos trens deixaram 191 mortos. Os atentados de Londres aconteceram no dia 7 de julho de 2005 e atingiram metrôs e ônibus urbanos. Cinqüenta e duas pessoa morreram.

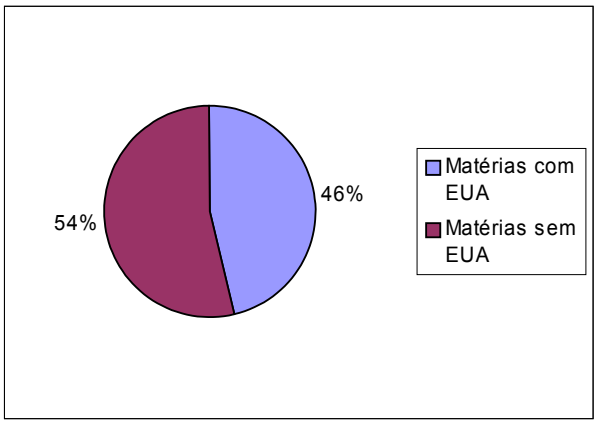


Gráfico 4

Como pode-se perceber, os Estados Unidos se fazem presente em mais da metade das matérias da editoria de Mundo. No Corriere, esse percentual cai um pouco, mas continua muito grande, beirando a metade: 46%.

A quantidade de matérias em que aparecem os países mais citados no noticiário internacional da Folha, em comparação com o Corriere, pode ser visualizada na tabela abaixo:

Países mais citados	EUA	Grã-Bretanha	Irã	Iraque	Brasil	França	Rússia	China	Venezuela	Argentina
Folha de S. Paulo	79	38	29	29	23	21	16	16	16	12
Corriere della Sera	64	38	25	32	0	30	24	9	1	1

Tabela 2

Percebe-se, portanto, que os países mais presentes, além dos Estados Unidos, são Grã-Bretanha, Irã e Iraque. Esses três também são bastante mencionados no jornal italiano. Isso muda apenas no quarto país, que é o próprio Brasil e que não está presente em nenhuma matéria do Corriere. França, Rússia e China, assim como os primeiros, figuram com muitas citações nas duas listas. Já

Venezuela e Argentina, que recebem respectivamente 16 e 12 menções, encontram-se em apenas uma matéria do Corriere, mostrando, mais uma vez, que a questão da proximidade geográfica ainda tem importância no noticiário internacional.

Na tabela 3 (abaixo), faz-se a comparação dos países mais presentes no Corriere della Sera com a sua presença na Folha.

Algo que chama a atenção nessa tabela é a grande participação da Itália no noticiário internacional de seu próprio país, estando presente em 48 matérias, quando o Brasil figurou em apenas 23 textos da Folha de São Paulo. Acredita-se que isso seja resultado da situação em que a Itália se encontra quando se fala em política externa. Participante ativa de muitas das questões que repercutem nos jornais, como a guerra do Iraque – para a qual já enviou tropas – e a própria invasão do Afeganistão, o país europeu figura muito mais no noticiário internacional de um modo geral, enquanto o Brasil tem mais influência apenas nas questões pertinentes à América do Sul.

Países mais citados	EUA	Itália	Grã-Bretanha	Iraque	França	Irã	Rússia	Afeganistão	Alemanha	Marrocos	Argélia
Corriere della Sera	64	48	38	32	30	25	24	24	19	10	10
Folha de S. Paulo	79	5	38	29	21	29	16	1	7	3	4

Tabela 3

Outro ponto a ser ressaltado é a grande presença do Afeganistão no noticiário internacional do Corriere della Sera, sendo mencionado em apenas uma matéria da Folha. Mas, como já foi dito, além de a Itália ter tropas no país, o seqüestro de um jornalista no Afeganistão gerou uma crise política na Itália. Acredita-se que, por isso, o país está tão presente não só nas páginas de Esteri do Corriere, mas também na seção Primo Piano.

Entre os países que estiveram presentes em muitas matérias do Corriere, também estão Alemanha, Marrocos e Argélia, que não figuram na lista da Folha.

Sobre a Alemanha, pode-se depreender que seja resultado, mais uma vez, da proximidade geográfica, já que, no período da amostra, o país não foi palco de nenhum fato que tenha se tornado notícia. As citações, em geral, estão presentes em matérias que abordam assuntos que não tiveram a sua origem na Alemanha. Já o Marrocos e a Argélia foram citados principalmente nas notícias referentes a terrorismo, o que fortalece a idéia de que na Itália essas questões recebem mais destaque.

No processo de análise, fez-se também um levantamento da distribuição das matérias dedicadas a cada assunto nas páginas dos jornais. Nesse ponto, verificou-se uma certa homogeneidade entre a Folha de São Paulo e o Corriere della Sera. Nas questões que são bastante abordadas nos dois jornais, o número de aberturas é bem semelhante. As tabelas a seguir mostram alguns números.

Guerra do Iraque	Abertura com foto e info	Abertura com foto	Abertura sem foto	Secundária com foto	Secundária	Nota com foto	Nota	Total
Folha de S.Paulo	3	2	1	2	5	0	1	14
Corriere della Sera	1	2	0	2	0	1	2	8

Tabela 4

Marines britânicos	Matéria que começa na capa	Abertura com foto e info	Abertura com foto	Abertura sem foto	Secundária com foto	Secundária	Nota com foto	Total
Folha de S. Paulo	0	3	2	1	1	6	0	13
Corriere della Sera	1	1	5	0	5	0	1	13

Tabela 5

Eleições na França	Abertura com foto e info	Abertura com foto	Abertura sem foto	Secundária	Secundária com foto	Nota com foto	Nota	Total
Folha de S.Paulo	1	3	1	4	0	0	2	11
Corriere della Sera	2	4	0	1	4	4	0	15

Tabela 6

Pelos dados dessas tabelas, percebe-se que, além do número de matérias ser bem parecido, a maneira como elas são distribuídas nas páginas dos jornais também é bastante semelhante. A única exceção é a guerra do Iraque, mas isso pode ser explicado pelo fato de o tema ter um número bem menor de matérias no diário italiano.

A comparação sobre a forma de disposição das matérias fez-se, no entanto, somente nesses casos, já que, nos outros, seria descabida, visto que as matérias já recebem destaque muito diferente em quantidade. Comparar o espaço dedicado a cada uma seria apenas confirmar que determinados assuntos recebem são muito mais relevantes em um país do que no outro.

Outro ponto analisado foi a questão da origem das matérias. Como já foi mencionado no capítulo anterior, as matérias do noticiário internacional de um jornal podem ser feitas pelos próprios jornalistas da empresa ou pelos profissionais das agências de notícias. Todos os jornais assinam os serviços das agências, porque não dispõem de recursos financeiros para manter repórteres em todas as partes do globo, para cobrir todos os eventos noticiosos. A solução encontrada é a utilização dos serviços das agências, que mantêm profissionais nos mais diversos lugares e, da mesma maneira, vendem os seus serviços para os mais diversos veículos.

O que os jornais fazem, em muitos casos, é não utilizar os textos exatamente como eles chegam das agências. Os redatores modificam, acrescentam e subtraem dados, mas o conteúdo principal das matérias vem das agências quando a empresa não dispõe de correspondentes no local do evento. Por isso, foram estabelecidas quatro categorias para fazer a análise da autoria das matérias. São elas: a) texto produzido por correspondentes ou enviados; b) texto produzido na

redação do jornal; c) texto baseado nos despachos das agências, mas com modificações; e d) texto reproduzido inteiramente das agências ou de outros serviços assinados pelo veículo.

Para fazer esse levantamento, foi tentado o contato com os dois jornais, que poderiam esclarecer como verificar quando um texto é feito por correspondentes ou quanto é produzido na redação, por exemplo. No entanto, apenas o periódico italiano enviou respostas a um questionário elaborado justamente para que fosse feita uma classificação bastante fiel à realidade.

Apesar disso, na Folha de São Paulo, essa classificação não se mostrou complicada. O jornal deixa clara a autoria das matérias reproduzidas em suas páginas, através das assinaturas. Quando a matéria é feita por um correspondente, vem assinada, juntamente com a cidade onde estava o repórter no momento em que a redigiu. Se é um texto misto – baseado nos despachos, mas alterado na redação –, isso também está claro. Da mesma maneira, quando o texto é transcrito na íntegra de uma determinada agência ou é feito na redação, essas informações aparecem para os leitores.

É importante ressaltar aqui que a Folha não utiliza apenas os serviços das agências. A empresa compra o direito de quatro grandes jornais estrangeiros: o francês Le Monde, o norte-americano The New York Times e os britânicos The Independent e Financial Times (NATALI, 2004). Isso significa que o diário brasileiro pode publicar os textos desses jornais no mesmo dia em que eles estão em seus veículos de origem. Para fins de classificação, esse tipo de texto foi considerado como sendo de agência na íntegra, já que não recebe nenhuma modificação feita pelos redatores locais.

Já no Corriere della Sera, essa classificação foi auxiliada pelo vice-chefe de redação do jornal, Marco del Corona, que respondeu ao questionário enviado por e-mail. De acordo com ele, a primeira palavra das matérias indica a cidade onde ela foi escrita. No caso de ter sido redigida por correspondentes ou enviados, isso também está claro. Corona, no entanto, não menciona as inúmeras matérias que começam com o nome de uma cidade fora da Itália, mas não trazem nenhuma indicação de terem sido escritas por profissionais do jornal. São assinadas ao fim, apenas, como quase todas as matérias do diário. Por isso, trabalhou-se com a idéia de que esses textos consistem em adaptações dos despachos das agências de notícias. Como os textos do jornal italiano utilizam uma linguagem que está longe de

ser imparcial, sendo muito opinativa e irônica, acredita-se que essas matérias sejam bastante modificadas e, por isso, sejam assinadas ao fim. De qualquer maneira, considerou-se que as informações foram obtidas através dos serviços das agências.

Ainda segundo o jornalista italiano, os textos feitos exclusivamente pela redação são aqueles assinados, em que aparece “Roma” ou “Milano” antes do início da matéria. Uma entrevista com uma jornalista argelina depois dos atentados em seu país (veja anexo 7) é um exemplo desse tipo de matéria. Já os textos curtos, que não levam assinatura e que começam com o nome de uma cidade fora da Itália também não foram mencionados por Corona, mas na classificação elaborada para a pesquisa foram considerados produtos das agências de notícias.

Primeiramente, foi feita a separação das matérias por categoria em cada jornal. Em relação à Folha de São Paulo, os dados podem ser observados no gráfico abaixo.

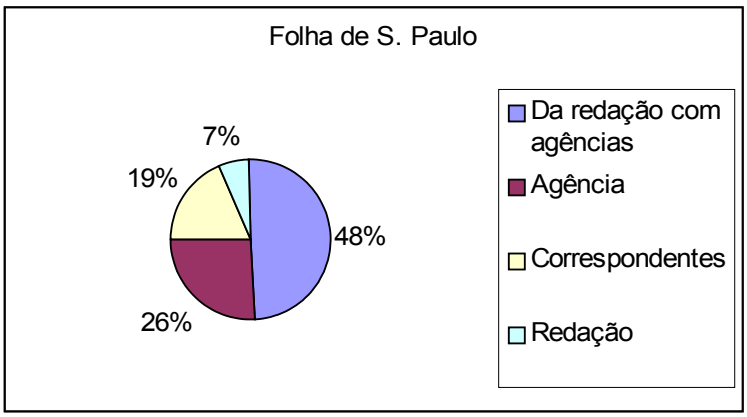


Gráfico 5

Como pode-se perceber no gráfico, quase a metade dos textos da editoria de Mundo da Folha é resultado de um trabalho que envolve informações originárias dos serviços das agências de notícias e o trabalho de profissionais da redação. Em segundo lugar, com 26%, estão os textos que são basicamente de serviços pagos, estando na íntegra ou trazendo poucas modificações em relação ao material distribuído pelas agências. Com 19%, ficaram as matérias produzidas por correspondentes e enviados. Os textos feitos na redação ficaram em último lugar, com apenas 7%. Acredita-se que isso ocorra principalmente em função de o Brasil não estar envolvido nos conflitos que eram notícia no período da amostra.

No gráfico 6 (abaixo), podem ser observados os dados relativos à autoria das matérias no Corriere della Sera. Nesse caso, percebe-se uma maior uniformidade nos números. A grande maioria dos textos vem do trabalho dos jornalistas do diário que são mandados para fora do país e das agências de notícias, ficando com 34% e 32% respectivamente. Já os textos feitos exclusivamente na redação e aqueles que adaptaram o conteúdo recebido das agências ficaram ambos com 17%, mostrando um grande aumento em relação à Folha das matérias feitas por jornalistas que estão no local do evento noticioso em questão, o que, certamente, também é possibilitado pelo fato de a Itália ser um país "central", que está relativamente próximo de qualquer país da Europa e do Oriente Médio, por exemplo. Isso facilita o deslocamento de correspondentes e enviados, possibilitando uma cobertura exclusiva e diferente em comparação com países como o Brasil, que está muito distante desses locais.

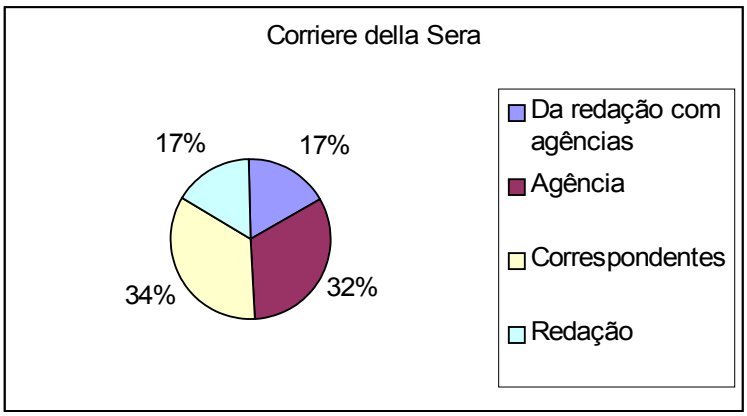


Gráfico 6

Segundo as informações do próprio jornal italiano, o Corriere della Sera dispõe de nove correspondentes fixos, que estão baseados em: Madri, Londres, Paris, Berlim, Moscou, Jerusalém, Bruxelas, Washington e Pequim. Além disso, há mais de um profissional em Nova Iorque. O Corriere conta ainda com os serviços de um free-lancer em Atenas, que cobre os assuntos referentes à Grécia e à Turquia[11].

[11] Marco del Corona falou ainda sobre os critérios utilizados para decidir em que ocasiões se envia um jornalista espacialmente para cobrir um fato em outro país. Segundo ele, isso ocorre quando é indispensável ter uma pessoa no local para fazer um relato mais completo e detalhado. São observados critérios como a relação custo/benefício (para o jornal e para os leitores) e segurança. Corona menciona, inclusive, uma jornalista do Corriere que foi assassinada no Afeganistão em 2001. O caso chocou a redação e, por isso, as condições de segurança são cuidadosamente observadas antes de enviar um jornalista para uma zona em conflito.

Como a Folha de São Paulo não respondeu ao questionário, algumas informações foram obtidas na enciclopédia online Wikipedia. De acordo com o site, o jornal conta com correspondentes apenas em Londres, Nova Iorque, Washington, Caracas e Buenos Aires[12]. Portanto, o que se percebe é que, realmente, o Corriere tem uma rede maior de jornalistas expatriados, podendo, dessa maneira, fazer uma cobertura mais aprofundada dos fatos, além de ter a possibilidade de abordar as questões a partir da perspectiva italiana. Não se deve, no entanto, desprezar o fato de a Folha ter dois correspondentes na América do Sul, demonstrando uma clara valorização das questões geograficamente mais próximas do Brasil.

Separando os dados por assunto, tem-se uma noção mais clara dessa tendência de valorização dos textos próprios dos profissionais do jornal italiano. Nas tabelas 7, 8 e 9 (abaixo), pode-se verificar a autoria das matérias que tratam de três dos assuntos mais comentados nos jornais: a guerra do Iraque, a detenção dos marinheiros britânicos no Irã e as eleições presidenciais francesas.

Guerra do Iraque	Redação com agências	Agência	Corresponden-te	Redação	Total
Folha de S.Paulo	7	6	0	1	14
Corriere della Sera	3	3	1	1	8

Tabela 7

Marinheiros britânicos	Redação com agências	Agência	Correspondente	Redação	Total
Folha de S.Paulo	12	0	0	1	13
Corriere della Sera	6	2	5	0	13

Tabela 8

[12] Dados retirados da Wikipedia, em http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_S%C3%A3o_Paulo. Acessado em 10/06/2007.

Eleições na França	Redação com agências	Agência	Correspondente	Redação	Total
Folha de S.Paulo	4	3	3	1	11
Corriere della Sera	0	2	10	3	15

Tabela 9

Analisando as tabelas acima, pode-se perceber que, nas matérias relacionadas a esses três assuntos, o Corriere della Sera realmente faz mais uso de correspondentes e enviados, o que ainda é mais acentuado nos textos sobre as eleições francesas e a detenção dos marinheiros britânicos.

No caso das eleições presidenciais na França, isso pode ser facilmente compreendido pela proximidade das duas nações, o que, além de gerar maior interesse para com as notícias do país vizinho, facilita o deslocamento e a manutenção de profissionais em terras francesas. O Corriere conta com um correspondente fixo em Paris que produziu as dez matérias exclusivas do jornal sobre o assunto. A detenção dos marinheiros britânicos também foi bastante abordada pelos correspondentes do jornal italiano, com cinco textos. Mas, nesse caso, é interessante mencionar que, na maioria das vezes, esse correspondente não estava localizado propriamente no Irã, e sim na Grã-Bretanha (veja anexo 8), que era o outro país envolvido no impasse diplomático.

Na Folha de São Paulo, pode-se perceber claramente a preferência pela modalidade "da redação com agências internacionais" em todos os assuntos. O único tema que tem matérias feitas exclusivamente para o jornal são as eleições na França. Mas, ao contrário do que se pode pensar fazendo uma comparação com os outros assuntos, o jornal brasileiro não dispõe de profissionais baseados em Paris nem mandou enviados especiais para a capital francesa. As matérias que se encaixaram nessa categoria tinham a indicação "especial para a Folha" depois da assinatura do jornalista que os redigiu, o que, acredita-se, indica que o texto havia sido produzido por um free-lancer, que normalmente são jornalistas que vivem fora do Brasil e oferecem matérias especiais para os grandes jornais do país.

Por fim, foi feita uma análise das fontes consultadas pelos dois jornais para a produção das matérias. Primeiramente, verificou-se os dias em que os diários

traziam matérias que tratavam dos mesmos assuntos. Fez-se um levantamento geral para, depois, aprofundá-lo. Por exemplo, se em um determinado dia ambos abordavam as eleições francesas, foi preciso verificar se a abordagem era a mesma. Em casos em que era totalmente diferente, com, por exemplo, uma matéria que traz o perfil do candidato de extrema-direita Jean-Marie Le Pen em um veículo e informações sobre a campanha da socialista Ségolène Royal em outro, considerou-se que seria mais do que natural a utilização de fontes diferentes. Por isso, casos como esse não foram incluídos na análise.

Esclarecido o método de trabalho, é necessário enfatizar que foram abordados dois aspectos referentes às fontes. Verificou-se, primeiramente, se eram iguais nos dois jornais ou se eram utilizadas fontes diferentes para tratar do mesmo assunto. Em seguida, fez-se um exame acerca da oficialidade ou da não-oficialidade das mesmas. Para isso, considerou-se como fontes oficiais os governos dos países e as suas mais diversas representações, instituições como a Organização das Nações Unidas e representantes diplomáticos em geral. Fontes não-oficiais, por sua vez, são aquelas que, em muitos casos, foram entrevistadas com exclusividade pelos repórteres de determinado jornal, mas não necessariamente. É o caso de especialistas em alguma área de conhecimento ou mesmo em alguma área geográfica do globo, como o Oriente Médio. Mas também se encaixam nessa classificação meios de comunicação de outras partes do globo e cidadãos comuns que viram fontes justamente por, de alguma forma, terem participado de um fato que é notícia, como alguém que tenha presenciado um ataque terrorista.

Na maioria dos dias estudados na amostra, a única matéria em comum nos dois jornais era o caso da detenção dos marinheiros britânicos pelo governo do Irã. É verdade que, em vários dias, ambos os diários traziam textos sobre as eleições francesas, por exemplo. Mas esses textos apresentavam enfoques completamente diferentes na maioria das vezes, como já foi comentado. Isso aconteceu com muitos dos assuntos que foram bastante abordados pelos jornais. Por isso, para fazer a comparação das fontes utilizadas nas matérias, preferiu-se priorizar o caso dos marinheiros britânicos. Acredita-se que seja o exemplo que melhor ilustra as conclusões a que se chegou a respeito das fontes. É importante salientar, no entanto, que a própria diferença de linguagem dos dois jornais muda o enfoque que é dado às declarações dentro das matérias. Enquanto o Corriere della

Sera é mais analítico, com textos que incluem poucas declarações em suas linhas, a Folha de São Paulo faz grande uso desse recurso jornalístico.

A tabela abaixo mostra a quantidade de fontes que se repetem em ambos os veículos.

	Marines britânicos
Dias em que há matérias sobre o assunto	9
Dias em que as fontes são as mesmas	8

Tabela 10

Como pode-se perceber, as fontes utilizadas são praticamente as mesmas em todos os dias em que o Corriere e a Folha tratam da detenção dos marinheiros britânicos no Irã. Isso certamente é fruto da larga utilização dos serviços das agências de notícias. No entanto, viu-se anteriormente que o Corriere produziu cinco matérias próprias sobre o tema, o que indica que, mesmo nesses casos, o repórter que redigiu os textos, se não utilizou os serviços das agências de notícias, ao menos não fugiu das fontes já legitimadas para falar do assunto, tornando o noticiário internacional dos dois países um tanto padronizado nesse sentido.

Sobre os outros assuntos abordados no período da amostra, observou-se a utilização das mesmas fontes sobretudo em matérias sobre os atentados na Argélia e no Iraque, que foram fatos pontuais. As eleições presidenciais francesas, como já foi dito, apresentaram muito pouca semelhança na utilização de fontes, inclusive porque a abordagem dos dois jornais em relação ao assunto foi substancialmente diferente.

Quanto ao caráter oficial ou não-oficial das fontes, o que se observou, também trabalhando com as matérias referentes aos marinheiros britânicos detidos no Irã, foi a grande utilização das primeiras nos dois jornais, mas ainda em maior quantidade no Corriere, como pode-se visualizar no gráfico a seguir. A Folha, ao contrário, faz mais uso de fontes não-oficiais. Mas é preciso ressaltar que o jornal brasileiro faz mais uso de fontes de um modo geral. No total da amostra, foram encontradas 46 fontes na Folha nas matérias relativas aos marinheiros britânicos. No Corriere, foram 42.

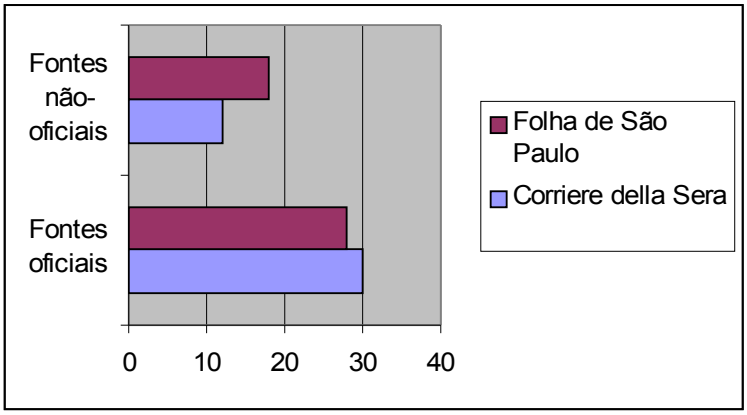


Gráfico 7

Mas, ao contrário do que se pode imaginar, isso não significa que a Folha de São Paulo tenha mais entrevistados próprios ou busque suas próprias fontes. Muitas das fontes não-oficiais citadas pelo jornal brasileiro, pelo que se pôde apreender durante o período de leitura da amostra, estão nos textos das agências. Em uma contabilização de todas as fontes consultadas pelos dois jornais no período, verificou-se que o diário que busca mais fontes próprias, o que certamente enriquece qualquer noticiário, é o Corriere della Sera.

A Folha de São Paulo teve cinco entrevistados exclusivos no espaço de tempo estudado: dois cartunistas franceses que falaram sobre as eleições em seu país (veja anexo 9); dois especialistas em Oriente Médio; e uma antropóloga brasileira, que falou sobre as eleições no Timor Leste. Já o Corriere teve mais fontes próprias. Foram oito: dois especialistas em islamismo; um estudioso dos Emirados Árabes; um cientista político norte-americano; um terrorista; um eurodeputado; uma jornalista argelina e um candidato à presidência francesa. Isso, certamente, é um reflexo da maior utilização de correspondentes internacionais e enviados especiais, como já foi dito anteriormente.

Portanto, o que se pôde perceber a partir do estudo das fontes dos dois jornais no período escolhido para a amostra é que realmente há uma certa padronização nesse sentido, mesmo quando as matérias são escritas pelos correspondentes. Isso foi verificado especificamente no caso dos marinheiros britânicos. Preferiu-se manter a análise focada somente neste assunto devido a sua pontualidade no noticiário dos dois jornais, tratando quase todos os dias dos mesmos acontecimentos. Os outros temas apresentaram-se de maneira muito difusa

no noticiário, em dias diferentes e com abordagens distintas nos dois jornais. Por isso, considerou-se que uma análise que abrangesse todos os assuntos não seria válida, já que é natural que as fontes sejam diferentes quando a notícia é diferente.

Durante a análise das editorias de Mundo e de Esteri, pôde-se perceber que tanto a teoria estruturalista como a etnoconstrucionista apresentam elementos capazes de explicar e esclarecer alguns pontos acerca do jornalismo internacional. A teoria estruturalista aborda questões como a estrutura das organizações jornalísticas, os valores-notícia dos jornalistas e o processo de construção da notícia, que envolve uma identificação e contextualização por parte do jornalista.

No noticiário internacional, pode-se perceber claramente a influência da organização jornalística. A própria rede de correspondentes é algo que muda completamente um noticiário internacional, e isso é algo que depende totalmente dos recursos e da política editorial de uma organização. Os valores-notícia também se mostram presentes de maneira muito diferente nos dois jornais, sendo que o da proximidade é o que mais se destaca. Além disso, há a questão da contextualização das notícias, que foi mais percebido no Corriere della Sera do que na Folha de São Paulo. O jornal italiano tem como uma de suas características as matérias mais analíticas, enquanto brasileiro prima mais pela informação em si.

Já sobre a teoria etnoconstrucionista, é importante destacar, principalmente, a questão do caráter "oficialesco" do jornalismo. Devido à pressão do tempo com que vivem os jornalistas, eles acabam obedecendo a algumas rotinas de produção impostas pelas empresas. O resultado, além da grande utilização de material das agências de notícias, é uma dependência desses canais, fazendo com que a utilização de fontes oficiais se torne prática constante nos dois jornais.

No entanto, como já foi dito antes, não se despreza as outras teorias do jornalismo. Acredita-se que elas sejam contempladas pelas teorias estruturalista e etnoconstrucionista, na medida em que ambas abordam aspectos presentes em outras teorias, como a do gatekeeper e a organizacional.

Acredita-se, portanto, que os objetivos do trabalho foram atingidos, na medida em que foi feita uma análise cuidadosa da amostra escolhida dos jornais estudados, possibilitando algumas conclusões sobre o tema do trabalho. A partir dessa análise e das questões teóricas estudadas anteriormente, faz-se algumas inferências no capítulo a seguir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do senso comum difundido no meio jornalístico hoje de que as notícias de política internacional são iguais ou, ao menos, muito semelhantes no mundo inteiro, devido a uma homogeneidade de pensamento proporcionada pela globalização, esse trabalho pretendeu verificar a veracidade dessa assertiva em dois grandes jornais - a Folha de São Paulo e o Corriere della Sera. Acreditou -se que a comparação de dois jornais de países distintos, tanto economicamente como geograficamente, possibilitaria que se chegasse a algumas conclusões sobre esse senso comum. Certamente são conclusões que não podem ser generalizadas, pois expressam a realidade de dois diários, dentre tantos que existem, mas, se não dão a resposta definitiva, ao menos lançam uma luz sobre essa questão, mostrando alguns mitos e verdades sobre a influência da globalização no jornalismo.

Depois de uma extensa análise e de um trabalhado acurado com números, dados e o cruzamento de informações, foi possível verificar que a assertiva sobre a padronização do noticiário internacional tem realmente alguma fundamentação na realidade. Não é algo que se diz apenas por dizer. Realmente, o jornalismo contemporâneo enfrenta desafios no sentido de identificação com um país, uma nação. Produzir um noticiário implica sempre levar em consideração o público a quem são destinadas as notícias, de maneira a satisfazer uma necessidade de informações que é diferente em cada lugar do mundo. Por isso, em tempos de globalização, as editorias de Internacional devem estar sempre sendo pensadas, de modo a não levar a um leitor informações sobre as quais ele não têm interesse ou que não têm nenhuma relação com o seu dia-a-dia. Mas a principal conclusão a que se chegou ao término do trabalho é a de que, por mais que o jornalismo sofra influência, sim, da globalização, não pode ser considerado padronizado. Ou, pelo menos, ainda não.

Percebeu-se um inevitável ponto de convergência nas notícias dos dois jornais, que é composto pelos temas que recebem mais destaque tanto nas páginas do diário italiano como do brasileiro. São eventos que abordam, sobretudo, os conflitos no Oriente Médio, a política norte-americana - tanto a interna como a externa - e notícias de países europeus, como as eleições presidenciais francesas. Sobre esses temas, os dois jornais falam, e muito, ocupando uma boa parte do seu

noticiário com eles. Acredita-se também que ocupem boa parte do noticiário internacional de muitos outros jornais.

Mas as semelhanças param por aí. Os assuntos secundários, aqueles que recebem menos destaque, apesar de se apresentarem com uma certa freqüência nas páginas de Esteri e de Mundo, são muito pouco parecidos. Sempre há, claro, alguns pontos em comum. É inevitável que se fale de alguns assuntos que têm repercussão mundial, mas grande parte do material é bastante diferente. A Folha de São Paulo, por exemplo, mantém correspondentes em Buenos Aires, na Argentina, e em Caracas, na Venezuela, países que praticamente nem figuram no Corriere della Sera. Já o Corriere mantém um correspondente em Moscou, na Rússia, e, pelo que se pôde perceber, tem o hábito de enviar jornalistas para cobrir fatos em zonas de conflito. No caso da amostra selecionada para o trabalho, chamou a atenção, principalmente, um enviado ao Afeganistão, mesmo depois do seqüestro de um profissional do jornal concorrente, o La Repubblica, no país. Na verdade, ele foi enviado justamente para cobrir os desdobramentos desse seqüestro.

Portanto, em termos de assuntos, há uma parcela do noticiário que realmente é globalizado, mas valores-notícia como a proximidade geográfica ainda não foram totalmente deixados de lado. Pelo contrário, percebeu-se até mesmo uma valorização nesse sentido, com a Folha mantendo dois correspondentes apenas na América do Sul e o Corriere tratando mais de questões relativas à Rússia, um país mais próximo, do que aos Estados Unidos.

Sobre os Estados Unidos, não se pode deixar de mencionar a sua supremacia no noticiário internacional, estando em uma enorme parte de todas as matérias analisadas em ambos os jornais, mesmo que de forma ainda mais acentuada na Folha. O Corriere, apesar de priorizar notícias da Rússia, como foi dito, cita os norte-americanos em grande parte dos seus textos, mostrando que os Estados Unidos realmente são protagonistas do noticiário internacional dos dois países. No entanto, uma observação mais cuidadosa da lista de países mais presentes nas editorias de Mundo e de Esteri mostrará que há diferenças substanciais, como é o caso do Afeganistão, já mencionado.

Na dinâmica de produção do noticiário, também foram verificadas algumas diferenças entre os dois jornais. Enquanto o Corriere tem uma rede de correspondentes bastante extensa - e faz muito uso de enviados especiais e free-lancers -, a Folha, apesar dos dois da América do Sul, não parece ter tantos

profissionais trabalhando fora do país. Em relação aos temas que repercutiram nos dois periódicos, por exemplo, o brasileiro traz poucas matérias exclusivas. Em sua maioria, são texto adaptados das agências ou, até mesmo, utilizados na íntegra, como acontece em muitos casos. Pode-se inferir, portanto, que, apesar da padronização existente em relação a esses grandes temas, o jornal italiano tem uma preocupação maior em fornecer o ponto-de-vista do povo do seu país em suas matérias.

Esses dados cruzados, as tabelas, os gráficos e toda a base teórica estudada para a realização do trabalho de pesquisa possibilitaram algumas conclusões que, certamente, não serão definitivas, mas espera-se que contribuam para os estudos na área do jornalismo internacional, fornecendo mais uma referência para quem pretende pesquisar esse tema e outros relacionados à comunicação na era da globalização.

É verdade que surgiram algumas dificuldades no percurso do trabalho, principalmente em decorrência do tema escolhido e do material disponível. Acredita-se que esteja faltando um ponto que seria muito interessante incluir no trabalho, mas que não está aqui devido à dificuldade de comunicação - mesmo na era da globalização. O fato é que os e-mails facilitam a comunicação entre pontos muito distantes do globo. E a comunicação é feita de forma praticamente instantânea, é verdade. Mas, assim como as antigas cartas, só os responde quem quer. E, infelizmente, os jornalistas da Folha de São Paulo não responderam às tentativas de estabelecer um contato para que fosse possível acrescentar algumas informações que, acredita-se, seriam muito interessantes para o trabalho, como os locais em que o diário tem correspondentes, quando considera-se válido o envio de um jornalista especialmente para cobrir determinado fato e quais os critérios para decidir o destino de correspondentes e enviados.

De qualquer maneira, o trabalho foi concluído e, inclusive, considera-se que pôde ser refutado o senso comum da padronização do noticiário, apesar da percepção de que alguns pontos realmente tendem para uma maior homogeneidade. Porém, durante os três meses de pesquisa, surgiram, inevitavelmente, algumas questões que não puderam ser abordadas aqui, justamente pela natureza do trabalho, que é uma monografia de conclusão de curso de graduação. Por uma necessidade de delimitação da pesquisa, foi necessário suprimir algumas questões em favor de outras.

Como será o jornalismo internacional daqui para a frente? Há uma tendência maior de padronização ou de identificação com o local? Como trabalharão os profissionais das editorias de Internacional no futuro? Cada vez mais sentados na frente do computador, ou ainda há uma esperança para os que sonham em ser correspondentes internacionais? É esse o noticiário que os leitores querem? Ou esse é o noticiário que lhes é imposto? Essas e outras questões surgiram durante o trabalho e ficam como sugestões para que outros pesquisadores as abordem em futuros estudos na área.

Considera-se que a mais importante conclusão tirada do trabalho é a de que, para os jornalistas românticos ou saudosistas, aqueles que sonham com grandes reportagens e grandes coberturas, ou os que já se acostumaram a repetir que o jornalismo de antigamente é que era bom, ainda há esperança. O noticiário internacional não é padronizado, como muitos dizem. Tem seus pontos em comum, é verdade. Mas mantém um dos principais valores-notícia, que é a proximidade geográfica com os fatos, e não pela facilidade de acesso à informação, mas sim pela importância que as relações continentais têm ganhado com a formação de grandes blocos econômicos, como a União Européia e o Mercosul.

Ainda há espaço, portanto, para o jornalismo menos óbvio, para aquele que não fala só dos Estados Unidos e de seu poderio sobre o resto do mundo. E para aquele que não chega entre as centenas de despachos diários das agências de notícias. Cabe aos próprios jornalistas percebê-lo e incentivá-lo, não deixando que desapareça com o tempo, vítima da globalização, da internet e do corte de gastos das grandes organizações jornalísticas. Mesmo nessa época em que tanto se fala do global, das relações transnacionais, de homogeneidade de pensamento, as notícias próximas, de países vizinhos, ainda têm o seu lugar nas páginas dos grandes jornais. No entanto, se a tendência é ganhar mais espaço ou perdê-lo de vez, não se sabe. Afinal, em um tempo em que um simples clique no mouse possibilita o acesso a uma quantidade enorme de informações, tudo pode mudar rapidamente. Se é para melhor ou para pior, não se sabe. O jornalismo é beneficiado e vítima, sempre.

BIBLIOGRAFIA

BARBER, Benjamin. Cultura McWorld. in: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 41 - 56

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. in: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 255 - 288

CONTI, André Márcio. **Noticiário internacional sobre os conflitos pós-Guerra Fria: um estudo comparativo entre o Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo**. 1997. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

DREIFUSS, René Armand Dreifuss. Tecnobergs globais, mundialização e planetarização. in: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 105 - 138

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira Fonseca. **O jornalismo no conglomerado de mídia: reestruturação produtiva sob o capitalismo global.** 2005. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise do conteúdo. in: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. pp. 280-304.

FORD, Aníbal. O contexto do público: transformações comunicacionais e socioculturais. in: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 87 - 104

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HARVEY, David. A arte de lucrar: globalização, monopólio e exploração da cultura. MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 139 - 172

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IANNI, Octávio. **A sociedade global.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de Análisis de Contenido**: teoría y práctica. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. in: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 57 - 86.

MONTEROS, Guillermo García Espinosa de Los. Jornalismo internacional, correspondentes e testemunhos sobre o exterior. in: **Apostila do curso de Jornalismo Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.** 1998. pp 49 - 54. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_Internacional. Acessado em 10/05/2007.

MOREIRA, Sônia Virgínia. O mundo pelas agências de notícias. in: **Comunicação & Educação: Revista do Curso Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo Vol. 2, n. 5 (jan./abr. 1996), pp. 23 - 26.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional.** São Paulo: Contexto, 2004.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Muniz. O globalismo como neobarbárie. in: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004. pp. 21 - 40

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. in: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. pp. 51-61

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

ANEXO 1

mundo

FOLHA DE S.PAULO
SEXTA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 2007 ★ A12

Tel.: 0/xx/11/3224-3452 Fax: 0/xx/11/3223-1644
E-mail: mundo@uol.com.br
Serviço de atendimento ao assinante: 0800-775-8080
Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090
Ombudsman: ombudsman@uol.com.br

Steve Chan/Associated Press

» HORA DO LANCHE
Crocodilo do zôo de Shoushan (Taiwan) exibe braço de veterinário após arrancá-lo; o membro foi reimplantado

Brasil tenta convencer Bolívia a permanecer no Haiti Pág. A14

Ataque atinge área superprotegida de Bagdá

Homem-bomba mata oito, incluindo deputados, em atentado no Parlamento, na região supostamente mais segura da capital

Falhas na segurança são recorrentes; ataque indica fracasso do novo plano de segurança para a cidade, em vigor há nove semanas

DA REDAÇÃO

Pelo menos oito pessoas morreram ontem em Bagdá, vítimas de um atentado no prédio do Parlamento iraquiano. Entre os mortos estavam pelo menos dois parlamentares.

O responsável pelo ataque foi um homem-bomba que se explodiu no refeitório da Casa, que fica dentro da área conhecida como Zona Verde, de segurança máxima.

De acordo com o major-general William Caldwell, porta-voz das Forças Armadas americanas, investigações estão sendo conduzidas para que se descubra como os explosivos chegaram à Zona Verde e quem promoveu o atentado. Caldwell disse também que 20 outras pessoas ficaram feridas na explosão. A primeira suspeita da autoria do ataque recai, como de praxe, sobre a Al Qaeda.

A Zona Verde não abriga apenas instalações do governo iraquiano, mas também a Embaixada dos EUA. Supostamente a área mais protegida da capital, ela tem vários pontos de controle de fluxo de pessoas, tanto fora como dentro, os quais ficam a cargo de militares iraquianos e americanos.

Essa não foi a primeira vez que a segurança na Zona Verde falhou. No mês passado, um foguete caiu a cerca de 50 metros do local onde o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, dava uma entrevista coletiva junto do premiê do Iraque, Nouri al Maliki. Ninguém se feriu.

Além disso, segundo informaram militares dos EUA, no início do mês dois coletes com explosivos foram encontrados na Zona verde; e um outro foguete que caiu no local no mês passado matou dois americanos, um civil e um militar.

Mais dois

Logo após o atentado o prédio foi isolado e foram achados mais dois explosivos, detonados por equipes de segurança.

Segundo a agência Associated Press, os parlamentares mortos eram sunitas, Mohammed Awad e Taha al Liheibi.

Autoridades iraquianas suspeitam de que o homem-bomba era guarda-costas de um parlamentar que não se feriu no ataque.

Tanto o presidente dos EUA, George W. Bush, como sua secretária de Estado, Condoleezza Rice, condenaram a ação e insistiram na defesa do novo plano de segurança para Bagdá, já em vigor há nove semanas e que conta com o emprego de efetivo extra de soldados dos EUA —há no país hoje cerca de 145 mil militares americanos; a intenção é aumentar essa força para 160 mil.

Teerã também condenou o atentado, que qualificou de "satânico e inumano". Repúdio partiu também do Brasil, em nota emitida pelo Itamaraty.

"Com vocês"

"Minha mensagem ao governo iraquiano é: nós estamos com vocês", disse Bush.

Já Rice afirmou crer "que ninguém esperava que não haveria esforços dos terroristas para tentar minar o plano de segurança".

Mas o político iraquiano Khalaf al Ilyian, líder do partido Frente de Coordenação Iraquiana, tem uma opinião distinta de Rice. "O plano é 100% falho; é um fracasso completo. A explosão [de ontem] significa que a instabilidade e a insegurança chegaram à Zona Verde", declarou Al Ilyian.

Uma indicação de que autoridades americanas já começam a repensar a estratégia de fortalecer com tropas a segurança de Bagdá foi dada pelo jornalista britânico Robert Fisk, do "Independent". Em matéria publicada no início da semana, Fisk revelou que militares de alta patente dos EUA estão elaborando um plano para dividir a capital do Iraque em áreas fortificadas e controlar o fluxo de civis nessas áreas. A idéia, avalia o jornalista, tende a não funcionar, dado que não há como discriminar objetivamente os potenciais terroristas dos cidadãos comuns.

Ponte derrubada

Pouco antes do ataque ao Parlamento, um caminhão-bomba explodiu sobre a uma ponte que liga as zonas oeste e leste de Bagdá, matando pelo menos dez pessoas.

A explosão destruiu a ponte e atirou alguns carros no rio Tigre. Policiais tentavam resgatar em botes cerca de 20 ocupantes desses veículos.

Com agências internacionais

Associated Press

Iraquianos saem do refeitório do Parlamento após a explosão

Hadi Mizban/Associated Press

Ponte sobre o rio Tigre também foi alvo de atentado ontem

saiba mais

Zona Verde é símbolo da ocupação

DO "INDEPENDENT", EM BAGDÁ

A Zona Verde é uma cidade proibida, uma fortaleza de concreto no coração de Bagdá que abriga o governo iraquiano, a Embaixada dos EUA, a embaixada britânica e o Parlamento. Ela está protegida por muralhas de concreto e por postos de vigilância.

Com cerca de 10 quilômetros quadrados, a zona foi criada como um complexo residencial e de escritórios que abrigava as principais agências do governo de Saddam Hussein até sua derrubada em 2003. Nos quatro últimos anos, ela se tornou um símbolo odiado para o povo de Bagdá, representando o isolamento das autoridades iraquianas e americanas dos terrores da vida real na cidade.

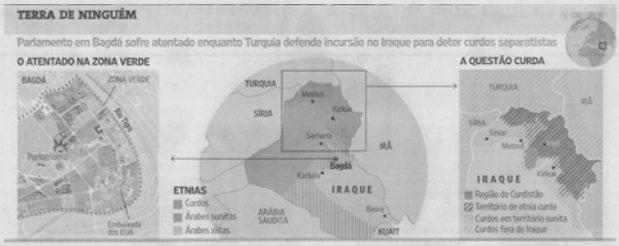
As muralhas de concreto resistente a explosões que circundam a Zona Verde correm ao longo da margem direita do rio Tigre, e depois fazem uma curva para dentro da cidade, bloqueando avenidas e cortando bairros ao meio.

No extremo sul da zona fica a ponte 14 de Julho, que só pode ser atravessada por aqueles que dispuserem das devidas licenças. Para chegar ao Parlamento, que funciona no antigo Centro Islâmico de Conferências, é necessário atravessar oito barreiras de segurança.

A primeira é operada por soldados iraquianos, que hesitam pouco em acionar seus gatilhos devido ao perigo de carros-bomba. Depois, há uma variedade de soldados estrangeiros ou seguranças privados que vêm de países como Geórgia e Peru.

TERRA DE NINGUÉM

Parlamento em Bagdá sofre atentado enquanto Turquia defende incursão no Iraque para deter curdos separatistas



Turquia ameaça intervir no Iraque curdo

Para chefe das Forças Armadas turcas, ação no norte do Iraque é necessária para conter separatistas em seu país

DA REDAÇÃO

O chefe das Forças Armadas turcas, o general Yasar Buyukanit, afirmou ontem que uma intervenção do Exército turco no norte do Iraque é necessária para combater rebeldes curdos que ali estão abrigados. A declaração de Buyukanit aumentou a tensão entre Turquia e Iraque e provocou reação negativa por parte dos Estados Unidos.

"Do ponto de vista militar, é preciso fazer uma operação no norte do Iraque", disse o general, afirmando que está travando uma luta, a partir da Turquia, contra mais de 2.000 guerrilheiros curdos situados na região de fronteira. Ele acrescentou, porém, que ainda não submeteu o pedido ao Parlamento —que precisa aprovar todas as operações militares em território estrangeiro. "Nenhuma decisão política foi feita ainda", afirmou. A declaração foi mal recebida por líderes curdos iraquianos.

Ancara anunciou nesta semana que poderia considerar sanções econômicas e políticas para assegurar a cooperação iraquiana na luta contra guerrilheiros curdos em território iraquiano.

Os curdos são um povo apátrida que vive majoritariamente na Turquia, no Iraque, no Irã e na Síria. Enquanto no Iraque gozam de relativa autonomia desde os últimos anos do regime de Saddam Hussein (1979-2003), na Turquia, onde somam 12 milhões, são alvo de intensa repressão. Desde 1984, o conflito entre Ancara e os separatistas curdos no sudoeste do país já matou 37 mil pessoas.

Fronteiras

Ancara diz que 4.000 membros do PKK, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão, estão alojados do outro lado da fronteira com o Iraque, de onde planejam atentados na Turquia. Ataques recentes mataram dez soldados e 29 curdos.

Uma incursão no norte do Iraque poderia desgastar as relações turcas com os EUA, que tentam evitar a todo o custo esse tipo de operação, temendo que ela desestabilize o Iraque e a região. A ação também criaria atritos entre governo e deputados curdos na Turquia em pleno ano de eleições gerais.

Daniel Fried, secretário-assistente de Estado dos EUA, pediu que a Turquia "se contenha" na resposta aos ataques feitos por curdos turcos a partir do território iraquiano e trabalhe junto com o Iraque para resolver a questão separatista.

A relação entre turcos e curdos iraquianos piorou nesta semana. Masoud Barzani, líder da região autônoma curda no Iraque, disse que retaliaria qualquer interferência turca na região, e o premiê da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, respondeu que Barzani seria "esmagado pelas próprias palavras".

Autoridades turcas reclamam que o estabelecimento de um Estado curdo independente, maior preocupação de Ancara, se torna cada dia mais próximo, apesar do compromisso dos EUA de preservar a integridade territorial iraquiana.

A questão dos separatistas curdos é apresentada como uma das principais barreiras para a entrada da Turquia na União Européia. Organizações de direitos humanos acusam a Turquia de usar táticas brutais contra os separatistas.

Com "Financial Times" e agências internacionais

Umit Bektas/Reuters

Buyukanit, durante entrevista em que defendeu incursão no Iraque

ARGÉLIA

Mortos em atentados chegam a 33

DA REDAÇÃO

O número de mortos no duplo atentado de anteontem em Argel subiu para 33 ontem, enquanto os governos de EUA, França e Reino Unido pediram a seus cidadãos na Argélia que redobrem a vigilância e variem seus roteiros e horários. Os ataques foram reivindicados pelo grupo Al Qaeda nos Países do Magreb Islâmico.

O ministro do Interior argelino, Yazid Zerhuni, disse que reforçou a segurança, mas admitiu que pode haver um novo ataque. A Al Qaeda no Magreb era conhecida como Grupo Salafista para a Predicação e o Combate, cujos fundadores lutaram na guerra civil argelina, nos anos 1990.

NUCLEAR

Diretor da AIEA também duvida de avanço do Irã

DA ASSOCIATED PRESS

O diretor da Agência Internacional de Energia Atômica, Mohamed El Baradei, disse ontem que o Irã ainda está nos "estágios iniciais" do processo de enriquecimento de urânio, contrariando o anúncio feito pelo país islâmico, na segunda-feira, de que começara a produzir combustível nuclear em "escala industrial".

Recebido com ceticismo por especialistas, ontem o anúncio foi questionado pela principal autoridade internacional no assunto. El Baradei disse que o Irã ainda está "nos estágios iniciais" do enriquecimento de urânio, com "centenas" de centrífugas, não milhares, como sugeriu o governo iraniano.

ANEXO 2

Al via ufficialmente la campagna elettorale. Sarkozy sempre in testa nei sondaggi, Bayrou vicinissimo alla Royal. Le Pen in ascesa

Presidenziali, la par condicio sbarca in Francia

I 12 candidati hanno a disposizione lo stesso tempo per gli spot televisivi. Ma è possibile eludere le regole

DAL NOSTRO CORRISPONDENTE

PARIGI — Tempi di parola in video e alla radio uguali per tutti e rigorosamente controllati. Dosaggi più attenti nei giornali. Sorteggio per l'ordine di apparizione sui tabelloni elettorali e degli spot preregistrati. A meno di due settimane dal primo turno delle presidenziali, la campagna elettorale francese è cominciata all'insegna dell'assoluta «par condicio». Non contano l'ordine di importanza nei sondaggi né il peso specifico dei partiti e movimenti di rappresentanza: i candidati all'Eliseo sono — almeno dalla mezzanotte di lunedì scorso — tutti uguali ai nastri di partenza. Per il momento, sono esclusi i confronti diretti o i dibattiti fra tutti i candidati. Se ne parlerà al secondo turno, nel faccia a faccia fra i finalisti.

CONTROLLO PARZIALE — Per quanto rigoroso e sottoposto al sistematico controllo della CSA — la commissione di vigilanza sugli audiovisivi — il sistema non garantisce tuttavia l'imparzialità assoluta della comunicazione politica. Sia perché il controllo dei tempi di parola è soprattutto un autocontrollo dei vari organi d'informazione, essendo praticamente impossibile passare al setaccio la giungla di emittenti pubbliche e private di cui la Francia è ricchissima, sia perché le possibilità di eludere o aggirare la «par condicio» continuano ad esistere. Si possono controllare i tempi di parola o di apparizione del candidato, ma non certo i tempi in cui si parla del candidato senza che sia presente. Dal sistema di controllo sono inoltre esclusi gli organi di stampa ed è impossibile controllare la comunicazione via internet, anche se blog e siti restano decisivi per il consenso.

VISIBILITÀ — La «par condicio» nelle due ultime settimane è in realtà una foglia di fico su un sistema che fino ad oggi ha rispettato solo in parte criteri di equità. Secondo i «barometri» di rilevamento, Nicolas Sarkozy e Ségolène Royal hanno dominato la scena. Il leader della destra ha inoltre potuto approfittare per molto tempo del suo doppio ruolo: ministro degli Interni e presidente del partito gollista in campagna elettorale. È stato proprio il candidato centrista, François Bayrou, a denunciare un sistema mediatico che avrebbe già scelto gli sfidanti prima degli elettori. In Francia non esiste un conflitto d'interessi all'italiana, ma il peso di gruppi economici e editoriali sull'informazione è comunque evidente.

I SONDAGGI — Mentre sono cominciati gli spot ufficiali, i sondaggi possono continuare a decifrare gli umori dell'elettorato fino alla notte di venerdì 20 aprile. Gli ultimi continuano a confermare una posizione di vantaggio per Nicolas Sarkozy, mentre François Bayrou sarebbe ormai vicinissimo a Ségolène Royal. Al quarto posto, ma in evidente progressione, il leader del Fronte nazionale, Jean Marie Le Pen. Inoltre i sondaggi rilevano tre fattori che potrebbero rivelarsi decisivi: l'alta percentuale di indecisi (oltre il 40 per cento), la crescita di partecipazione al voto e il livello d'intenzioni di voto per la sinistra al più basso livello degli ultimi trent'anni. Ma tutto è ancora possibile.

M.Na.

A sinistra, immàgini tratte dagli spot dei 12 candidati alle presidenziali francesi

- **1-SÉGOLÈNE ROYAL** La candidata socialista parla di sé sullo sfondo di un cielo azzurro: «Sono una donna, madre di quattro figli, ho i piedi per terra, sono pratica»
- **2-FRANÇOIS BAYROU** Il centrista (Udf) Bayrou si propone come «il presidente che unirà i francesi»
- **3-NICOLAS SARKOZY** Il leader dell'Ump non parla di sé: promette invece una svolta per occupazione e immigrazione
- **4-JEAN-MARIE LE PEN** Il candidato di estrema destra accusa la Royal e Sarkozy di rubargli le idee su immigrazione e occupazione: Esorta gli elettori: scegliete l'originale anziché la copia»
- **5-MARIE-GEORGE BUFFET** Partito comunista (Pcf)
- **6-ARLETTE LAGUILLER** *Lotte Ouvriere*, estrema sinistra
- **7-DOMINIQUE VOYNET** Partito ambientalista
- **8-PHILIPPE DE VILLIERS** Partito nazionalista di destra Movimento per la Francia (Mpf), denuncia «l'islamizzazione del Paese»
- **9-OLIVIER BESANCENOT** Lega comunista rivoluzionaria
- **10-JOSÉ BOVÉ** Attivista antiglobalizzazione
- **11-GERARD SCHIVARDI** Partito dei lavoratori
- **12-FRÉDÉRIC NIHOUS** Del partito della caccia, della pesca, della natura e delle tradizioni

OLIVIER BESANCENOT

Il postino trotzkista che divide la sinistra ma (forse) aiuterà Ségolène

DAL NOSTRO CORRISPONDENTE

PARIGI — Chiunque vinca dovrà ringraziare Olivier Besancenot, giovane postino rivoluzionario in lizza per la seconda volta nella corsa all'Eliseo. Secondo i sondaggi, otterrebbe fra il 3 e il 5 per cento dei voti e sarebbe al primo posto fra i candidati della «sinistra della sinistra», la galassia di movimenti che fanno riferimento alla rivoluzione marxista. Lo dovrebbe ringraziare Nicolas Sarkozy perché il postino persegue la tradizione nazionale di dividere la sinistra. Ma anche Ségolène Royal, se al secondo turno la galassia rivoluzionaria facesse fronte comune a sostegno della candidata socialista.

Dice: «Darò indicazione a seconda della situazione. La campagna di Sarkozy è contro le classi popolari, ma non mi fido della politica socialista per battere la destra. Comunque non farò la politica del tanto peggio. So distinguere fra destra e sinistra». Intanto il postino si gode il successo mediatico e la simpatia che si è guadagnato anche fra i francesi lontani anni luce dalla sua proposta politica. Perché la sua «rivoluzione» è non violenta, il suo trotzkismo rinnega Trotzkij («non essendoci più molti stalinisti») e la sua Internazionale è a ritmo di rap. Besancenot convince con la dialettica spigliata e brillante, il viso pulito da studente modello, il suo essere diverso quando dimostra che si può correre per l'Eliseo guadagnando mille euro al mese come dipendente delle poste a tempo parziale.

> **IDEALE**
> *È finito il tempo di rivolte e dittature. Oggi la rivoluzione è un ideale, un sogno*

Il suo mito è Che Guevara, «simbolo del comunismo di domani». La sua divisa, T-shirt nera e jeans. Grazie a lui, la Lcr (Lega comunista rivoluzionaria) prende più voti dello storico partito comunista, dei no global di Bové, dei verdi e di altri due partitini rivoluzionari, Lotta Operaia di Arlette Laguiller e la new entry fra i trotzkisti, Gerard Schivardi. Decisamente, l'estrema sinistra non dimentica che la rivoluzione è il marchio di fabbrica della politica e della storia francese. Anche a rischio di far vincere l'odiata destra, come accadde il 21 aprile 2002, con l'eliminazione del premier socialista Jospin a favore di Jean-Marie Le Pen. Anche oggi, Ségolène Royal fa inutilmente appello al «voto utile» per scongiurare un «21 aprile bis» che metterebbe la sinistra francese fuori gioco per una generazione.

SONDAGGI Il giovane Besancenot ha il 3-5%

Dice Besancenot: «Non mi sento responsabile della sconfitta di Jospin. Allora fu bocciata la sua politica. Oggi resto contrario ad una politica social-liberale. I francesi guardano con interesse a chi, come me, non concepisce la politica come una professione a vita. Io vado al lavoro tutti i giorni». Il destino gli ha regalato il primo posto nei tabelloni elettorali e il posto di lavoro nella stessa città di Nicolas Sarkozy, Neuilly-sur-Seine, quartiere del potere economico alle porte di Parigi, dove il giovane leader rivoluzionario consegna le lettere e fa davvero campagna porta a porta, in bicicletta e a piedi. Per il popolo della sinistra anticapitalista, Besancenot — sposato con un'impiegata, un figlio di pochi mesi — rappresenta nella vita reale l'impoverimento delle classi medie, la dequalificazione intellettuale, l'angoscia di milioni di giovani diplomati e laureati senza futuro.

Potrebbe fare il professore di storia contemporanea e insegnare, come i suoi genitori, ma ha vinto il concorso per un part-time alle poste ed è già molto nella Francia di oggi. «Sono quelli i veri problemi: il lavoro giovanile, l'ambiente, la condizione degli anziani. Invece la campagna elettorale rischia di giocarsi ancora una volta sui temi della sicurezza e dell'identità nazionale. Pensiamo agli incidenti della Gare du Nord (l'arresto di un clandestino senza biglietto, *ndr*): sono convinto che il vero problema non è il pagamento del biglietto, ma la gratuità dei trasporti pubblici». L'altra proposta forte della Lega rivoluzionaria è l'ulteriore riduzione dell'orario di lavoro, per «condividere» il lavoro con i disoccupati e combattere «gli effetti perversi della flessibilità accettata dalla sinistra riformista». Chiedo: che cosa significa oggi «rivoluzione?». «Cambiamento globale del sistema economico, sociale, politico a livello nazionale, europeo e mondiale. Ma è finito il tempo delle rivolte sanguinose e delle dittature. La rivoluzione è un ideale, un sogno, per tutti quanti non accettano che il proprio destino sia già scritto per sempre».

Massimo Nava

ANEXO 3

FOLHA DE S.PAULO — QUARTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2007 — mundo A11

Jogadoras lamentam comentário racista de locutor nos EUA

Em primeiro pronunciamento público, time de basquete alvo de ataque se diz "roubado" de seu momento de glória

Meninas foram chamadas de "putinhas de cabelo pixaim" no ar; ativistas querem cancelamento de programa, que foi suspenso

DENYSE GODOY
DE NOVA YORK

Depois de uma semana de silêncio, as jogadoras da equipe de basquete da Rutgers —universidade pública do Estado de Nova Jersey— vieram a público ontem dizer o quanto sofreram com os comentários do locutor de rádio Don Imus, que as havia chamado de "putinhas de cabelo pixaim" em seu programa na quarta passada. "Ele nos roubou um momento de pura bênção", afirmou, em entrevista coletiva, a capitã do time, Essence Carso.

A equipe chegou como zebra à final do campeonato da Associação Atlética Universitária Nacional. Perdeu, na noite de terça, para o time da universidade de Tennessee, mas mesmo assim a campanha que fizeram era motivo suficiente de comemoração para as meninas da Rutgers —oito negras e duas brancas. "No entanto, quando fomos passar a Páscoa com nossas famílias, o assunto era as observações deploráveis do senhor Imus", lamentou a jogadora Heather Zurich. "O que mais dói nessa situação é que ele não conhece pessoalmente nenhuma de nós."

"Ninguém acreditava nessa equipe a não ser as próprias atletas. Elas deram o melhor de si e agora têm que enfrentar isso", acrescentou a treinadora, Vivian Stringer. "São jovens damas de classe, distintas, articuladas, brilhantes, talentosas. Vamos manter nossas cabeças erguidas com dignidade."

O programa "Imus de Manhã" tem mais de 30 anos. Popular em Nova York, atualmente é transmitido pela estação de rádio WFAN, que faz parte do grupo CBS, e retransmitido pela rede MSNBC. Imus e os outros apresentadores do show são conhecidos pelas piadas de gosto duvidoso —eles já foram acusados anteriormente de racismo, homofobia e misoginia.

Na última segunda, diante dos protestos que surgiram sobre a forma como se referiu às jovens da Rutgers, Imus foi ao programa de rádio do reverendo Al Sharpton —famoso defensor dos direitos dos negros— desculpar-se pelo comentário "repulsivo e horrível". "Queria não ter dito aquilo. Perdão", falou. O locutor pediu ainda para se encontrar com o time de basquete, proposta aceita pelas jogadoras.

A CBS e a MSNBC também decidiram suspender o "Imus de Manhã" por duas semanas a partir do próximo dia 16. A punição pode não ser suficiente, porém, para aplacar a raiva suscitada pelas declarações do apresentador —ONGs feministas e de proteção aos direitos humanos querem que o show seja cancelado.

"Ofender as pessoas é o padrão desse programa. Vai passar o período de suspensão e ele vai voltar ao ar, dizendo tudo o que sempre disse", afirmou à **Folha** Olga Vives, vice-presidente executiva da Organização Nacional pelas Mulheres. "Os anunciantes devem reavaliar se querem mesmo apoiar um show que insulta a população afro-americana e as mulheres. É inaceitável."

Questão ampla

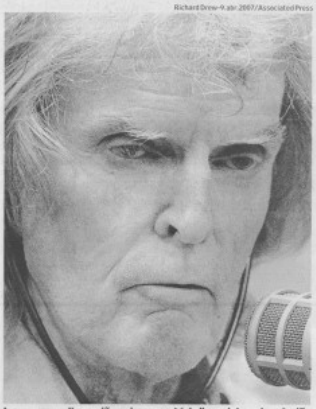
"Essa história não é apenas sobre uma equipe de basquete. É sobre a vida, sobre preconceito e diz respeito a todas as mulheres. É tempo de refletirmos sobre o que está acontecendo", pediu Vivian, a treinadora.

Para Rinku Sin, do Centro de Pesquisa Aplicada —especializado em racismo—, é preciso chamar a atenção da sociedade dos EUA para que tais atos não sejam tolerados. "Não devemos ignorar essas manifestações, porque isso faz com que elas cresçam", explicou à **Folha**. Para ela, apesar de recentes progressos, as instituições do país ainda falham em educar melhor os cidadãos sobre o tema.

Mike Derer/Associated Press

As meninas da Rutgers na entrevista, na qual treinadora prometeu manter "cabeça erguida"

Richard Drew-9.abr.2007/Associated Press



Imus, que pediu perdão pelo comentário "repulsivo e horrível"

> Queria não ter dito aquilo. Perdão
>
> DON IMUS
> locutor de rádio, após chamar jogadoras de basquete de "putinhas de cabelo pixaim"

> Essa história não é apenas sobre uma equipe de basquete. É sobre a vida, sobre preconceito e diz respeito a todas as mulheres
>
> VIVIAN STRINGER
> treinadora do time

> Quando fomos passar a Páscoa com nossas famílias, o assunto eram as observações deploráveis do senhor Imus
>
> HEATHER ZURICH,
> jogadora

TIMOR LESTE

Ramos Horta lidera; deve haver 2º turno

DA REDAÇÃO

Com 20% das urnas apuradas, o atual primeiro-ministro do Timor Leste, José Ramos Horta, que tem o apoio do presidente Xanana Gusmão, lidera a disputa pela Presidência por estreita vantagem. Deve haver segundo turno, em 9 de maio.

Fernando Lassama, do Partido Democrático, aparece em segundo, seguido por Francisco "Lu-Olo" Guterres, do Frentilin (Frente Revolucionária do Timor Leste Independente) —o partido questionou ontem os resultados.

Analistas alertam que um provável segundo turno pode ser mais tenso do que a votação de anteontem, que ocorreu sem incidentes graves.

COLÔMBIA

Casa Branca avaliza política de Uribe

DA FRANCE PRESSE

A secretária de Estado americana, Condoleezza Rice, garantiu ao Congresso que a Colômbia está seguindo os critérios esperados de respeito aos direitos humanos e, por isso, está apta a receber a próxima remessa de verbas para as Forças Armadas colombianas, no valor de US$ 55,2 milhões.

O auxílio anual dos EUA à Colômbia chega a US$ 700 milhões, o maior no hemisfério. Mas essa ajuda vem sendo posta em questão por congressistas americanos, diante das denúncias e processos na Justiça colombiana que ligam integrantes da base parlamentar do presidente Álvaro Uribe a grupos paramilitares.

Srdjan Ilic/Associated Press

A mãe de uma das vítimas aguarda para entrar no tribunal

SREBRENICA

Sérvios são condenados a 20 anos por mortes em vídeo

DO NEW YORK TIMES

Um tribunal sérvio condenou ontem quatro ex-membros da polícia paramilitar da Sérvia a até 20 anos de prisão pela morte, filmada em vídeo, de seis muçulmanos durante o massacre de Srebrenica (Bósnia) em 1995.

O comandante da unidade, conhecida como Os Escorpiões, e seu assistente foram sentenciados a 20 anos de cadeia, e dois outros homens receberam sentenças de 13 anos e de cinco anos de prisão, respectivamente. Um quinto acusado foi libertado por falta de provas.

As sentenças concluem 15 meses de um processo iniciado depois da primeira exibição do vídeo, em junho de 2005. As imagens os mostram antes conversando com um grupo de seis prisioneiros muçulmanos na traseira de um caminhão, depois os insultando e fuzilando.

O vídeo foi visto como um marco na Sérvia, pois forçou os cidadãos comuns do país a confrontar provas diretas do envolvimento de forças de segurança sérvias nas mortes. Até então, a maioria dos sérvios não acreditava que o massacre tivesse acontecido.

Mas embora o caso tenha sido visto como o primeiro grande processo em tribunal sérvio ligado ao massacre de Srebrenica, ativistas de direitos humanos sérvio e parentes das vítimas acusaram a juíza que presidiu ao julgamento de tentar distanciar os eventos das execuções em massa que ocorreram no leste da Bósnia em julho de 1995 e criticaram a duração das sentenças proferidas.

"Tanto do ponto de vista moral quanto do factual, isso não representa justiça", disse Natasa Kandic, advogada especialista em direitos humanos que dirige o Centro de Lei Humanitária. Kandic descobriu o vídeo e o repassou aos promotores do Tribunal Criminal Internacional para a ex-Iugoslávia, em Haia, onde as imagens foram exibidas inicialmente.

"É lamentável", disse. "O vídeo mudou a sociedade sérvia. O julgamento poderia ter tido efeito semelhante."

PREÇO DE MERCADO

Cingapura paga US$ 1,3 mi a ministros

DO "NEW YORK TIMES"

Quanto um ministro do governo de Cingapura precisa ganhar para se sentir feliz? O governo diz que um milhão de dólares não basta, e anunciou um aumento de 60% nos salários dos ministros, o que elevaria seu pagamento médio ao equivalente a US$ 1,3 milhão, no ano que vem.

O salário do primeiro-ministro Lee Hsien Loong subirá para cerca de US$ 2 milhões. Os funcionários do governo defenderam os aumentos, dizendo que é preciso pagar bem para atrair bons profissionais —e combater a corrupção.

"Se não o fizermos, o sistema de governo se desmantelará lentamente até o colapso", disse o ministro da Defesa Teo Chee Hean. "A corrupção tomará conta de tudo, e nós nos tornaremos como muitos outros países."

O sistema salarial de Cingapura foi criado em 1994 por Lee Kuan Yew, o primeiro-ministro que promoveu a independência da nação. Ele vincula os salários dos ministros e funcionários do primeiro escalão aos salários que eles poderiam ganhar em cargos semelhantes no setor privado.

Sob a fórmula que ele estipulou, os ministros receberiam salário equivalente a dois terços da média dos oito profissionais mais bem pagos em seis das áreas econômicas mais importantes: contabilidade, advocacia, finanças, engenharia, multinacionais e indústria local.

Não houve sinal público de insatisfação entre os ministros, mas, no mês passado, o premiê foi informado de que eles estavam ganhando apenas 55% da referência, e isso justificou o aumento.

Portugal descriminaliza aborto até dez semanas

Interrupção era punida com até três anos de cadeia

DA REDAÇÃO

O presidente português, o conservador Aníbal Cavaco Silva, promulgou ontem a lei que descriminaliza o aborto nas primeiras dez semanas de gestação, mas propôs recomendações para a sua aplicação.

Cavaco Silva, que tinha poder de veto, optou por promulgar a lei, que já havia sido aprovada pelo Parlamento em março, depois que 59% dos eleitores que participaram de um plebiscito sobre o tema votaram a favor da descriminalização do aborto. O plebiscito, realizado em fevereiro, não teve valor jurídico, porque a abstenção foi maior do que 50%, mas ajudou a impulsionar a aprovação da lei pelo Parlamento. Ontem, o presidente afirmou que não pôde ficar indiferente à vontade de 59% dos votantes.

Com a promulgação da lei, Portugal deixa de pertencer ao pequeno grupo de países da União Européia onde o aborto é ilegal —formado por Malta, Polônia e Irlanda.

Cavaco Silva defende que, ao decidir abortar, a mulher seja informada sobre a possibilidade de adoção do bebê e propõe que o Estado crie "uma rede pública de acompanhamento psicológico e social para as mulheres que pretendam" interromper a gravidez.

O presidente ainda pede que haja restrição da publicidade da oferta de serviços de interrupção da gravidez —que também poderão ser feitos por clínicas privadas regulamentadas.

As observações do presidente foram criticadas pelos partidos de esquerda, que as consideram uma tentativa de limitar a lei. O Partido Socialista, mais moderado, do primeiro-ministro José Sócrates, aceitou que as propostas do presidente sejam analisadas.

Enquanto a esquerda comemorou a promulgação, os conservadores tiveram uma reação negativa. "A promulgação dessa lei marca um momento de profunda divergência e profundo desapontamento com parte do eleitorado que elegeu Cavaco Silva", afirmou José Ribeiro e Castro, líder do partido de centro-direita CDS-PP.

A lei atual, de 1984, prevê penas de até três anos de prisão para mulheres que abortarem e de até oito anos para os médicos. A interrupção voluntária da gestação era apenas permitida no país em caso de estupro, risco de vida da mãe ou má-formação do feto —o Brasil permite a interrupção apenas nos dois primeiros casos.

Com agências internacionais

[+] GRAVIDEZ NEGADA: CORTE VETA USO DE EMBRIÃO SEM AUTORIZAÇÃO PATERNA

Uma britânica que lutava na Justiça pelo direito de usar, sem a permissão do ex-namorado, embriões criados a partir de células sexuais dos dois, perdeu a batalha judicial ontem. A última instância à qual Natallie Evans podia recorrer, a Grande Câmara da Corte Européia de Direitos Humanos, negou o pedido dela, pois entendeu que a resolução não violava o direito a "uma vida familiar", previsto na Convenção Européia de Direitos Humanos, e que o embrião não poderia ser usado sem o consentimento do ex-parceiro. A britânica e o ex-namorado Howard Johnston decidiram congelar embriões quando Evans recebeu a notícia de que tinha um câncer no ovário, cujo tratamento a deixou infértil. Os embriões devem ser destruídos. Foi o primeiro caso envolvendo questões ligadas a tratamento de fertilidade decidido pela corte

ANEXO 4

FOLHA DE S.PAULO — SEXTA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2007 — mundo A11

Lula quer pacto com Chávez sobre álcool

Brasileiro tentará convencer venezuelano de que produção do combustível na região favorece ambiente e gera empregos

Tema será discutido na cúpula energética da América do Sul, daqui a dez dias; álcool foi alvo de ataques de Chávez e Fidel

CLÓVIS ROSSI
COLUNISTA DA FOLHA

Às vésperas de uma cúpula energética sul-americana na Venezuela, dias 16 e 17, e no meio de um tiroteio verbal do presidente Hugo Chávez contra o álcool (muito amplificado pelo cubano Fidel Castro), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva adotará o estilo "paz e amor": defenderá junto a Chávez (Cuba não participa) o que seu assessor diplomático Marco Aurélio Garcia define como "pacto positivo".

Tradução: nada de bate-boca ideológico com Chávez, que jura que a extensão de cultivos que geram biocombustíveis pode levar à fome no mundo, porque invadirá áreas hoje usadas para plantar alimentos.

O governo brasileiro acha o argumento —de Fidel como de Chávez— despropositado, mas não usará linguagem agressiva para demonstrá-lo. Ao contrário, Lula dirá que, na América Latina, o álcool, de que o Brasil é campeão tanto em produção como em tecnologia, é perfeitamente compatível com os combustíveis fósseis (leia-se: petróleo, de que a Venezuela é grande produtora e do qual depende a sua economia).

Os argumentos de Lula, antecipados por Marco Aurélio, tentarão demonstrar que os biocombustíveis são positivos sob qualquer ângulo.

São positivos para o ambiente, na medida em que reduzem a emissão dos gases do efeito estufa, que causam o aquecimento global, transformado em fantasma número 1 do planeta desde o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. São positivos também para enfrentar efeitos das políticas econômicas das últimas décadas, quais sejam a estagnação do emprego e a concentração de renda.

27.fev.2007/Efe

Chávez com Fidel, que publicou dois artigos afirmando que uso do milho para produção de álcool nos EUA gera insegurança alimentar

A tese de Lula, sobre a qual Marco Aurélio já produziu vários textos, é de que o plantio de cana (ou outros cultivos aptos para gerar biocombustíveis) ajuda a fixar o homem no campo ao lhe proporcionar emprego e por extensão renda.

O governo brasileiro confia em que Chávez será convencido, até porque era um entusiasta do álcool até faz pouco, como o demonstram três fatos, listado anteontem pelo jornal "Miami Herald":

1 - Há apenas sete meses (agosto de 2006), a PDVSA, a estatal venezuelana de petróleo, assinou acordo com a Petrobras para o fornecimento a longo prazo de etanol como substituto para a gasolina.

2 - Mais recentemente, Chávez impulsionava projeto de cinco anos para plantar cerca de 700 mil acres com cana-de-açúcar para produzir álcool, com apoio técnico do Brasil e de Cuba. Quinze novas usinas de açúcar estavam no papel.

3 - No começo de março, antes, portanto, dos ataques de Chávez e Fidel ao etanol, Cuba e Venezuela anunciaram um acordo para construir 11 usinas de álcool na Venezuela, usando a experiência cubana.

Esse retrospecto leva à óbvia avaliação de que os ataques ao álcool por parte de Chávez e de Fidel se devem ao fato de o inimigo-mor de ambos, o presidente norte-americano George W. Bush, ter se associado ao sonho de Lula de usar o biocombustível para o que o brasileiro chama de "um novo momento para a humanidade".

Ou seja, Chávez e Fidel estão usando o etanol como "combustível ideológico, quando deveria ser só combustível", ironiza Marco Aurélio Garcia.

Ainda assim, Lula será cuidadoso com Chávez porque, na avaliação de seu assessor, o governo dele "é positivo para a Venezuela, qualquer que seja a análise que se faça do socialismo do século 21 ou de sua diplomacia".

Banco do Sul

Mas os cuidados para não melindrar o verborrágico Chávez não impedem que o presidente brasileiro explicite sua frontal divergência com a rapidez com que o venezuelano quer pôr de pé o Banco do Sul.

O Brasil acha que o banco pode até fazer sentido, mas no marco de uma integração financeira mais abrangente, que inclua, por exemplo, estender a toda a América do Sul o mecanismo de desdolarização das trocas comerciais em implantação entre Brasil e Argentina. Ou mecanismos conjuntos contra ataques especulativos.

Para conter o ímpeto de Chávez em relação ao Banco do Sul, ficou combinado com o presidente equatoriano Rafael Correa, durante sua estada anteontem em Brasília, que ele, como economista que é, convocará ministros da Fazenda sul-americanos para reuniões destinadas a examinar o projeto de integração financeira, o que fatalmente levará ao adiamento do projeto do banco, que se transformou em menina-dos-olhos de Chávez.

Primeiro livro do papa cita Marx e diz que ricos saquearam África

Em 'Jesus de Nazaré', Bento 16 mostra importância atual do bom samaritano

DA REDAÇÃO

Em seu primeiro livro como papa, Bento 16 condena o saque espiritual e material da África. Também cita Karl Marx para ilustrar que a parábola bíblica do bom samaritano tem relevância ainda nos dias de hoje.

"Jesus de Nazaré", que chega às livrarias italianas em 16 de abril, quando o pontífice comemora 80 anos, também afirma que a humanidade precisa redescobrir como ser boa.

A referência ao filósofo alemão fundador do comunismo moderno está no sétimo capítulo, aponta um excerto publicado pelo jornal "Corriere della Sera", propriedade do mesmo grupo que editará o livro em italiano, alemão e polonês.

"Marx descreve a alienação humana de uma maneira drástica. Ainda que limite seu raciocínio à esfera material, dá uma imagem clara do homem que cai vítima de ladrões."

O livro —descrito pelo papa como um trabalho pessoal sobre a vida de Cristo para católicos em geral— traz a reflexão de Bento 16 sobre a parábola do bom samaritano, que resgata e cuida de um estranho que foi roubado e agredido.

"Não é verdade que o homem, durante sua história, encontra-se alienado, mutilado, abusado?" O papa amplia sua opinião aos dias de hoje: "Se aplicarmos isso a um mundo globalizado, veremos como é um problema nosso que as populações da África tenham sido roubadas e saqueadas".

Os ricos, escreve Bento 16, deixaram os pobres desnudos e os machucaram espiritualmente. "Em vez de darem o Deus que é próximo a nós em Cristo, trouxeram o cinismo do mundo sem Deus, onde só o poder e o lucro importam."

Em outro trecho, Bento 16 diz que "destruímos o critério moral, então a corrupção e o desejo por poder sem escrúpulos se tornaram algo óbvio".

O papa crítica o estilo de vida dos ricos, citando "vítimas de drogas, de tráfico humano, de turismo sexual, pessoas destruídas no interior, que são vazias apesar da abundância de bens materiais".

"Devemos aprender o risco de ser bom; podemos fazer isso se encontrarmos o bem dentro de nós", escreve o papa às vésperas de completar dois anos no cargo mais alto da igreja.

Com agências internacionais

Pinto Lopes/Associated Press

Papa lava pé de um homem em cerimônia da 5ª-Feira Santa

trechos

» Karl Marx descreve a alienação humana de um modo drástico, embora limitando seu raciocínio à esfera material não consiga atingir as profundezas da alienação, providencia uma imagem clara do homem que cai vítima de ladrões

★

» Se aplicarmos a parábola do bom samaritano às dimensões da sociedade globalizada de hoje, nós veremos que as populações da África foram saqueadas, e isso nos preocupa intimamente

★

» Em vez de lhes dar o Deus deles, o Deus que é próximo a nós em Cristo, (...) levamos o cinismo de um mundo sem Deus, onde só o poder e o lucro importam

★

» Não é verdade que o homem encontra-se alienado, mutilado, abusado?

Trechos do "Jesus de Nazaré"

REINO UNIDO

Londres processa 3 por atentados

DA REDAÇÃO

Três homens se tornaram ontem os primeiros suspeitos processados por participação no planejamento dos atentados suicidas que mataram 52 pessoas em Londres em 2005. A polícia também anunciou que o plano inicial dos terroristas que explodiram bombas no metrô e em um ônibus de Londres no dia 7 de julho incluía locais turísticos da cidade.

Os processados são de West Yorkshire, no norte da Inglaterra, a mesma região em que moravam os quatro suicidas. São eles, Mohammed Shakil, 30, Sadeer Saleem, 26, e Waheed Ali, 23. Os dois primeiros foram presos no dia 22 de março quando se preparavam para viajar para o Paquistão. O terceiro foi preso na cidade de Leeds, no mesmo dia.

Com agências internacionais

Sergei Karpukhin/Reuters

Pôster mostra Putin e o pai do novo presidente, de 30 anos

TCHETCHÊNIA

HOMEM DE CONFIANÇA DE PUTIN TOMA POSSE

Ramzan Kadyrov, 30, assumiu ontem a presidência da Tchetchênia cercado de controvérsia, principalmente porque suas tropas são acusadas de abusos contra os direitos humanos. O representante do governo federal para a região sul transmitiu os cumprimentos do Kremlin, mas deixou claro que espera que Kadyrov dance conforme a música de Putin. Citando seu pai, Akhmat Kadyrov, presidente da Tchetchênia assassinado em 2004, disse que confiança é seu único prêmio. "O poder não é um objetivo, mas instrumento para nossos objetivos."

COLÔMBIA

Itamaraty segue caso de brasileiro preso

DA REDAÇÃO

O Itamaraty informou ontem que a Embaixada do Brasil na Colômbia acompanha o caso do brasileiro Michael Cuello Souza, preso por autoridades colombianas sob a acusado de integrar as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Segundo a chancelaria brasileira, a embaixada presta ao detido a assistência consular cabível.

Souza foi preso anteontem perto da fronteira sudeste com o Brasil e é acusado de haver participado, como membro das Farc, do ataque a uma base militar no departamento de Putumayo, em junho de 2001. Na ação, 37 soldados morreram e 19 outros ficaram feridos.

Segundo a Colômbia, o brasileiro atua nas Farc desde 2000. Um vídeo em que aparecem os detidos no ataque foi divulgado.

MÉXICO

Bispo condena voto a favor do aborto legal

DA REDAÇÃO

O bispo-auxiliar da Arquidiocese do México Marcelino Hernández declarou ontem que os legisladores que votarem a favor da legalização do aborto na Cidade do México serão automaticamente excomungados assim que ocorrer a primeira interrupção de gravidez respaldada por lei. O clérigo completou que, para a excomunhão, não é necessário nenhum procedimento canônico. "Eles próprios se excomungarão."

Segundo reportagem publicada ontem pelo jornal mexicano "El Sol", duas em cada dez mexicanas já abortaram, e essa é a sexta causa de morte materna no país. Anualmente, são feitos cem mil abortos no México— em média, 273 por dia e um a cada 7,5 minutos.

Com agências internacionais

PÁSCOA AMERICANA

Flórida devolve direitos civis a ex-criminosos

DA REUTERS

O governo da Flórida decidiu ontem pelo fim da prática de interditar a criminosos que já haviam cumprido suas penas uma série de direitos civis, entre eles o de votar.

A Comissão de Clemência da Flórida decidiu, por três votos contra um, restituir os direitos civis de 950 mil ex-criminosos. Os casos mais graves, como assassinatos e estupros, terão de ser revisados formalmente antes de obterem a permissão.

A proibição existia há 140 anos. A Flórida era um dos três Estados americanos a manter barreiras a ex-condenados. "Nós devemos ter um sistema que permita a essas pessoas voltar a ser membros produtivos da sociedade", disse o governador republicano, Charlie Crist, lembrando que era tempo de Páscoa e perdão.

ANEXO 5

DIRITTI UMANI
IL CASO RUSSIA

LA SFIDA I dimostranti avevano deciso di scendere in piazza Pushkin nonostante i divieti

FRONTE UNITO Il campione di scacchi guida un'opposizione eterogenea: dagli ultracomunisti ai nazionalisti

Mosca, pugno di ferro al corteo contro Putin

Scontri e arresti. Fermato lo scacchista Kasparov, leader del movimento di opposizione

DAL NOSTRO CORRISPONDENTE

MOSCA — Novemila agenti in assetto da guerra e l'ex campione del mondo di scacchi Garry Kasparov, ora leader politico, trascinato davanti al giudice per aver gridato slogan contro il governo. Altri duecento manifestanti finiti nei cellulari mentre cercavano di dar vita a una marcia contro Putin. È finita così la giornata di protesta organizzata dal comitato che, sotto la guida di Kasparov, riunisce tutte le forze d'opposizione, dagli ultracomunisti ai democratici, ai nazionalisti di estrema destra. Tutti dentro «L'altra Russia», quella che non vuole essere assimilata a quell'ottanta per cento di elettori che approva incondizionatamente il presidente Putin.

PAURA — Un'opposizione marginale, destinata a incidere poco. Ma che comunque sembra fare molta paura al Cremlino, viste le contromisure. Nessuna apparizione in tv per Kasparov o per Mikhail Kasyanov, l'ex premier che pure lotta contro Vladimir Vladimirovich. E nemmeno la possibilità di organizzare manifestazioni pubbliche nell'anno delle elezioni parlamentari fissate per dicembre.

Il comitato organizzatore aveva richiesto piazza Pushkin, una delle più centrali e famose della capitale. Già a San Pietroburgo una loro manifestazione era stata proibita. Il corteo avrebbe infatti creato problemi al traffico e allo shopping. A Mosca la piazza non è stata concessa perché pochi minuti prima era stata richiesta per un'altra manifestazione, questa volta di un gruppo di giovani putiniani. Della marcia neanche a parlarne.

FUTURO — Per il futuro, poi, si attende l'approvazione di una legge che vieterà qualsiasi manifestazione nei pressi di luoghi e monumenti di interesse storico, artistico o culturale. Vale a dire che eventuali riunioni si potranno fare solamente in estrema periferia. E all'aperto, perché al chiuso gli organizzatori dovranno assicurarsi che ogni manifestante abbia a disposizione una sedia.

Così Kasparov e i suoi hanno deciso di scendere in piazza lo stesso, per fare sentire in qualche modo la loro voce. Si sono avvicinati a gruppetti a piazza Pushkin, ma sono stati subito intercettati dagli Omon e dalle altre forze di sicurezza. Intanto in un'altra zona di Mosca, sulle ex colline Lenin (tornate «Colline dei Passeri», come prima della rivoluzione) si riunivano quindicimila fedelissimi del presidente.

Kasparov è stato arrestato e trascinato davanti al giudice, trattenuto per ore, poi multato di 39 dollari e rilasciato nella notte. In una pausa ha potuto parlare: «Oggi il regime ha svelato il suo vero volto. Noi comunque siamo riusciti in qualche modo a far sentire la nostra voce».

OLIGARCA — Una scusa in più per intervenire contro la manifestazione era stata fornita venerdì dall'ex oligarca Boris Berezovskij, rifugiato a Londra.

In un'intervista aveva parlato della necessità di «abbattere il regime con la forza». Frase poi ridimensionata dopo le proteste. Berezovskij ha precisato che voleva riferirsi a manifestazioni pacifiche come quelle svoltesi in Ucraina o Georgia negli anni scorsi. Ma il danno è stato fatto, come hanno subito notato anche esponenti dell'opposizione russa. E Putin, nella dacia di Stato a San Pietroburgo con Berlusconi, può dormire sonni tranquilli, anche se oggi una nuova marcia è in programma proprio nella ex capitale sul Baltico.

F. Dr.

DIVIETO

Il Cremlino aveva vietato ogni manifestazione nel centro della capitale Novemila agenti in assetto di guerra bloccano la protesta

9.000
Gli agenti in tenuta antisommossa mobilitati per impedire qualunque manifestazione nel centro di Mosca. Gli «Omon», come sono chiamati in Russia, hanno usato le maniere forti contro gli oppositori

200
Gli oppositori fermati in piazza Pushkin, a Mosca, durante la manifestazione antigovernativa di ieri. Tra loro, anche il celebre campione di scacchi Garry Kasparov

IL PERSONAGGIO

La fronda di Garry il campione «Le mie mosse per la rivoluzione»

Mossa da finto kamikaze. Gli scacchisti la chiamano «automatto»: il bianco Kasparov muove e obbliga il nero Putin a dargli matto. Se la piazza Pushkin di Mosca fosse una scacchiera e quei due si sfidassero davvero alla pari, per leggere lo scacco di ieri ci starebbe un Paolo Maurensig, un narratore dell'eterno gioco di chi mangia e di chi sta mangiare. Perché ormai c'è del romanzesco fra le variazioni, gli scalzamenti, gli attacchi di scoperta che da un paio d'anni lo sfrontato pedone Garry cerca di portare al potente re Vladimir. Però, c'è il però. E nella Russia che gli oppositori li spedisce ancora in Siberia (Mikhail Khodorkovskij) o sottoterra (Anna Politkovskaya), dove l'unica regola è che il re può tutto e tutti gli altri possono poco, anche un campione irruente, fantasioso, immaginifico come Kasparov se lo chiede tutti i giorni: può un semplice pedone mangiarsi il re? No, che non può. «Sono pur sempre uno scacchista — ha detto qualche mese fa — e so calcolare le mie mosse. Al momento, non ho molte chance».

Cinquemila, più o meno. Cinquemila cavalli e torri e alfieri disposti a sostenere nella sfida impossibile a «un osceno regime di soldi, potere, sangue e immunità», a un potere che i sondaggi accreditano d'un 80% di consensi. A 44 anni, costruendosi una nuova carriera, Garry ha fondato il Fronte civico unito e gli è andata subito male: il principale finanziatore era Leonid Nevslin, granmandarino del petrolio Yukos, costretto alla fuga in Israele per evitare le galere di Putin. Ora, riecco a organizzare le «marce di quelli che non ci stanno», proporre la disobbedienza elettorale, ispirarsi alle grandi alleanze cilene (1988) contro la dittatura di Pinochet, guidare la fronda al Cremlino dove nel 2008 si dovrà per forza cambiare inquilino, «perché Putin non può candidarsi una terza volta, ora dovrebbe fare la sua mossa, scegliersi un successore e rinunciare, se fosse un uomo capace di scelte simili». La casa dello zar è inespugnabile, per un'opposizione ignorata da giornali e tv e che porta in piazza più politicotti che sostenitori. 2.500 in dicembre a Mosca, 4 mila in marzo a San Pietroburgo, poco di più ieri in piazza Pushkin... A Kasparov, però, le vittorie piacciono se impossibili ed è abituato a sentirselo dire: anche quando aveva 22 anni e batté l'invincibile Anatolij Karpov, pupillo brezneviano, anche allora in Urss dicevano «abbiamo già un campione del mondo, che ce ne facciamo di un altro?». Garry Kimovic Kasparov, che in realtà si chiama Garry Weinstein ed è figlio d'ebrei armeni dell'Azerbaigian, campione del mondo lo è diventato quindici volte. Nel 1984, pareggiando con Karpov la partita più lunga della storia (sei mesi), nel 1996 sconfiggendo un supercomputer dell'Ibm programmato per dargli scacco matto, infine diventando il giocatore col più alto punteggio di tutti i tempi. «Sconfiggendo Karpov — ama ripetere — ho combattuto anche un certo sistema dello Stato e ho imparato il senso delle grandi battaglie».

Scacchista rivoluzionario alla Che Guevara? O folle come Ilyuzhinov, lo scombiccherato dittatore della vicina Calmucchia che ha disegnato a scacchiera anche le vie della capitale? Nel movimento di Kasparov c'è spazio per tutto, svastiche e falci&martello: «Questi sono distinguo da occidentali — minimizza lui — Io non voglio vincere le elezioni: mi basterebbe averle». Il Cremlino l'accusa d'essere amico degli arancioni ucraini, del miliardario in esilio Boris Berezovskij, di potenti circoli americani e del movimento Otpor di George Soros, quello che in Serbia rovesciò Milosevic. L'ex campione si difende in sarocco e accusa Putin di sfruttare le risorse naturali per interessi personali, d'alutare troppo la Cina, di strizzare l'occhio all'Iran, d'invitare a Mosca i leader di Hamas solo per alzare i prezzi del petrolio. Le sue proteste sono sempre più fastidiose: l'ambasciatore russo a Berlino ha chiesto (e ottenuto) che fosse censurata una sua intervista alla tv tedesca sulla morte di Litvinenko, la spia uccisa dal polonio. Quando giocava, Garry era pronto a farsi mangiare molti pezzi, pur di chiudere l'avversario nello scacco matto. Non è cambiato: «Con gli scacchi, calcolavo tutte le possibilità. Per la Russia, non m'interessa sapere quante chance ho».

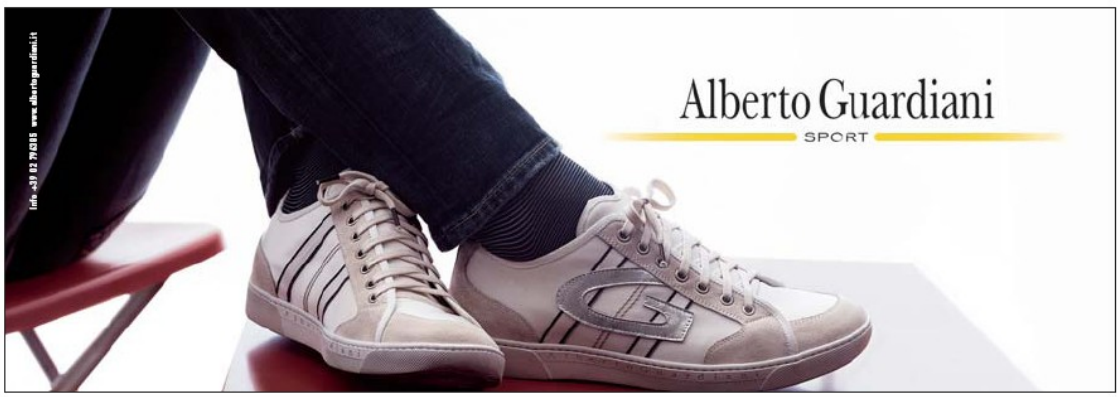
Francesco Battistini

• VERO NOME
Nato nel 1963 in una famiglia ebrea dell'Azerbaigian, Garry Weinstein si cambiò nel 1970 il cognome in Kasparov

• SCACCHIERA
Appassionato di scacchi, Garry Kasparov divenne campione del mondo battendo nel 1985 Anatolij Karpov, fino ad allora invincibile re degli scacchi

• POLITICA
L'anno scorso, Garry Kasparov ha fondato il movimento di opposizione «Fronte civico unito»

• ELEZIONI
Il suo intento è guidare la fronda anti-Putin in vista delle elezioni presidenziali del 2008 in Russia



ANEXO 6

L'UOMO DI KHAMENEI

E il negoziatore del nucleare Larijani trovò la chiave per sbloccare la trattativa

Ali Ardeshir Larijani non ha una storia di uomo del dialogo. Eppure la chiave per aprire la porta della libertà ai marinai inglesi è stato lui a procurarla. Fonti inglesi e iraniane confermano che la svolta è venuta dopo una serie di contatti — compresa una telefonata in piena notte — tra il consigliere diplomatico di Blair, Nigel Sheinwald, e Larijani, segretario del Consiglio supremo della sicurezza nazionale. Un colloquio accompagnato da missioni segrete — sembra del capo dell'intelligence turca — e intercessioni della diplomazia (Siria, Iraq, Qatar).

Una fitta trama con al centro Larijani. Che ora si ripropone quale interlocutore acui rivolgersi per affrontare i dossier che dividono l'Iran dall'Occidente. Come spesso accade in Medio Oriente sono i falchi a comE Larijani è un falco dal rostro duro. Nato nel 1958, di origine irachena, ha guidato per 10 anni la tv della Repubblica Islamica. E non ha tradito le attese dei mullah conservatori imponendo una «islamizzazione» dei programmi, censurando quelli stranieri, tenendo sotto controllo l'informazione. Un custode severo, una sentinella del potere. E non poteva essere diversamente, perché Larijani è figlio e genero di ayatollah, ha due fratelli in posizioni di prestigio. Non solo. Ha ricoperto la carica di viceministro dei pasdaran: la vicinanza ai Guardiani della rivoluzione e le posizioni radicali lo hanno proiettato in alto. Negli anni '90, la Guida Khamenei lo ha inserito nel triumvirato di ferro — insieme al numero due dell'intelligence e dei pasdaran — per contrastare il «piano per distruggere la cultura» della Repubblica islamica. Fonti dell'opposizione lo hanno associato ad operazioni clandestine per eliminare alcuni esuli.

Larijani non ha mai nascosto la sua avversione nei confronti dei riformisti: «Se i cambiamenti non sono fatti nel segno della religione, della giustizia e della moralità, non possono essere definiti riforme». Il senso è che non si devia dalla strada indicata dal leader, Khomeini prima e Khamenei dopo. Forte degli appoggi, l'alto dirigente ha partecipato alle elezioni presidenziali poi vinte da Mahmoud Ahmadinejad. Larijani si è rifatto cementando la sua posizione di segretario del Consiglio di sicurezza e di negoziatore principe per la questione nucleare. Un'altra chiave importante affidata ad un servitore della teocrazia.

I diplomatici che lo hanno incontrato sono rimasti colpiti, oltre che dall'abilità a muoversi in scenari intricati. Anche se ha spesso usato il bavaglio per la stampa, Larijani ha studiato molto l'Occidente. Parla in modo fluente l'inglese, è appassionato del filosofo tedesco Kant, sembra sapere come giocare le carte giuste con i suoi interlocutori. Specie quando ha davanti gli europei. Larijani vuol dimostrare che la scelta migliore con l'Iran è parlare e prova a inserire un cuneo nei rapporti Ue-Usa. Sediamoci ad un tavolo — è la proposta —, alla fine troveremo l'intesa. Per alcuni osservatori è un segnale da raccogliere, per altri è invece solo un trucco di Teheran, destinato a favorire la costruzione della Bomba. Con Ahmadinejad e Larijani che un giorno fanno la faccia cattiva e quello dopo offrono dolci ai prigionieri inglesi. La Casa Bianca non si fida e sottolinea che l'Iran non è cambiato ma intanto Condoleezza Rice non esclude un incontro con il ministro iraniano Manucher Mottaki. Larijani è lì che aspetta, dietro la porta.

G.O.

CENSORE

Ali Larijani, negoziatore sul nucleare: per 10 anni capo della tv pubblica, ha avuto in mano le chiavi della censura

IL RITORNO

Nella foto grande, i 15 marinai e Royal Marines britannici ieri all'aeroporto londinese di Heathrow. Appena scesi dall'Airbus della British Airways, gli ex prigionieri si sono allineati sulla pista per lasciarsi riprendere dai fotografi, e sono stati quindi imbarcati su due elicotteri della Marina. Alla base aerea di Chivenor, nel Devon, hanno riabbracciato le rispettive famiglie (foto sopra), prima di essere chiamati a rapporto per riferire quanto accaduto nelle ultime due settimane (foto Ansa, Reuters)

Sarebbe il primo messaggio del capo di Al Qaeda dal 2004

Un sito della jihad: «Presto in onda video di Bin Laden»

L'annuncio rivelato dal Pentagono

MILANO — I sostenitori di Osama e l'intelligence americana sono accomunati in queste ore dalla stessa curiosità. Bin Laden sta per apparire con un nuovo video? Probabilmente sì. Il Comando centrale del Pentagono (Centcom) ha rivelato che un sito jihadista ne ha annunciato l'imminente diffusione grazie alla casa di produzione «As Sahab», il centro che rilancia i messaggi dei leader qaedisti.

Il video segnerebbe la fine di una lunga assenza dagli «schermi» di Bin Laden. L'ultima apparizione risale all'ottobre del 2004, con un messaggio legato alle elezioni americane. In quell'occasione il Califfo del terrore apparve con una scenografia diversa da quella tradizionale, tra i monti o sotto una roccia. Osama pronunciò un discorso davanti ad un podio, simile a quello usato dai presidenti statunitensi. E invece della mimetica indossava una lunga veste gialla e bianca. Da quella data il capo qaedista si è limitato ad alcuni audio.

Nel messaggio in arrivo — afferma il sito islamista — Bin Laden dovrebbe rivolgersi ai mujahedin in Iraq e Afghanistan, al popolo palestinese per discutere «la scelta della capitolazione alla quale si è arresa Hamas». Altri temi il summit arabo di Riad, le «paure» degli Stati Uniti e dei loro alleati per la nascita del Califfato islamico in dello sceicco dei mujahedin che ci è mancato molto, così come ci sono mancati i suoi discorsi, è stata lasciata trapelare la notizia che Osama (Dio lo protegga e lo preservi, facendo una spina nella gola del nemico) farà una comparsa», si legge nel sito. Il riferimento all'assenza è una riposta agli interrogativi sulla sorte di Bin Laden. In alcuni messaggi il suo vice Al Zawahiri non lo ha citato indicando invece come guida il mullah Omar. Una dimenticanza sottolineata dalla stampa araba che avrebbe indotto Al Zawahiri a fare un riferimento al leader nel duro attacco sferrato contro Hamas.

Se davvero Osama è ancora in vita, la decisione di restare nell'ombra potrebbe essere legata tanto alle condizioni di salute (fragili) quanto alle regole di sicurezza. Ogni volta che si registra un video e lo si invia all'esterno c'è il rischio di essere intercettati. Al Qaeda, proprio con la mediazione di «As Sahab», ha messo in piedi una catena di comunicazione efficiente composta da corrieri di fiducia. Ma non si fida comunque e tende ad attribuire agli americani capacità tecnologiche infinite.

È interessante riportare, a questo proposito, le affermazioni di Muhammad Al Haksyma, un egiziano membro della Jamaa Islamya che avrebbe stretto un patto d'alleanza con Al Qaeda. In una intervista al quotidiano *Al Sharq Al Awsat* ha rivelato che Al Zawahiri da oltre quattro anni non usa alcun tipo di telefono né collegamenti Internet. Un comportamento prudente adottato fin dal 2001 dallo stesso Osama. Durante l'assedio di Tora Bora, Bin Laden avrebbe dato il suo satellitare ad un militante marocchino presto braccato dagli americani e infine catturato.

G.O.

L'ULTIMO VIDEO

L'ultima apparizione di Osama, prima delle elezioni americane nell'autunno 2004: era vestito con un mantello dorato

PAROLE E POLITICA

La svolta della Camera Usa: «Basta chiamarla guerra al terrore»

Il regolamento, voluto dai democratici, invita ad abbandonare la frase cara a Bush: «Sbagliato unire i vari conflitti»

MILANO — Tutto è nato con una nota interna della Commissione Forze armate della Camera americana. Data 27 marzo, firma del capo staff Erin Conaton. Da questo momento — è il succo — non utilizzate più termini vaghi, a cominciare dalla frase «lunga guerra» o «guerra al terrore». Ogni campagna deve avere la sua definizione: dunque «guerra in Iraq», «guerra in Afghanistan». Basta etichette troppo generiche che tendono a coprire dalla lotta ai talebani alla caccia ai predoni del deserto. L'iniziativa, sostenuta dai democratici che hanno il controllo della Commissione, va ben oltre la questione semantica. E infatti i repubblicani sono esplosi, contestando il nuovo vocabolario, sostenendo che in questo modo gli avversari tolgono forza all'azione anti Al Qaeda. «Come può l'America combattere e vincere una guerra se i democratici negano persino che abbia luogo?», ha protestato il capo della minoranza John Boehner.

Nascondendosi dietro il bisticcio sulle parole, i due schieramenti in realtà incrociano le sciabole sulle strategie di intervento post 11 settembre decise dalla Casa Bianca. I democratici ritengono che usando in modo disinvolto la definizione «guerra globale al terrorismo», Bush abbia messo insieme la legittima attività di difesa a iniziative sconsiderate. I repubblicani ribattono sostenendo che il fenomeno eversivo è su scala mondiale e dunque richieda una risposta a tutto campo.

In Iraq, in Somalia, nelle Filippine, in Iran, ovunque Al Qaeda o altre organizzazioni radicali alzano il loro vessillo.

La stessa amministrazione ha però nel corso degli anni riconosciuto l'esigenza di adeguare il vocabolario della propaganda. La «guerra globale al terrorismo» (in codice G-WOT) era già diventata «lotta globale contro l'estremismo violento» (G-SAVE), una correzione legata alla nuova realtà con Al Qaeda sbriciolata in una serie di gruppi minori, animati più da aspiranti militanti che da «soldati» a tempo pieno. Un'area grigia dove il criminale politico diventa tale solo quando compie l'attacco.

Bush ha alimentato le polemiche tirando fuori il famoso termine «islamo-fascisti», ispirato dal professore Stephen Schwartz per il quale si tratta di «coloro che usano la fede nell'Islam per coprire una ideologia totalitaria». Ma la vera palestra si è rivelata l'Iraq, con la Casa Bianca e il Pentagono (sotto Donald Rumsfeld) impegnati a rivedere la definizione dei guerriglieri. Di volta in volta sono diventati: «malvagi», «elementi del deposto regime», «feddayn Saddam», «jihadisti», «difensori di una causa persa», «estremisti islamici», «ribelli», «insorti», «nemici del legittimo governo dell'Iraq». Poi è sorto il dibattito sugli acronimi. Nei comunicati gli insorti erano i «Fre» (in inglese: ex membri del regime), ma suonava come «Free», ossia libero. E non andava bene per chi aveva servito Saddam.

In dicembre la discussione si era estesa ai risultati. Dopo aver annunciato «missione compiuta», Bush è passato al «piano per la vittoria», quindi ad «assolutamente, stiamo vincendo», infine «non stiamo vincendo, non stiamo perdendo». In Iraq non vedono l'ora di scoprire quale sarà la prossima.

Guido Olimpio

GUERRA

«Guerra globale al terrorismo» (in codice G-Wot), e «guerra al terrore» (nella foto, il crollo di una Torre l'11 settembre) sono le espressioni contestate: troppo vaghe

LOTTA GLOBALE

Bush aveva già ripiegato su «lotta globale contro l'estremismo violento». Per la Commissione Forze armate ogni campagna deve avere la sua definizione

ESTREMISTI

Altro termine controverso, «islamo-fascisti», diventato: «malvagi», «elementi del deposto regime», «jihadisti», «estremisti», «insorti»

MISSIONE

Cambia il modo di riferirsi allo stato della missione. Dopo «missione compiuta», si è passati a «piano per la vittoria», fino a «non stiamo vincendo, né perdendo»

ANEXO 7

VITTIME E ATTENTATORI

A sinistra, i soccorsi alle vittime. Sopra, il palazzo del governo. Sotto, le immagini apparse nel video-rivendicazione attribuito a Al Qaeda con i tre presunti kamikaze

ALLEANZA RADICALE Gli analisti dell'intelligence Usa concordano con gli inquirenti francesi: c'è un nuovo network radicale che dal Marocco arriva all'Egitto

La sfida dell'Arco dell'Islam Dalle terre del Maghreb riparte la guerra di Osama

Alla guida gli eredi dei salafiti: Europa nel mirino

SEGUE DALLA PRIMA

Tre si sono fatti saltare martedì a Casablanca quando hanno capito di essere stati individuati, altri sono in fuga pronti a farlo. Un gesto dal forte impatto emotivo subito superato da altri kamikaze ad Algeri.

Una serie di attentati — compresa una battaglia in Tunisia mesi fa — sullo stesso fronte. E non solo perché s'è parlato di un'unica rivendicazione, peraltro subito smentita. Gli analisti dell'intelligence al Comando Centrale (Florida) sono d'accordo con la definizione del giudice francese Jean-Louis Bruguière: «C'è un Arco dell'Islam radicale con gli estremisti algerini a far da guida». Una mezzaluna integralista formatasi in Marocco, Algeria, Tunisia, Egitto e Libia, con diramazioni verso l'Africa subsahariana. Uno dei bacini di raccolta che — dice il Pentagono — compongono il grande lago qaedista. Gli altri sono in Medio Oriente (Israele, Siria, Libano), in Iraq e nel Pakistan tribale.

La strage di Algeri, infatti, non giunge inattesa. Al Qaeda nella terra del Maghreb, la fazione nata dal disciolto Gruppo salafita per la predicazione e il combattimento (Gspc), aveva promesso morte. E morte ha dato. La formazione ha cambiato nome per elevare la sua lotta a livello internazionale anche se per ora i suoi bersagli — esclusi alcuni tecnici stranieri — sono algerini. Una mossa per regionalizzare la sua attività, legandola a quella che gli americani chiamano «Qaeda-central». Tanto è vero che Abdelmalek Droukdal, il leader del gruppo (1500 uomini), ha detto che il cambiamento è avvenuto dopo una consultazione con Bin Laden. Anzi, sarebbe stato Osama ad autorizzare la nuova offensiva. Propaganda a parte, va sottolineato che nel Gspc a confluire sotto il cartello «Qaeda» ma ben 49 gruppi di paesi diversi. Una svolta per aderire — per ora a parole — al progetto di Bin Laden che privilegia la lotta al «nemico lontano» (Usa) invece che a quello «vicino» (il regime di turno).

Al Qaeda nel Maghreb ha poi un'altra vocazione. Quella di diventare il polo d'aggregazione per altri movimenti nell'area: non di dettare gli ordini, ma di ispirare. Per questo ha curato l'addestramento degli estremisti tunisini, ha mantenuto rapporti con i marocchini, ha inviato dozzine di volontari in Iraq, ha stabilito una forte presenza in Niger e Mali, ha messo radici in Mauritania.

L'attacco di ieri va inserito in questa cornice. Gli estremisti algerini si collegano alle spinte eversive in Marocco e colpiscono il giorno 11, data nera perché ricorda i massacri di New York, Madrid, Mumbay e la fine di due uomini-bomba marocchini (11 marzo 2007). Una cabala del terrore che potrebbe però indicare le intenzioni future. Gli 007 individuano 4 scenari: attentati ad aerei, attacchi all'industria petrolifera e del gas, agguati a stranieri, operazioni all'estero. La presenza di estremisti algerini in molti stati europei (Italia inclusa) rende possibile un colpo terroristico ad effetto. Il paese più a rischio è la Francia. Le prossime elezioni e le ripetute minacce di Droukdal che inserisce Parigi nel «patto del male» con gli Usa spingono i servizi a stare in guardia. Ma ovviamente il Marocco e la Tunisia preoccupano di più. I jihadisti tunisini che volevano attaccare obiettivi occidentali si erano fatti le ossa sui monti dell'Algeria col Gspc. Quelli di Casablanca sembrano terroristi-fai-da-te, comunque pronti ad unirsi — come predicava Osama — «alla carovana combattente sulla strada di Dio». A indicargliela ci hanno forse pensato i fratelli algerini.

Guido Olimpio

La nuova confederazione

• QUARANTA GRUPPI
«Al Qaeda nella terra del Maghreb», è la fazione nata dal disciolto Gruppo salafita per la predicazione e il combattimento (Gspc): raccoglie una quarantina di sigle minori

• IL LEADER
Abdelmalek Droukdal, che sostiene di avere l'approvazione di Osama

• GLI UOMINI
In tutto, agli ordini di Droukdal ci sarebbero circa 1.500 persone

• I PAESI
La mezzaluna degli integralisti formatasi in Marocco, Algeria, Tunisia, opera anche nei vicini Egitto e Libia e ha delle importanti diramazioni nell'Africa subsahariana

• LE AZIONI
Cura l'addestramento degli estremisti tunisini, mantiene rapporti con i marocchini, ha inviato dozzine di volontari in Iraq, ha stabilito una forte presenza in Niger e Mali, ha messo radici in Mauritania

LA GIORNALISTA MINACCIATA DAL GIA

«È una prova di forza prima del voto»

Poche ore dopo gli attentati di ieri ad Algeri, rivendicati da Al Qaeda nel Maghreb, la giornalista Salima Tlemcani risponde al telefono. Salima Tlemcani non è il suo vero nome. È lo pseudonimo con cui scrive sul quotidiano indipendente *Al Watan* dal 1994 per paura di essere assassinata dai fondamentalisti islamici. Durante la guerra civile, ha denunciato gli omicidi di intellettuali da parte dei fondamentalisti, gli stupri delle donne, i massacri degli «infedeli». Per questo il Gia (Gruppo islamico armato) la inserì in una lista nera pubblicata su web: dei 22 nomi, 10 sono stati eliminati. Eppure la voce di Salima non è scossa. Cammina con un'amica nel centro della città. Si ferma a parlare.

Non teme che il conflitto tra l'esercito e gli islamisti che fece 200.000 morti in Algeria dal 1992 al 2002 possa riesplodere?

«Il confronto in qualche modo non è mai finito. Questi gruppi non hanno mai cambiato le loro posizioni. Ora sono soprattutto legati ad Al Qaeda e vogliono dimostrare la propria forza in tutto il Maghreb. Gli estremisti islamici sono forti e ben organizzati. Ma anche dopo questi attacchi credo che il nostro Paese sia più sicuro oggi in confronto agli anni '90. Un attentato come questo una volta era un fatto normale, quotidiano».

Le esplosioni sono avvenute a un mese dalle elezioni parlamentari.

«È tipico dei terroristi colpire prima delle elezioni e durante feste e celebrazioni. Vogliono mostrare di essere organizzati. E sperano di attrarre nuove reclute. Non mi stupirei se giustificassero l'attacco accusando il governo di essere filo-occidentale. Molti sono contrari alla politica degli americani in Iraq e gli estremisti sperano di conquistarli».

Nel 1992, i generali decisero di sospendere le legislative in Algeria dopo il trionfo al primo turno del Fronte islamico di Salvezza. Oggi è possibile la democrazia in Algeria, nel senso di elezioni e governo della maggioranza senza interferenze?

«Non può esserci democrazia finché ci sono estremisti islamici che cercano di usarla per conquistare il potere. Loro sono avversi alla democrazia, vogliono un sistema totalitario come quello dei talebani. Noi abbiamo bisogno del sostegno e della comprensione della comunità internazionale sui rischi che corriamo».

Cosa deve fare lo Stato contro gli islamisti? I sostenitori di Bouteflika dicono che ha ridotto la minaccia terroristica ma c'è chi lo accusa di abusi contro sospetti ribelli. Lei ha scritto sulla corruzione nell'esercito, gli abusi di potere della polizia.

«Gli estremisti sono ben organizzati, ma il nostro Paese è più sicuro che negli anni '90»

«Serve uno Stato forte che garantisca la sicurezza. Ma lo Stato deve anche dare alla gente più diritti, creare un sistema giudiziario indipendente, ridurre il numero di persone infelici».

Com'è oggi la sua vita?

«Cerco di stare attenta, di prendere precauzioni. Ma in realtà la mia vita è normale...»

Salima si interrompe per qualche minuto. Poi riprende a parlare. Spiega, ridendo, che era passato un uomo che le pareva potesse essere un fondamentalista.

Viviana Mazza

ANEXO 8

LA CRISI IRANIANA

FOREIGN OFFICE Per il ministro degli Esteri britannico Beckett è «un buon segno» che ieri non siano arrivati altri video dei 15 prigionieri

ATTACCO Il presidente iraniano Ahmadinejad: «I britannici hanno violato le nostre acque. Ma potenze arroganti sostengono il contrario»

Bush sui marinai: inaccettabile uno scambio

L'Iran annuncia che il processo agli inglesi è iniziato, poi smentisce. E Londra attenua i toni

DAL NOSTRO CORRISPONDENTE

LONDRA — La tv e le poste iraniane ieri hanno riposato. Nessuna nuova video-confessione dei quindici marinai britannici prigionieri e nessuna nuova lettera di scuse fatta scrivere alla donna del gruppo. Ma di fronte alle telecamere di una tv russa si è presentato sua eccellenza Gholamreza Ansari, ambasciatore della Repubblica islamica a Mosca. Per dire che «il processo legale è cominciato». Significa che i detenuti saranno giudicati per sconfinamento nelle acque territoriali iraniane e forse per spionaggio? Prima l'agenzia *Irna* ha accreditato questa tesi, poi ha rettificato attribuendola a una cattiva traduzione dei russi.

Il regime peraltro ha abituato la comunità internazionale al suo linguaggio obliquo e soprattutto alle voci divergenti tra la cosiddetta «ala pragmatica» e quella intransigente. E la minaccia di un processo resta. Radio Teheran ha citato un commento del presidente Ahmadinejad: «Dopo l'arresto, il governo britannico invece di chiedere scusa ed esprimere rincrescimento per l'azione ha cominciato a dire che noi siamo in debito e si è messo a gridare in diverse riunioni internazionali. Ma questo non è il modo logico e legale per uscirne».

A Londra il ministro degli Esteri Margaret Beckett, pur preoccupata dall'«agitar di sciabole» dell'ambasciatore a Mosca, ha voluto comunque leggere positivamente il fatto che ieri non ci siano state altre esibizioni pubbliche dei prigionieri. «È un buon segno che le cose si calmino, penso a questo punto tutti si rammarichino della situazione», ha detto. E già il «rammarico», che non significa scuse, sembra un segnale dopo il fiasco dei giorni scorsi, con la «grave preoccupazione» espressa dal Consiglio di sicurezza Onu (che però non ha voluto dare ragione fino in fondo a Londra) e la condanna ferma dell'Unione Europea che minaccia sanzioni commerciali.

Il Foreign Office ha mandato una nota a Teheran nella quale riafferma che i marinai erano in acque irachene al momento della cattura e invoca che come primo passo le autorità consentano ai diplomatici britannici di incontrare i prigionieri, com'è previsto dalla legge internazionale. Ma passano i giorni e sulla stampa di Londra comincia a comparire la parola tanto temuta: «ostaggi». Un incubo che ricorda quello che accompagnò la fine della presidenza Carter per 444 giorni, fino al 1981. Anche Tony Blair è a fine mandato e non ha molte opzioni in mano.

E dal passato è riemerso uno che di ostaggi se ne intende: Terry Waite, l'inviato della Chiesa d'Inghilterra che negli Anni Ottanta negoziò per il rilascio degli occidentali in Libano. Si è offerto come mediatore, ricordando che a quei tempi trattò con i Guardiani della Rivoluzione, gli stessi pasdaran che si sono portati via dieci giorni fa i marinai nel Golfo. «Con me furono impeccabili e cortesi, sono pronto a volare ancora a Teheran», ha detto. Anche se nel 1987 a Beirut fu sequestrato anche lui e restò prigioniero della Jihad islamica fino al 1991.

A questo punto quale può essere la via d'uscita? Mahan Abedin, esperto in ideologia e movimenti islamici, ricorda che il rancore iraniano per la Gran Bretagna ha radici profonde: affondano nel diciannovesimo secolo, ai tempi in cui l'impero vittoriano praticava il Great Game, il Grande Gioco per il controllo dell'Asia contro gli zar russi usando la Persia come scacchiera coloniale. Abedin avverte che ora è il turno di Teheran di giocare: «La Repubblica islamica guarda alunointeresse geopolitico, guarda all'Iraq». La posta di questo Grande Gioco allora? Qualche settimana fa gli americani hanno arrestato cinque ufficiali dei pasdaran che agivano in territorio iracheno sotto copertura diplomatica: è possibile che l'obiettivo sia quello di arrivare a uno scambio con i marinai, temono a Londra. Da Washington è già arrivato un no a questa ipotesi. «Non permetteremo al regime iraniano di sfruttare questo caso per distrarre l'attenzione dal dossier nucleare», ha avvertito il portavoce del Dipartimento di Stato Sean McCormack. E nella notte il presidente George Bush in persona ha definito «inaccettabile» la cattura degli «innocenti ostaggi britannici in acque irachene» e rifiutato qualsiasi ipotesi di scambio, esprimendo «pieno sostegno» al governo Blair.

Guido Santevecchi

LE ANIME DEL REGIME ISLAMICO

1 Ahmadinejad
Il presidente ultraconservatore, legato ai Pasdaran, insiste: «Londra deve scusarsi, invece alza la voce»

2 Khatami
L'ex presidente riformista ha invitato a «trovare una soluzione pacifica per evitare all'Iran un nuovo disastro»

3 Khamenei
La Guida Suprema non ha parlato: la prima autorità politica starebbe cercando un equilibrio tra i «poteri»

Crisi nel Golfo Decimo giorno

• LA CATTURA
Il 23 marzo 15 militari (tra cui una donna) della HMS Cornwall sono catturati dalla Marina iraniana su due gommoni dopo l'ispezione a una nave da carico. Per Teheran erano in acque iraniane

• LA CRISI
Londra chiede l'immediato rilascio. Teheran pretende le scuse britanniche. I prigionieri appaiono in due video alla tv iraniana chiedendo scusa per lo sconfinamento. Ieri gli americani hanno escluso che 5 iraniani imprigionati dagli Usa in Iraq possano essere scambiati con i 15 britannici

DIPLOMAZIA E POTERE

Scuse per gli schiavi e ritiro dall'Iraq: così Teheran ha capito la fragilità inglese

di NIALL FERGUSON

Che sia una lezione. Ancor prima che i politici inglesi avessero finito di chiedere scusa per la schiavitù, domenica scorsa, nel secondo centenario dell'abolizione della tratta degli schiavi, quindici soldati britannici sono stati presi in ostaggio dal governo iraniano. Quand'è che Tony Blair imparerà che, nelle relazioni internazionali, dimostrarsi disponibili equivale a lasciarsi calpestare?

Infatti, questo è il risultato di un eccesso di buoni propositi da parte del governo inglese. Un mese prima di esprimere il suo «profondo dolore e rammarico per il ruolo della nostra nazione nella tratta degli schiavi», Tony Blair aveva annunciato l'intenzione di ridurre il numero dei soldati inglesi in Iraq, riportandone a casa 1600 nel giro di pochi mesi. «Il prossimo capitolo nella storia di Basora — aveva dichiarato — sarà scritto dagli iracheni». Sfortunatamente, pare invece che sarà scritto dagli iraniani. E ho la sensazione che non ci chiederanno nemmeno scusa.

Fino alla presente crisi, l'Iran si ritrovava sulla graticola diplomatica. La settimana scorsa, il Consiglio di sicurezza delle Nazioni Unite ha varato nuove sanzioni per castigare il regime di Teheran, che non intende rinunciare alle sue ambizioni nucleari. Serpeggiava non poca irritazione, persino da parte della Russia, fino ad allora assai conciliante, davanti alla sfida inamovibile dell'Iran. Ma guai a sottovalutare il presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad. Per riacciuffare l'iniziativa diplomatica, ha preso di mira l'anello più debole del Consiglio di sicurezza, la Gran Bretagna per l'appunto.

Non ho il minimo dubbio che i marinai britannici fatti prigionieri il 23 marzo si trovassero effettivamente in acque irachene, e non iraniane. Gli iraniani stessi, subito dopo la cattura (e quasi involontariamente) lo hanno ammesso. Ma resta il fatto chiave che, o per sfortuna o per negligenza, quindici soldati inglesi, tra cui una donna, si trovano oggi tra le grinfie di Ahmadinejad. Di colpo, pare che il Consiglio di sicurezza non riesca a far nulla di meglio che esprimere la sua «grave preoccupazione», anche se i prigionieri si trovavano in quelle acque proprio su mandato delle Nazioni Unite.

L'ERRORE
Quand'è che Blair capirà che mostrandosi disponibili ci si fa calpestare?

L'ATTACCO
L'Iran era sulla graticola e ha preso di mira l'anello debole: la Gran Bretagna

Imbaldanziti dal colpaccio, Ahmadinejad e i suoi sgherri si divertono a costringere Faye Turney, la donna marinaio, a firmare lettere fasulle che le sono state dettate in uno stile che si avvicina a quello di Borat: «Il popolo iraniano non mi ha fatto del male, ma si sta prendendo cura di me... Malgrado il nostro crimine, mi ha trattato bene e con umanità, per la quale sono e sarò eternamente riconoscente... Non è forse venuto il momento di ritirare le nostre forze dall'Iraq e lasciare agli iracheni il compito di decidere del loro futuro?».

La storia si ripete. Le donne inglesi cadute in prigionia svolgono un ruolo centrale nell'ultimo libro di Linda Colley, *Captives: Britain, Empire and the World 1600-1850* (Jonathan Cape, 2002). Come la Colley fa notare, non furono solo gli africani a finire in schiavitù nei secoli diciassettesimo e diciottesimo. Decine di migliaia di inglesi hanno condiviso il loro destino, se cadevano nelle mani dei famigerati «Corsari di Barberia», i predoni marocchini e algerini che infestavano il Mediterraneo occidentale. La Faye Turney del 1756 fu Elizabeth Marsh, catturata davanti alla costa del Marocco e sottoposta, nel suo stesso resoconto, alle attenzioni amorose del futuro Sultano Sidi Muhammad. (Tra parentesi, che cosa aspetta il Re del Marocco a scusarsi di questi misfatti?).

A quei tempi, assai tenui erano le speranze di salvezza. Le forze armate britanniche erano disseminate su aree troppo vaste e in costante espansione per consentire missioni alla Rambo per liberare i concittadini ridotti in schiavitù o i prigionieri di guerra. L'unica speranza degli schiavi di Barberia era quella del riscatto, e a questo scopo si raccoglievano regolarmente offerte nelle chiese inglesi.

È sotto questa luce che dobbiamo interpretare i versi immortali di James Thomson: «Governa, Britannia! Britannia, governa le onde: i britannici non saranno mai schiavi». Quando furono messi in musica nel 1740, divennero l'incitamento rivolto ai governanti inglesi a conquistare per l'appunto i mari, proprio per impedire che i cittadini britannici corressero il rischio di finire in schiavitù.

Solo gradualmente, nel periodo dell'imperialismo britannico non esaminato dal libro della Colley, gli inglesi riuscirono a esercitare quel potere: non necessariamente il potere di impedire che gli inglesi fossero fatti prigionieri, bensì il potere di infliggere al nemico terribili rappresaglie per queste azioni. (Inoltre, non dimentichiamo il potere di abolire la tratta degli schiavi nell'Atlantico. Se non fosse stato per gli sforzi della *Royal Navy*, la legge approvata duecento anni fa sarebbe stata vana).

A più riprese, gli inglesi dell'epoca vittoriana seppero punire coloro che avevano avuto la temerarietà di privare della libertà i cittadini inglesi, punizioni ancor più terribili nei casi in cui la vita o (peggio ancora) l'onore delle donne inglesi fosse a repentaglio. *Nemo me impune lacessit*, era l'antico motto della corona scozzese: «Nessuno mi sfida impunemente». E difatti, divenne il motto di tutto l'Impero vittoriano.

Immagino che un briciolo di quello spirito fosse ancora vivo negli anni Ottanta. Certo, ci fu qualcosa di distintamente vittoriano nella spedizione delle Falklands: la portata dell'impresa, le distanze coperte e il numero relativamente piccolo di cittadini britannici da trarre in salvo.

Ma oggi viviamo in un mondo diverso. La Gran Bretagna non sarebbe in grado di ripetere la Guerra delle Falklands, se l'Argentina decidesse di invadere le isole domattina. Né è pensabile che potrebbe inviare una forza d'urto a punire il governo iraniano. Se ci saranno azioni militari contro l'Iran nel corso di quest'anno, saranno intraprese dagli Stati Uniti, non dal Regno Unito. E a giudicare dall'assenza di Faye Turney dalle prime pagine della stampa americana, la crisi degli ostaggi britannici non rischia affatto di diventare un *casus belli* oltreoceano.

Nell'avvicinarsi al decimo anniversario della sua elezione a primo ministro, Tony Blair invita chiaramente un confronto con la Thatcher, l'unico altro premier ad aver goduto di un mandato altrettanto lungo dal 1827 a oggi. Eppure questa nuova crisi sui marinai prigionieri, come il superfluo mea culpa di Tony Blair sulla schiavitù, mette a nudo le profonde differenze tra il bravo ragazzo e la Lady di ferro.

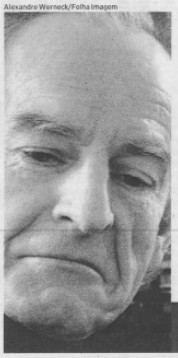
© Niall Ferguson, 2007
Traduzione di Rita Baldassarre

PROVA DI FORZA 1982: Margaret Thatcher tra i paracadutisti dei Berretti rossi a bordo di un Hercules. Quella del premier britannico per la riconquista delle Falklands fu una guerra lampo

PROVA DI DEBOLEZZA 2004: Tony Blair a Bassora. Secondo Ferguson, l'annuncio del ritiro di 1600 britannici e le scuse per la schiavitù hanno incoraggiato l'Iran alla cattura dei marinai

ANEXO 9

Alexandre Werneck/Folha Imagem



Reprodução

René Pétillon ao lado de uma de suas charges de Ségolène, em que satirizá o pendor para gafes da candidata: "Já era hora de interromper, eu acabaria dizendo besteiras"

Desenhistas traçam show da política na França

Presidenciáveis são examinados sob a lente do humor crítico da charge política

A três semanas da eleição, cartunista e quadrinista comentam uma França que, entre um e outro candidato, tem preferido o espetáculo

ALEXANDRE WERNECK
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

O cenário político francês vive um momento singular. Não só porque as eleições do próximo dia 22 podem levar ao poder a primeira presidente mulher da história da França, a socialista Ségolène Royal. E nem tanto por ela estar disputando em pé de igualdade com o ex-ministro do Interior e candidato de direita Nicolas Sarkozy.

É nem ainda pelo fenômeno François Bayrou, mais ao centro. Mas também porque, com o fim das eras François Mitterrand (morto em 1996) e Jacques Chirac e a busca por novos ícones políticos, a França parece ter feito uma opção curiosa: entre um e outro candidato, o francês tem preferido o espetáculo, a transformação de seus políticos em personagens.

Não passa uma semana sem que saia uma capa de revista sobre a juventude de Sarkozy ou a família de Ségolène.

Para os cartunistas, que se esforçam para criticar a política transformando em traços as idiossincrasias dos políticos, como todo esse teatro pode fazer algum sentido?

Veja, por exemplo, René Pétillon e Riss. O primeiro, 61 anos, publicou há pouco seu álbum "Ségolène" (Albin Michel, 13 euros na internet). O outro, 41, é o desenhista do livro "La face karchée de Sarkozy" (Vents d'Ouest/ Fayard, 14 euros, cujo título significa algo como "A face oculta e revelada de Sarkozy"), do jornalista Philippe Cohen e do advogado Richard Malka, lançado em 2006.

Convidados pela **Folha** para uma conversa conjunta, os dois concordam que a política, que sempre foi alvo do humor dos cartunistas, vem assumindo um outro desenho. E não são eles que o vêm traçando.

"Desde a época de Miterrand os franceses se interessam pela vida privada de seus políticos. O que é novo é que agora isso começa nos próprios candidatos. Ségolène deixou fazerem matéria sobre os filhos dela e Sarkozy se deixou fotografar com a mulher em casa. Há uma politização da vida privada mesmo", diz Pétillon, criador do famoso e enrolado detetive Jack Palmer.

"Ségolène" traz charges envolvendo os principais personagens políticos franceses, Ségolène entre eles. É um livro de piadas curtas, das que poderiam estar ao lado do editorial em jornais brasileiros.

Riss, ou Laurent Sourisseau, refere-se a seu personagem por seu apelido, "Sarkö": "É um personagem que se dedica sobretudo a esse jogo de encenação na mídia e essa marca é muito gritante na política atual", diz ele, repórter e desenhista ligado ao semanário satírico "Charlie-Hebdo", no qual se especializou em fazer coberturas jornalísticas em quadrinhos, entre elas a do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

No livro dele, Sarkozy aparece quase como um brinquedo do artista. O pequeno Sarkö parece uma miniatura do adulto com os mais variados interlocutores, sempre ironizando um de seus bordões, "Eu os esmagarei a todos".

CASAS BAHIA
DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ
2 PORTAS
337 Litros
DAKO
Refrigerador 2 portas Dako
Consul
Refrigerador 2 portas Frost Free Consul
Prateleiras de vidro.
402 Litros
Frost Free
REFRIGERADOR CONSUL FROST FREE 402 LITROS
0+19 R$ 139,00 MENSAIS
OU R$ 1.999,00 À VISTA
TOTAL A PRAZO R$ 2.641,00
REFRIGERADOR DAKO 2 PORTAS
0+20 R$ 79,90 MENSAIS
OU R$ 1.199,00 À VISTA
TOTAL A PRAZO R$ 1.598,00
1º PAGAMENTO DEPOIS DO DIA DAS MÃES
1º PAGAMENTO DEPOIS DO DIA DAS MÃES
JUROS PELA METADE*
1º PAGAMENTO DEPOIS DO DIA DAS MÃES
lojas abertas HOJE aproveite!
Electrolux
Refrigerador 2 portas Frost Free Electrolux
413 Litros
Frost Free
MICROONDAS ELECTROLUX 28 LITROS
0+17 R$ 29,90 MENSAIS
OU R$ 399,00 À VISTA
TOTAL A PRAZO R$ 508,80
28 Litros
Electrolux
Forno Microondas Electrolux 28 litros
REFRIGERADOR ELECTROLUX FROST FREE 413 LITROS
0+20 R$ 189,00 MENSAIS
OU R$ 2.799,00 À VISTA
TOTAL A PRAZO R$ 3.780,00
1º PAGAMENTO DEPOIS DO DIA DAS MÃES
FAÇA HOJE O SEU CARTÃO CASAS BAHIA EM QUALQUER UMA DE NOSSAS LOJAS E COMECE A COMPRAR NA HORA***.
Aceitamos cartões de crédito/débito:
E EM ATÉ 10X SEM JUROS NO CARTÃO**
Ofertas válidas de 1º/4/2007 até segunda-feira, 2/4/2007, ou enquanto durarem os estoques. Após esta data, os preços voltam ao normal. Formas de pagamento: à vista, o prazo no cartão de crédito em até 10 parcelas sem juros com 1º pagamento no vencimento do cartão e as demais de 30 em 30 dias; a prazo no carnê em 17, 19 e 20 parcelas juros de 2,95% ao mês, 41,24% ao ano) com 1º pagamento em 14/5/2007 e as demais de 30 em 30 dias. Consulte a loja mais próxima sobre outras condições de pagamento. Não cobramos taxa de abertura de crédito. Nenhuma despesa adicional, IOF incluso. Nas compras a prazo, a cliente fica sujeita à aprovação de crédito. Não venderemos por atacado. O estoque central garante o mínimo de 100 peças para cada produto anunciado. Ofertas excepcionais podem concorrer eventualmente no mesmo período com diferenças em sua comercialização, consulte a loja diante de dúvidas. Nossas lojas abrem aos domingos e em horários extraordinários em cidades autorizadas. *Condição válida para todos os produtos anunciados. **Exceto produtos HP, Sony e telefones celular, consulte a loja sobre os produtos disponíveis. ***Cartão Casas Bahia: Sem tarifa de adesão e anuidade; tarifa de manutenção somente a partir do 2º ano; até 40 dias para pagar. 24 parcelas é condição exclusiva de produtos anunciados, consulte a loja sobre produtos disponíveis, sem juros para compras em até 10 parcelas, consulte a loja sobre os documentos necessários para a aquisição do seu Cartão de Crédito Casas Bahia, a aprovação está sujeita a análise de crédito.